



BEST SELLER DE
Richard Bach
autor de



FERNÃO CAPELO GAIVOTA

nada por acaso

Richard Bach

*nada
por
acaso*

Fotografias de Paus E. Hansen

Título original Nothing by Chance

© 1969 by Creature Enterprises, Inc.
© 1978 by HEMUS - Livraria Editora Ltda.

Tradução de Norberto de Paula Lima e Danuza Scarton Rabello Alves



Digitalizado por: SCS
Completado em 18/06/2010

"Se estivermos alertas, mentes e olhos abertos, encontraremos sentido no lugar-comum; veremos propósitos definidos em situações, às quais, de outro modo, daríamos de ombros, e chamaríamos 'acaso'."

(de uma conferência por Roland Bach)

Assim, este livro é para Papai

Que tem, voejando naqueles aeroplanos barulhentos, um filho que concorda com ele.

Contracapa:

Será que as coisas realmente mudaram...

desde os dias em que os pilotos errantes levavam a alegria de voar num teco-teco de uma cidade para outra? Será que as pessoas ficaram demasiado sofisticadas para se aglomerarem em "shows" aéreos à moda antiga, ou para pagar alguns dólares para subir num pequeno biplano e verem suas fazendas e cidades lá em baixo?

Richard Bach não pensa assim, e para prová-lo, partiu com dois amigos, num verão, vagando pelo espaço.

O resultado foi um caso de amor, com centenas de homens, mulheres, e crianças descobrindo as maravilhas do "voar de verdade" e o próprio Bach, como em Fernão Capelo Gaiivota, volta ao ar para captar toda a excitação e o romance de voar, redescobrando a verdadeira beleza e força de um lindo universo.

Nota Biobibliográfica

Richard Bach nasceu em Oak Park, Illinois, mas logo mudou-se para Long Beach, Califórnia, onde frequentou o Long Beach State College. Sua paixão pelo ar e pelos aviões, e pelo vôo em si, começou já aos dezessete anos, quando polia o avião de um amigo, em troca de lições de pilotagem. Abandonou a faculdade em 1956, após um ano de curso, para se alistar na Força Aérea, ganhando seu breve em 1957. Acumulou 1000 horas de vôo em avião a jato e quando foi designado para a intendência, na base de Stead, Nevada, não se conformou a limitar-se à burocracia, e pediu baixa, em 1959. Enquanto morava em Belmont Shore, na Califórnia, ainda no ano de 1959, começou a escrever *Fernão Capelo Gaiyota*, que veio a ser publicado em 1968, transformando-se em grande *bestseller*, e depois, filme de sucesso. Depois de trabalhar por algum tempo como redator técnico da Douglas Aircraft, alistou-se ainda na Guarda Aérea Nacional, enquanto trabalhava como editor da revista *Flying*. Quando sua unidade da guarda foi convocada, no governo do presidente Kennedy, durante a crise de Berlim, Bach passou um ano na França, voando em missões da OTAN. De fato, entre 1959 e 1969, além destas atividades, teve outras, bastante diversificadas, assim como trabalhar para os correios, ser escritor *freelancer*, e o Diretor da Associação de Aeroplanos Antigos. Ao voltar da França, desmobilizado, mudou-se para Iowa, para tornar-se editor da revista *The Antiquar* ("O Antiquário"), dedicada a aviões antigos. Foi através desta revista que descobriu as alegrias de pilotar um biplano, onde começou a ter idéias de arranjar um biplano e partir para as aventuras narradas em *Biplano e Nada por Acaso*.

Bach está brevetado como piloto comercial, com licença para aviões mono e multimotor, vôo por instrumentos e como Instrutor de Vôo. Já tem 3000 horas de vôo, mas ainda sente que mal começou a perceber o significado de voar. Sua esposa, Bette, também pilota aviões, possuindo seu próprio teco-teco, Aeronca Champ. O casal tem cinco filhos.

Seu primeiro livro publicado, *Estranho à Terra*, em 1963, foi condensado pelo "Reader's Digest" e incluído na antologia *Best Book of True Aviation Stories*. Nesta obra, vemos, além da "filosofia" toda peculiar dos grandes apaixonados pela aviação, o bom-humor que sempre os acompanha, para poder conviver com suas companhias mais constantes: o medo, a solidão e a noite. Vemos as razões que levam o homem a abandonar seus hábitos terrestres e voar, enfrentando todas as tensões da decolagem, por alguns momentos de liberdade. E enfrentar os cuidados da aterragem, sempre com a mesma serenidade com que se verificam os instrumentos durante o vôo...

Recusou graduação honorária pela Embry-Riddle Aeronautical University, confessando que havia apenas um certificado que ele cobiçava: "Mecânico de Aviação".

Mas, foi em 1964 que Richard Bach voltou as costas à segurança e ao conforto da aviação moderna, juntando-se aos pioneiros. Vendeu seu monoplano moderno, comprou um biplano 1929 e começou a cruzar o continente, voando sozinho da Carolina do Norte em direção a Los Angeles. Com sua experiência prévia, era apenas questão de curiosidade e desafio. Logo aprendeu que era preciso uma habilidade toda especial para navegar pelos acidentes geográficos e dominar os perigos de voar em meio a tempestades e aterrissagens perigosas. Seu segundo livro, *Biplano*, foi publicado em 1966. Juntamente com *Estranho à Terra*, foi escolhido pela "American Library Association", como um dos 25 melhores livros para adultos e jovens, dos anos em que foram publicados.

O enorme sucesso de *Fernão Capelo Gaivota* possibilitou-lhe comprar um avião anfíbio, um bimotor Grumman Widgeon, o que representou para ele um passo a mais em seu caminho de perfeição e liberdade, através do voo. Não visa este escritor tão-somente a sensação de aventura, mas a alegria de voar com o vento no rosto, a música do vento zunindo nos cabos de um avião de estrutura frágil, madeira e lona, e a exaltação de voar como os pássaros. Numa aplicação prática da jovial filosofia de sua vida, Bach (tataraneto de J. S. Bach) afirma: "Descubra o que você mais deseja fazer no mundo, e então faça-o"; fundou uma companhia aérea de sua propriedade, a "Transcreature Airways" (Aerovias Transcriaturas), com sete aviões, incluindo seu biplano, o anfíbio, e um jato Bede-5, de um só lugar (para o deleite do próprio Bach, como se pode depreender...). Possui um uniforme especial de capitão para si, cheio de monogramas "TCA" e asas de piloto em forma de gaivota.

Desde sua primeira experiência com o biplano, Bach não deixou de pensar num fenômeno característico dos primórdios da aviação norte-americana, os "circos aéreos" ambulantes, que apresentavam espetáculos das mais diversas acrobacias e vôos em formação, e levavam a audiência para dar uma volta, a preços baixos, ganhando, às vezes, o suficiente para ir à próxima cidade, e assim por diante; enfim, a pitoresca vida do circo, pobre, porém colorida e humana, transferida para os aviões, graças à tecnologia moderna. Muito embora este fenômeno tenha se restringido aos Estados Unidos, é uma grata recordação para todo aficionado da aviação, e por consequência, de seus "tempos heróicos".

Bach não escapou, claro, ao fascínio dos antigos pilotos errantes, com seus circos aéreos (o termo *barnstorming* se refere ao fato de sempre usarem como campo de pouso as imediações do celeiro de alguma fazenda, na falta de aeródromos, na época — entre as duas guerras — transformavam a fazenda que os recebia, temporariamente, num parque de diversões), e sempre acreditou que se poderia mesmo viver (ou sobreviver) como aqueles pilotos, aterrissando em campos, pastos, e levando as pessoas para passear num biplano, para verem suas cidades do ar, por três dólares. Ele falou muito a respeito disto, com muita gente, e as pessoas sorriam, nostalgicamente, e diziam que aqueles dias tinham passado, para sempre. Isto apenas deu-lhe mais vontade de experimentar, e na primavera e verão de 1966, partiu para a espirituosa aventura aqui narrada.

Levou como companheiro um estudante de dezenove anos, pára-quedista, e um amigo fotógrafo, num outro avião, e que simulava combates aéreos da Primeira Guerra Mundial, para a assistência. Em sua jornada, encontraram cidades nos Estados Unidos quase inalteradas, desde o tempo dos primeiros circos aéreos... e muita gente com muita vontade de ver sua própria cidade de um biplano, dando sustento a estes "ciganos do ar", de cidade para cidade, de estado para estado...

Talvez ninguém, desde Charles Lindberg, em seu livro *We*, ou Antoine de Saint-Éxupéry (*Piloto de Guerra; Correio Sul; Vôo Noturno; Terra dos Homens*; etc.), enquanto aviador-escritor, captou tão vividamente o senso de solidão de um piloto com sua máquina, ou exprimiu tão claramente a satisfação da vitória difícil e solitária contra os elementos. Trata-se de uma história do sentimento intenso de um homem que desejou confiar em madeira, lona e cabos, e em sua habilidade para recuperar, para os nossos corações e para os olhos de nossa imaginação, a maravilhosa época dos pioneiros. Recentemente, escreveu sobre estes temas em *O Dom de Voar* e em *Ilusões*.

Deixamos aqui o leitor, com a opinião do não menos imaginativo e extraordinário Ray Bradbury, um dos maiores escritores de ficção científica e fantasia, a respeito de um livro de Bach, que pode ser estendida a toda a obra deste notável aviador-poeta:

"Dick Bach não conseguiria escrever um livro sobre aviação, se ele o tentasse... se por "aviação" entendermos um mero manual de planos técnicos e exercícios... se, por outro lado, quisermos ventilar nossos conhecimentos, subir com Ícaro, descer com Montgolfier e reascender com os Wrights, abundantemente aerados e em grande exaltação, então, é claro, precisamos nos colocar nas mãos de fazendeiro de Dick Bach... Ele nunca foi Dédalo, tampouco Ícaro: estes tiveram suas peculiaridades. Mas ele foi um daqueles que viram Dédalo tentar e Ícaro fracassar e decidiu também ele experimentar, sem pensar nas conseqüências."

Aqui está, pois, o ótimo livro do próprio Dick Bach que não fala de voar, mas de planar, um feito não de máquinas, mas da imaginação.

A Editora Hemus publicou em português, além deste, os *best-sellers* de Richard Bach *Estranho à Terra* e *Biplano*.

Capítulo 1

SOB NOSSAS ASAS, o rio era cor de vinho — como o bom vinho tinto de Wisconsin. Despejava-se, num púrpura carregado, de um extremo do vale até o outro, e de volta. A rodovia saltava sobre ele uma, duas vezes; mais duas vezes, como um ousado tear, tecendo um fio de rígido concreto.

Ao longo do fio, conforme avançávamos, surgiam cidadezinhas com a cor da grama nova, ao fim da primavera, suas árvores lavando-se ao vento puro. Toda a tapeçaria do verão que começava, e, para nós, a aventura.

Voando a dois mil pés de altura, atmosfera argentina, fria e cortante, subindo acima de nossos dois velhos aviões a profundidades tais que, uma pedra jogada para cima se perderia para sempre. Lá, eu podia ver até o azul acerado-escuro do próprio espaço.

Esses dois caras confiando em mim, eu pensava, e não tenho a mínima idéia do que vai ser de nós. Não importa quantas vezes eu tente explicar-lhes, eles continuam achando que se isto é idéia minha, então devo estar sabendo o que faço. Deveria ter-lhes dito para ficarem em casa.

Nadávamos pelo ar cristalino como um por de peixinhos no oceano, com o esguio avião esporte de Paul Hansen disparando à frente a cem milhas por hora de vez em quando, e então voltando, para ficar à vista de minha máquina voadora, nacele aberta, toda vento e cabos, morosa e pintada de vermelho-fogo e amarelo-flor. Assim como soltar as rédeas de um cavalo, deixar nossos aparelhos voltear sobre a terra, e retomando ao curso lentamente, enquanto apreciávamos o devaneio, esperando encontrar o mundo dos pilotos errantes, desaparecidos há quarenta anos. Concordávamos num ponto — os grandes dias passados do circo aéreo ainda devem estar por aí, em algum lugar.

Silenciosos e confiantes, Stuart Sandy MacPherson, dezenove anos de idade, olhava pela borda da nacele à frente da minha, através de sua viseira de pára-queda para o fundo do oceano aéreo transparente. — Um circo aéreo sempre tinha pára-quadistas, não? — perguntava — e os pára-quadistas eram sempre rapazes que trabalhavam e ganhavam a vida vendendo bilhetes e pregando cartazes, não? — Tive que confirmar e não teria coragem de me colocar entre ele e seu sonho.

De vez em quando, olhava para baixo em meio ao vento, e sorria sozinho, levemente.

Voávamos por uma camada quase sólida de tempestade. O barulho de meu motor Wright Whirlwind ressoava tanto e tão firme quanto em 1929, quando era novo em folha, sete anos antes de meu nascimento, e nos embebia na fumaça de seus gases de exaustão e com a graxa quente das válvulas; éramos sacudidos pelo chicote do ar cortado pela hélice. O jovem Stu e eu tentamos trocar uma palavra aos gritos, através da distância entre nossas naceles, mas sua voz foi levada pelo vento, e ele não tentou de novo.

Aqueles pilotos errantes, estávamos aprendendo, não conversavam muito quando voavam.

O rio encurvou-se bruscamente para o norte, e nos abandonou. Avançávamos pelos campos, com suas colinas baixas, arredondadas e cobertas de capim, lagos rebrilhando ao sol, e fazendas aqui e ali.

Aí estava... a aventura, novamente. Nós três, e nossos dois aviões, éramos os remanescentes do que havia sido aberto na primavera como o Grande Circo Aéreo Americano, Especialistas em Exibições de Acrobacias Aéreas que Desafiam a Morte, Autênticos Combates Aéreos, Eletrizantes e Perigosas Evoluções de Avião, e o Incrível Salto de Pára-quadras em Queda Livre. (E mais: Pilotos Seguros, Brevetados pelo Governo, Levam Você para Conhecer sua Cidade pelo Ar. Três Dólares o Passeio. Milhares de Vãos sem Nenhum Acidente).

Mas, os outros grandes pilotos e aviões americanos tinham suas obrigações, nos tempos modernos; voaram para o futuro, partindo da Prairie du Chien, Wisconsin, deixando Paul, Stu e eu voando sozinhos, em 1929.

Se quiséssemos viver nesta época, precisávamos achar pradarias ou pastos para aterrissar, próximos das cidades. Precisávamos fazer as nossas acrobacias, e, sempre tudo por nossa conta e risco, achar passageiros pagantes. Sabíamos que cinco aparelhos, um circo completo, atrairiam multidões, em fins de semana; mas será que alguém se mexeria, durante a semana, para assistir apenas dois aviões, e sem publicidade? Nossa gasolina e óleo, nossa comida, e nossa busca do passado, e nosso meio de vida dependiam disso. Não estávamos prontos para admitir que a aventura, e o solitário autoconfiante já tinham tido seus dias.

Tínhamos jogado fora nossos mapas aéreos, bem como a época em que foram feitos, e agora, estávamos perdidos. Ali, naquele ar claro, em meio ao barulho, achava que poderíamos estar sobre o Wisconsin, ou norte do Illinois, mas era o máximo que conseguia achar. Não havia norte, nem sul, nem leste, nem oeste. Apenas o vento, de alhures, e deslizávamos à frente dele, destino incerto, circulando sobre uma cidade, uma campina, um lago, olhando para baixo. Era um estranho ocaso, fora do tempo, sem distâncias, sem direção. A América, estendendo-se de um horizonte a outro à nossa frente, ampla, grande e livre.

Mas, por fim, acabando o combustível, circulamos por sobre uma cidade com uma pequena pista de pouso gramada nas proximidades, com um posto de gasolina e um hangar, e nos preparamos para aterrissar. Eu esperava encontrar um campo de feno, porque os velhos circos sempre aterrissavam em campos de feno, mas a cidadezinha irradiava uma certa mágica soledade. RIO, estava escrito, em letras negras, numa torre de água prateada.

Rio era uma colina de árvores sobranceira às colinas baixas de terra, com os telhados abaixo do verde, e os pináculos das igrejas como mísseis sagrados, de um branco puro, pousados ao sol.

A Rua Principal estendia-se por dois quarteirões, e então mergulhava por entre as árvores, casas e as terras cultivadas.

Um jogo de beisebol fervilhava no campo da escola local.

O impecável monoplano Luscombe, de Hansen, já estava circulando sobre a pista, em seus últimos galões de gasolina. Esperou por nós, porém, para se certificar de que não mudaríamos de idéia e voássemos para outro lugar — pois se nos separássemos naquela terra desconhecida, nunca mais nos encontraríamos de novo.

A pista era construída na orla de uma colina bastante íngreme, e o primeiro quarto de sua extensão estava num aclave que deveria fazer uma boa pista de esqui, no inverno.

Fiz a curva, e aterrissei, olhando a trilha marcada na grama verde, encurvando-se em câmara lenta, para tocar nossas rodas. Taxiamos até o posto de gasolina, deserto, e cortamos, no instante em que Paul planava rapidamente sobre nossas cabeças, descendo. Seu avião desapareceu sobre o topo da colina, ao tocar o solo, mas num instante reapareceu, motor girando silenciosamente, rolando pelo aclave até nós. Com ambos os motores finalmente silenciados, não havia um ruído pelo ar.

— Pensei que nunca desceríamos — dizia Paul, enquanto emergia do Luscombe. — O que fez demorar-se tanto? Que espécie de piloto você é? Por que não arranjou um campo há umas duas horas?

Ele era um homem corpulento, fotógrafo profissional, preocupado porque as imagens do mundo não eram tão belas quanto deveriam. Sob um topete cuidadosamente penteado, de cabelo negro, tinha as feições de um gangster que procurava se comportar direito.

— Se fosse só por mim, não haveria problemas — respondi, pegando os volumes que Stu retirava do biplano. — Mas escolher um lugar de onde o avião, uma vez pousado, possa decolar... sim, senhor, esse é o problema.

— O que acha — disse Paul, deixando passar o assunto sobre o avião — devemos tentar um salto hoje, assim tarde? Se quisermos comer, precisamos tratar de arranjar alguns passageiros.

— Não sei, isso é com Stu e com você. Concordamos que hoje você seria o chefe.

— Ok, se sou o líder, digo que devemos subir e fazer algumas acrobacias, primeiro, e ver o que acontece, antes que empurremos o pobre Stu pela porta.

— Isso quer dizer que tenho de descarregar meu avião.

— Sim, Paul, isso quer dizer que você tem que descarregar seu avião.

Enquanto ele ia se desincumbir disto, uma camioneta vermelha se aproximava, saindo da pista, para o caminho de terra que levava até o posto de gasolina do campo. Havia letras vermelhas em seus flancos: *CONSERTOS AL SINCLAIR*. E, de acordo com o nome bordado em seu bolso, era o próprio Sinclair ao volante.

— Que aviões, hein? — exclamou Al, batendo a porta oca de aço, com um barulho oco de metal.

— Sim, e bastante velhos — respondi.

— Aposto que sim; querem gasolina, não?

— Daqui a pouco, talvez. Apenas estamos voando por aí, fazendo algumas exposições. Acha que seria bom tentar arranjar alguns passageiros para dar uma volta? Para o pessoal ver a cidade de avião? Uma chance de cinquenta por cento. Ele poderia aceitar ou mandar-nos embora do campo.

— Claro que estaria bem! Foi bom que vieram! Seria muito bom para o aeroporto se pudessemos fazer as pessoas virem aqui, na verdade. Até se esqueceram que *temos* um aeroporto na cidade. — Al olhou para dentro da velha nacele, por cima de sua borda de couro: — Exposições, hein? Rio é uma cidade grande o bastante para vocês? — Ele pronunciava "Rai-o". — 776 habitantes?

— 776 é ótimo — disse. — Vamos subir para fazer algumas acrobacias, e então reabasteceremos. Stu, por que não põe os anúncios agora, na estrada?

Sem dizer palavra, o rapaz assentiu, pegou os cartazes (letras vermelhas: *VOE \$3 VOE*) e saiu, em silêncio, pela estrada afora, ganhando sua subsistência.

O único meio para um piloto errante sobreviver, sabíamos, era arranjar passageiros para passear. Muitos passageiros. E o único meio de arranjar passageiros é chamar-lhes a atenção.

Precisávamos deixar bem claro que, de repente, havia algo de estranho, maluco e maravilhoso acontecendo no campo de pouso; algo que não acontecia já há quarenta anos, e poderia nunca mais acontecer. Se pudessemos acender uma centelha de aventura nos corações das pessoas daquele vilarejo, que nunca víramos, poderíamos nos permitir mais um tanque de gasolina, e talvez um hambúrguer.

Nossos motores reganharam vida, refletindo fortes ecos nas paredes metálicas dos hangares, achatando a grama para trás em dois ruidosos torvelinhos mecânicos.

Capacete fechado, visores abaixados, manetes abertas ao máximo, e os dois aeroplanos avançaram, sacudiram-se e ergueram-se do verde rumo ao azul profundo, caçando passageiros tão famintamente como lobos atrás de veados.

Olhei para baixo, enquanto subíamos, nos arredores da cidade, para ver o povo no jogo de beisebol.

Há uns dois anos, eu não teria me importado. Dois anos atrás, minha nacele era toda de aço e vidro, e controles eletrônicos, num caça da Força Aérea, de asas em flecha, que queimava 500 galões de combustível por hora, e que era mais rápido que o som. Não havia necessidade de passageiros, então, e caso houvesse, três dólares não cobririam o custo de um voo, ou uma decolagem, ou a partida do motor. Não cobriria nem mesmo o gasto com a Unidade Auxiliar de Força, que dá a eletricidade para a

partida. Para usar um caça-bombardeiro para exibições, precisaríamos de pistas de concreto de duas milhas de comprimento, um corpo de mecânicos, e um cartaz dizendo: *VOE \$12000 VOE*. Mas agora, aquele passageiro, a três dólares, era toda nossa sobrevivência: gasolina, óleo, comida, manutenção, e salário. E, neste momento, voávamos sem nenhum passageiro.

A 3000 pés sobre os milharais, começamos nossas Exibições de Acrobacias Aéreas que Desafiam a Morte. A asa branca de Paul ergueu-se rapidamente, e tive um relance brusco da barriga de seu aparelho, com faixas de óleo e poeira e, logo depois, estava mergulhando. Um segundo após, a carenagem arredondada do nariz erguia-se de novo, e subia, até que o avião se dirigisse rumo ao Sol da tarde, rugindo ao passar por meu biplano, e então, de cabeça para baixo, rodas para o alto, e então, nariz para baixo de novo, terminando a manobra. Se tivesse um bastão de fumaça a bordo, teria traçado um círculo vertical completo no céu.

Lá embaixo, em meio ao povo, imaginei um rosto ou dois olhando para cima. Se pudéssemos voar com apenas a metade das pessoas que assistiam àquele jogo, pensei, a três dólares por cabeça...

O biplano e eu giramos numa grande curva descendente à esquerda, acelerando, até que o vento começasse a silvar nos arames. A terra, verde-negra, ocupava tudo à frente do nariz, o vento fustigava meu capacete de couro e fazia os visores vibrarem, pouco à frente de meus olhos. Então, depressa de volta ao manche, o chão caiu para longe, e o céu azul era tudo o que se via. Lá em cima, olhando pela borda das asas, vi a terra girando lentamente atrás de mim, e apoiei o capacete contra o encosto do banco, para ver os campos, as casinhas e os carros se aproximando lá detrás, até que ficavam diretamente acima de mim.

Casas, carros, as torres da igreja, o oceano verde de folhagem, tudo em colorida minúcia, enquanto os contemplava lá do biplano. O vento aquietou-se enquanto estávamos indo devagar de cabeça para baixo. Vamos supor que voemos com cem pessoas. Isso perfaz trezentos dólares, ou cem para cada um. Menos a gasolina e o óleo, é claro. Mas talvez não voássemos com tantos. Aquele número significaria um em cada oito da cidade.

O mundo estava de deslocando lentamente para voltar à frente do biplano, e então para baixo dele de novo, com o vento assobiando por entre os arames.

Nas alturas, o avião de Paul estava parado no céu, seu nariz apontando diretamente para cima e toda sua máquina um peso branco-azulado na ponta de um longo fio do céu. Então, abruptamente, rompeu o seu fio, caiu para a esquerda e apontou para baixo na mesma reta.

Não era assim tão mortal quanto nossos panfletos diziam; na verdade, não há nada que um avião possa fazer que seja mortal, enquanto ficar em seu lugar adequado, que é o céu. Os únicos contratemplos aparecem quando um avião se embarafusta pelo chão.

De "loop" para "tonneau" é meio "tonneau", os aparelhos gradualmente se aproximavam dos limites da cidade, sempre perdendo altura, cada minuto cem pés mais perto daquela terra multicolorida.

Por fim, o monoplane veio contra mim como um foguete rápido e silencioso, e começamos o Autêntico Combate Aéreo da Grande Guerra, disparando em todas as direções em "tonneaux" e espirais fechadas, mergulhos, rasantes, reduções de velocidade, e "stalls". Todo o tempo, enquanto voávamos, um bastão de fumaça branca esperava, amarrado à longarina de minha asa esquerda. Embaralhamos o mundo por mais alguns minutos, misturando todo o verde e o negro, e o vento rugindo, de um lado para outro, as casas da cidadezinha ora sob esta, ora sob aquela asa.

Digamos que ganhamos duzentos dólares, líquido, eu pensava. Quanto seria, para cada um? Quanto é duzentos por três? Passei sob o monoplane, virei à esquerda, e fiquei observando Paul colocar-se atrás do biplano. Diabos, quanto é mesmo duzentos multiplicado por três? Olhei por sobre meu ombro, subindo e descendo, com ele em meu encalço, fazendo curvas fechadas para acompanhar a fechada espiral descrita pelo biplano. Bem, se fossem \$210, seriam \$70 para cada um. Setenta dólares cada, sem contar gasolina e óleo; digamos, \$60 dólares.

Naquele furacão ensurdecido de um mergulho, apertei o botão amarrado à manete. Uma fumaça branca e espessa começou a sair da asa esquerda, e tracei uma espiral da morte até o aeroporto, nivelando pouco acima das árvores. Tanto quanto se podia ver lá do jogo de beisebol, aquele velho avião tinha sido abatido em chamas.

Se tinha funcionado com cinco aviões por tão pouco, deveria funcionar o verão todo, com dois. Realmente, não precisamos dos \$60 para cada um; tudo o que realmente precisamos é da gasolina e óleo, e um dólar por dia, para a comida. Podemos sobreviver todo o verão se continuarmos assim.

Desci assim que a fumaça acabou, e rolei pela encosta abaixo até a gasolina. Uma vantagem de ser abatido, sempre, pensava, é que sempre se chega à bomba de gasolina antes.

A fria gasolina vermelha era vertida no tanque do biplano, quando Paul aterrou. Cortou o motor ao descer a colina, percorrendo os últimos trinta pés com sua hélice prateada, imóvel. Mais alto que o ruído da gasolina jorrando da mangueira sob minha luva, eu ouvia o de seus pneus sobre o cascalho que rodeava a bomba e o escritório.

Ele esperou por um momento dentro da cabine, e então saiu, devagar. — Rapaz, você realmente consegue me desorientar com aquelas curvas. Não faça curvas tão fechadas; eu não tenho tanta asa quanto você.

— Apenas tentei tornar a coisa mais real; não quer que aparente ser tão fácil, não? Quando quiser, podemos amarrar a fumaça no *seu* avião.

Uma bicicleta fez a curva, na estrada — duas bicicletas, à toda velocidade. Derraparam numa freada que amassou a grama na borracha de suas rodas traseiras. Os meninos tinham onze e doze anos e após essa chegada turbulenta, não disseram palavra. Apenas ficaram olhando para os aviões, para nós, e de novo para os aviões.

— Gostariam de voar? — Stu perguntou-lhes, trabalhando em seu primeiro dia, como Vendedor de Passeios. Com o circo de cinco aviões, tínhamos um pregoeiro, com palheta e bengala de bambu, e um rolo de bilhetes dourados. Mas isso já era passado, e agora era com Stu, que era mais dado a um tipo de persuasão mais silenciosa e intelectual.

— Não, obrigado — disseram os meninos, e calaram-se de novo, olhando.

Um cano rolou pela grama, e parou.

— Vá atrás deles, Stu, meu velho — eu disse e preparei-me para ligar o biplano de novo.

No tempo que levou para o Wright girar de novo, suave e silencioso como um grande motor Modelo T, Stu já estava de volta com um rapaz e sua esposa, um rindo do outro por serem loucos de quererem passear nessa estranha e velha máquina voadora.

Stu ajudou-os a subir na larga nacele da frente, aonde os alojou lado a lado, com um só cinto de segurança. Gritou-lhes mais alto que o barulho do Modelo T que segurassem seus óculos escuros, se quisessem olhar fora do pára-brisa, e, com esse aviso, pulou da asa e afastou-se.

Se tinham temores de voar nesta velha máquina desconjuntada, era tarde para mudar de idéia. Visores abaixados, manete para a frente. Nós três estivamos engolfados pelo som de um Modelo T enlouquecido, soprando um vento de cem milhas para trás, varrendo o mundo num borrão gramado, sacudindo de início, uma espécie de farfalhar abafado, com as velhas e altas rodas acelerando-se sobre o solo. Então, o ruído desapareceu com a terra, e ouvia-se só o barulho do motor e do vento contra nós e via-se as árvores e casas encolhendo-se mais e mais.

A terra, inclinando-se e reduzindo-se embaixo de nós, ainda eu observava esse rapaz do Wisconsin e sua mulher. A despeito de seu riso, estavam com medo do avião. Seu único conhecimento do vôo vinha das manchetes de jornais, alguma lembrança de colisões, quedas e fatalidades. Nunca haviam lido uma só notícia de um avião pequeno decolar, voar e aterrissar de novo seguramente. Eles podiam apenas ter fê que isto deveria ser possível, a despeito de todos os jornais e, com esta crença, arriscaram seus três dólares, e suas vidas. E agora, sorriam e gritavam um para o outro, olhando para baixo, apontando.

Por que era tão bonito de olhar? Por que o medo é feio, e a alegria é linda, assim tão simples? Talvez sim. Nada é tão belo como o medo dissipando-se.

O ar cheirava como um milhão de folhas de grama esmagadas, e o Sol baixava, para ser transformado de prata em ouro. Era um belo dia, e nós três estávamos contentes por estar voando pelo céu como se fosse um sonho bom e luminoso, mas detalhado e claro como nenhum sonho jamais teria sido.

Cinco minutos acima do solo, começando a segunda volta sobre a cidade, meus passageiros estavam relaxados e voando à vontade, não dando

conta de si mesmos, olhos brilhantes como os de pássaros, olhando para baixo. A garota tocou o ombro de seu companheiro, apontando para a igreja, e surpreendi-me ao ver sua aliança. Não poderia ser há muito que eles tinham saído pela porta daquela igreja sob uma tempestade de arroz, e agora era como que uma cidade de brinquedos, a mil pés lá embaixo. Aquele lugarzinho? Ora, fora tão grande então, com as flores e a música. Talvez assim fosse só pela grande ocasião.

Circulamos mais baixo, com uma última boa olhada pela cidade e planamos sobre as árvores, o ar passando macio pelas longarinas e arames, para aterrissar. Assim que as rodas tocaram o chão, o sonho foi interrompido pelo tamborilar sobre o solo duro nos sustentando, ao invés do ar, suave. Mais e mais devagar, e paramos aonde começamos, o Modelo T murmurando sozinho. Stu abriu a portinhola e soltou o cinto de segurança.

— Muitíssimo obrigado — disse o rapaz. — Foi bem divertido.

— Foi *maravilhoso!* — Sua esposa disse, radiante, esquecendo de ajustar a máscara da convenção sobre suas palavras e seus olhos.

— Gostei de voar com vocês — retruquei — minha máscara firme no seu lugar, meu próprio prazer bem dentro de mim mesmo e sob rigoroso controle. Havia tanto que eu gostaria de dizer, perguntar: Digam-me, como parece, da primeira vez... o céu estava tão azul, o ar tão dourado para vocês como esteve para mim? Viram o verde intenso da campina, como se estivéssemos flutuando sobre esmeraldas, logo depois da decolagem? Há trinta, cinqüenta anos atrás, lembram? Sinceramente, eu queria saber.

Mas assenti, sorri e disse: — gostei de voar com vocês — e foi o fim da história. Afastaram-se de braços dados, ainda sorrindo, rumo a seu carro.

— Isso é tudo — informou Stu, aproximando-se de minha nacele — ninguém mais quer voar.

Voltei dos meus distantes pensamentos: — Ninguém quer voar? — Stu, há cinco carros ali! Não podem estar todos olhando.

— Vão querer voar amanhã, dizem.

Se tivéssemos cinco aviões, e mais ação por ali, considerei, estariam querendo voar hoje mesmo. Com cinco aviões, pareceríamos um circo verdadeiro. Com dois aviões, talvez fôssemos apenas uma curiosidade.

Os saudosistas, ocorreu-me, de súbito. Quantos deles sobreviveriam, como pilotos errantes?

Capítulo 2

ERA TUDO MUITO SIMPLES, livre, e uma boa vida. Os pilotos errantes, lá nos anos vinte, simplesmente partiam com seus Jennies para o ar e voavam para qualquer cidadezinha, aonde aterrissavam. Então, levavam

passageiros para passear e ganhavam fardos de dinheiro. Que homens livres, os pilotos errantes! Que vida pura devem ter levado.

Esses ciganos, encanecidos, fechavam seus olhos e falavam-me de um sol fresco, confortável e amarelo como eu nunca vira, de uma grama tão verde, que faiscava sob as rodas, um céu azul e puro como nunca mais ficou, e nuvens mais brancas que o ar do Natal. Havia uma terra, nos velhos tempos, em que um homem podia sair em liberdade, voando para onde desejava e quando quisesse, respondendo a nenhuma autoridade, senão à sua.

Fiz perguntas e escutei atentamente os velhos pilotos, e, lá no fundo de minha mente, imaginava se um homem podia fazer o mesmo hoje, pelo grande e calmo Meio-Oeste norte-americano.

— Por nossa conta, filho — eu ouvi — sim, costumava ser grande. Durante a semana, dormíamos tarde e trabalhávamos nos aviões até a ceia, então levávamos o pessoal para passear até o pôr-do-sol, e depois. Em ocasiões especiais, hmpf, mil dólares num dia não era nada. Nos fins de semana, começávamos a voar com o nascer do sol e não parávamos, senão à meia-noite. Filas e filas de pessoas querendo voar. Uma grande vida, menino. Costumava acordar de manhã... Costurávamos as cobertas e dormíamos sob a asa... levantava e perguntava: — Freddie, aonde vamos hoje? — E Freddie... está morto, agora; um bom piloto, mas não voltou da guerra... e Freddie dizia: — De onde vem o vento?

— Está vindo do oeste — eu respondia. — Então, vamos para o oeste — Freddie falava; — girávamos o velho "Hisso" Standart, jogávamos lá dentro toda nossa tralha e lá íamos nós, contra o vento, e economizando gasolina.

— Claro, as coisas pioraram depois de algum tempo. Houve a Quebra, em '29, e o pessoal não tinha muito dinheiro para voar. Caímos a cinqüenta centavos à volta, quando antes era a cinco, e dez dólares. Não dava nem para comprar a gasolina. Às vezes, trabalhando em dupla, tirávamos gasolina de um avião para que o outro pudesse voar. Então, veio o Correio Aéreo, e, depois, as companhias aéreas precisando de pilotos. Mas por um pouco, enquanto durou, foi uma boa vida. Ora, de '21 até '29... foi muito bom. A primeira coisa que você encontrava, quando descia, eram dois garotos, e um cão. A primeira coisa, antes de todo mundo... Os olhos fechavam-se de novo, lembrando-se.

E eu sonhava. Talvez os bons velhos tempos não se tenham ido. Talvez ainda estejam esperando, além do horizonte. Se eu pudesse achar alguns outros pilotos, e uns aviões antigos... Talvez pudéssemos encontrar aqueles dias, aquele ar límpido, aquela liberdade. Se eu pudesse provar que um homem tem escolha, que se pode escolher o próprio mundo, e seu próprio tempo para viver, eu poderia mostrar que o aço, os computadores cegos, e os tumultos da cidade são apenas um lado de um modo de vida... um lado que não precisamos escolher, a menos que o queiramos. Eu poderia provar que a América realmente não está tão mudada e diferente, no fundo.

Que, sob a superfície das manchetes, os americanos ainda são um povo calmo, valoroso e belo.

Quando meu pequeno devaneio tornou-se conhecido, algumas pessoas de opinião diversas apressaram-se em pisoteá-lo até a morte. Repetidamente ouvi que não era apenas um empreendimento arriscado e impraticável, mas impossível, sem esperança de sucesso. Os bons velhos dias se foram... ora, todo mundo sabe disso! Bem, talvez tenha sido um lugar calmo e pacífico, este país; mas agora, as pessoas podem processar um estranho — e quem sabe mesmo um amigo — por uma ninharia. Como as pessoas são, agora... Vá aterrissar no campo de feno de um fazendeiro e ele vai metê-lo na cadeia, por invasão de domicílio e vai querer depois seu avião por perdas e danos, e asseverar que você ameaçou a vida de sua família, quando sobrevoou o seu celeiro.

As pessoas hoje, querem o melhor em conforto e segurança. Você não conseguiria nem pagando que eles subissem num biplano de quarenta anos, de nacele aberta, com o vento e o óleo no rosto deles..., e você espera que eles *paguem* para sofrer tudo isso? Não haveria nenhuma companhia de seguros — nem mesmo a Lloyd's, de Londres — que cobriria algo assim, por abaixo de mil dólares por semana. Circo aéreo, vejam só! Fique com os pés no chão, amigo, estamos na década de '60!

— Que acha de um salto? — perguntou Stu, e ligou-me de volta para Rio.

— Está ficando tarde — disse, e as vozes do piloto errante e dos derrotistas esfumaram-se. — Mas, raios, é um dia calmo e bom para saltar. Vamos tentar.

Stu estava pronto num minuto, alto, sério, apertando as tiras de seu pára-quadras principal, afixando o de reserva sobre seu peito, jogando o capacete no assento da frente e preparando-se para a sua parte. Um escafandrista grandalhão e desajeitado, todo fivelas e tela de nylon sobre um macacão de vôo amarelo berrante, pulou para a nacele da frente e fechou a porta.

— Tudo em ordem — falou. — Vamos.

Custou-me acreditar que, esse moço, com fogo nas ventas, tinha escolhido o curso de odontologia. Um dentista! De alguma forma, precisávamos convencê-lo de que havia algo mais na vida do que a segurança artificial de um consultório dentário.

Logo que saímos do chão, e começamos a subir, comecei a cantar "Rio Rita", mas pronunciando "Rai-o Rita". Eu sabia apenas uma parte do primeiro verso da canção, que sempre repetia, enquanto ganhávamos altitude.

Stu olhou pela borda afora, com um estranho fraco sorriso, pensando em algo bem distante...

Rita... Rai-o Rita... Noth... thing... sweetah... Rita... Oh — Rita. Eu precisava imaginar todos os saxofones e pratos mais altos que o motor.

A 2500 pés, fizemos uma curva e voamos diretamente acima do campo de pouso. Rai-o Rita... la... ri... ri-rá... la-ri... oh Rita... My baby an'me-o, Rita...

Stu voltou de seja lá qual for o reino distante em que estava, e olhou para baixo pela borda de sua nacele. Então, olhando, acomodou-se melhor e jogou cuidadosamente um rolo brilhante de papel crepom... Passou pela cauda, desdobrou-se numa longa faixa amarela-vermelha-amarela e serpenteou para baixo. Fiz um círculo, subindo, e Stu observava a fita, atento. Quando atingiu o solo, fez que sim com a cabeça e sorriu por um instante, para mim. Voltamos, em direção à região do campo, nivelando a 4500 pés. Estremeci à idéia de realmente pular para fora de um avião. Era um longo caminho para baixo.

Stu abriu sua nacele, enquanto reduzi a velocidade para diminuir-lhe o vento. Era uma estranha sensação assistir o meu passageiro, do assento da frente, sair para uma asa e aprestar-se para pular enquanto ainda estávamos a uma milha de altura. Ele ia levar tudo até o fim, e eu estava receoso por ele. Há uma diferença gigantesca entre ficar plantado no chão, conversando levianamente sobre saltos de pára-quedas, e a coisa propriamente dita, quando se está de pé na asa, sem apoio enfrentando o vento, olhando para baixo, para as pequenas árvores, casas e os fios das estradas achatados contra o chão.

Esperei bastante, até que ele se transformasse de uma cruzinha numa mancha redonda. Nenhum pára-quedas se abriu. Senti um pouco de frio. Seu corpo pode ser aquela mancha parecida com uma folha ali naquele bosquezinho que margeia o campo, ou aquela perto dos hangares. Maldição. Perdemos nosso pára-quedista.

Não lamente Stu; ele sabia com que estava brincando quando começou com o pára-quedismo. Mas, há um segundo ele estava justo ali, na asa, e agora, nada mais resta.

Seu pára-quedas principal deve ter falhado e ele não conseguiu abrir o reserva a tempo. Puxei a maneta e desci em espiral, olhando para o ponto em que ele havia desaparecido. Surpreendi-me por não estar chocado, ou com remorsos. Era simplesmente uma vergonha que tivesse acontecido assim, tão no começo do verão. Uma perda para a odontologia.

Naquele momento, um pára-quedas abriu-se, bem abaixo de onde eu estava. Apareceu tão depressa quanto Stu desaparecera da asa, um súbito cogumelo laranja-branco flutuando e deslizando leve e suavemente pelo ar.

Estava vivo! Algo acontecera. No último segundo, finalmente, abriu o pára-quedas de reserva ao vento e, a menos de um instante da morte, puxando a corda, salvara-se. A qualquer momento, agora, estaria descendo com uma terrível história para contar, e o juramento de que nunca mais pularia.

Mas o frágil cogumelo colorido ainda ficou muito tempo no ar, adejando.

Mergulhamos em sua direção, o biplano e eu, os arames cantando alto, e, quanto mais perto ficávamos do pára-quedas, tanto mais alto parecia estar do chão. Reduzimos o mergulho a 1500 pés, e circulamos à volta do homem pendurado pelos fios sob uma grande cúpula pulsante, de nylon.

Tinha ainda muita altitude a percorrer. Nunca houve nenhum problema, nunca houve nenhum perigo!

O vulto que se balançava sob o nylon acenou para mim, e eu balancei as asas em resposta, agradecido e perplexo por ele ainda estar vivo.

E enquanto estávamos à volta dele, não éramos nós que girávamos, mas seu pára-quedas, por todo o horizonte. Um sentimento estonteante.

O ângulo, claro! Por isso que ele podia ainda estar tão alto, enquanto eu, segundo o ângulo que o observava, estava tão certo de que ele havia atingido o solo... Estava olhando bem por cima dele, e o fundo era toda a terra, em volta. Sua morte foi uma ilusão.

Puxou um dos fios e a cúpula virou depressa, uma volta para a esquerda e outra para a direita. Controlava a direção do pára-quedas à sua vontade; estava em casa, no seu elemento.

Era difícil acreditar que esse famoso artista do pára-quedas era o mesmo menino de falar macio que timidamente se juntara ao Grande Circo Americano, quando foi aberto, na Prairie du Chien. Lembrei-me de u'a máxima aprendida em doze anos de vôo: Não é o que um homem diz ou como o diz que importa, mas o que ele faz ou como o faz.

No solo, as crianças, como que brotavam da grama, convergiam para o alvo de Stu.

Circulei o pára-quedas até que estava a 200 pés do chão e aí, então, conservei a altitude, enquanto o cogumelo descia. Stu balançou os pés para cima e para baixo algumas vezes, numa calistênica de última hora, antes de aterrissar.

Estava, num momento, planando suavemente no ar calmo, e, no seguinte, o chão ergueu-se atingindo-o em cheio. Caiu, rolou, e logo estava de pé de novo, enquanto o grande domo macio perdia seu formato perfeito e desabava sobre ele, como um grande monstro aéreo ferido.

A imagem do monstro murchou com o pára-quedas, tornando-se apenas um grande trapo colorido sobre o chão, imóvel, e Stu era Stu num macacão amarelo, acenando que tudo estava OK. As crianças se aproximaram dele.

Quando o biplano e eu circulamos para descer, achei que tínhamos problemas. O Whirlwind não estava respondendo à manete. Havia, provavelmente, algo de errado com sua articulação. Não era um problema grande, mas não poderia haver mais passageiros, até que estivesse consertada.

Descemos um tanto irregularmente, bordejamos a colina, e cortei o motor. Al, de *CONCERTOS AL SINCLAIR*, aproximou-se.

— Ei, aquilo foi bom! Há umas poucas pessoas aqui querendo voar no biplano. Pode levá-las ainda esta tarde?

— Acho que não — disse. — Gostaríamos de encerrar o dia com o salto de pára-quadras... para oferecer-lhes algo bonito de ver. Claro que estaremos aqui amanhã, e gostaríamos que eles voltassem.

Coisa mais estranha para eu dizer. Se aquela fosse nossa política, estaríamos feitos. Gostaria de levar os passageiros até o pôr-do-sol, mas não poderia fazê-lo com a manete naquele estado, e não seria conveniente que eles vissem que o avião precisava de reparos após cada vôo em torno do aeroporto.

Stu veio, vindo do alvo, e o biplano roubou vários de seus jovens admiradores. Fiquei perto do avião e tentei evitar que eles pisassem na tela das asas inferiores, quando eles subiam para olhar dentro das naceles.

A maioria dos adultos ficou em seus carros, olhando, mas alguns se aproximaram para ver o avião, para conversar com Paul, polindo o Luscombe, e, comigo, pastoreando as crianças.

— Eu estava no jogo da escola, quando vocês passaram por lá — disse um homem. — Meu filho estava ficando louco; não sabia se olhava para o jogo ou para os aviões; então, por fim, ele sentou-se na capota do carro, de onde podia ver ambos.

— Seu saltador... é bastante jovem, não? Não me fariam saltar de um avião por todo o dinheiro do mundo.

— É tudo o que fazem para ganhar a vida? Voam por aí? São casados, ou qualquer coisa?

Claro que tínhamos esposas e famílias tão envolvidas nesta aventura quanto nós, mas não pensamos que fosse algo que as pessoas gostariam de saber. Pilotos errantes só podem ser gente despreocupada, sem destino, colorida, de outras épocas. Quem já ouviu dizer de um cigano do ar *casado*? Quem poderia imaginar um piloto errante instalado numa *casa*? Nossa imagem exigia que nos esquivássemos à pergunta, e assumíssemos o caráter de alegres e felizes camaradas, sem pensar no amanhã. Se fôssemos nos amarrar naquele verão, seria com a liberdade, e tentávamos, desesperadamente, seguir isto à risca.

Então, respondemos com outra pergunta: — Esposa? Pode imaginar qualquer mulher deixando o marido sair voando pelo campo em aviões como estes... e nos aproximamos um pouco mais de nossa imagem ideal.

Rio mudou com a nossa chegada. 776 habitantes, com um décimo da cidade no aeroporto na tarde em que chegamos. E o biplano não podia voar.

O Sol se pôs, o público lentamente desapareceu no escuro, e fomos deixados sós com Al.

— Vocês são a melhor coisa que aconteceu a este aeroporto — disse, em voz baixa, olhando para seu avião em seu hangar. Ele não precisava falar alto para ser ouvido naquela tarde, em Wisconsin. — Muita gente se preocupa com a gente, voando nos nossos Cessnas, e não acham que são seguros. Então eles vêm aqui e vêem vocês brincando com aqueles aviões, como loucos, e pulando pelas asas, e, de repente, passam a crer que é *realmente* seguro!

— Ainda bem que podemos ajudá-lo — disse Paul, secamente. Os sapos não faziam qualquer ruído, do bosque.

— Se quiserem, podem ficar no escritório, aqui. Vou dar-lhes a chave. Não é o que há de melhor, talvez, mas é muito melhor do que ficar na chuva, caso chova.

Aceitamos, e arrastamos nossa montanha de pertences para o tapete do escritório, formando uma camada desordenada de pára-quadras, botas, sacos de dormir, "kits" de sobrevivência, cordas e sacolas de ferramentas.

— Ainda não sei como conseguimos enfiar tudo isto nos aviões — comentou Paul, ao depositar a última caixa de equipamento fotográfico.

— Se vocês quiserem uma carona até a cidade — Al disse — estou indo para lá; gostaria de levá-los.

Aceitamos imediatamente, e depois de cobrir e amarrar os aviões, subimos na traseira da camioneta do Sinclair. No caminho, com o vento soprando forte sobre nós, dividimos o ganho do dia. Dois passageiros, a \$3 cada.

— É bom que não tenhamos todos os aviões do circo. Se dividíssemos seis dólares por dez, não sobraria quase nada.

— Mas poderiam ter levado aquelas outras pessoas — respondi-lhe.

— Isso não me preocupa — contrapôs Paul. — Creio que vamos nos sair muito bem, sozinhos. E ganhamos o suficiente para jantarmos, esta noite... é tudo o que importa.

O utilitário parou na oficina de Sinclair, e Al apontou no fim do quarteirão para a lanchonete "A & W". É a única aberta até tarde, e acho que fecha às 10 horas. Vejo-os amanhã no aeroporto, OK?

Al desapareceu em sua oficina, às escuras, e fomos rumo ao bar. Desejei que, pelo menos daquela vez, pudéssemos desligar a imagem do piloto errante, pois fomos observados tão atentamente quanto uma bola de tênis em câmara lenta, pelos fregueses do "A & W".

— Vocês são os camaradas com os aviões, não? — A garçonete que arrumava nossa mesa rústica de madeira estava admirada, e eu quis dizer-lhe que esquecesse aquilo, ficasse quieta e fingisse que éramos apenas fregueses. Pedi Alguns cachorros-quentes e cerveja, acompanhando Paul e Stu.

— Vai funcionar — disse Paul. — Poderíamos ter levado vinte passageiros, esta noite, se você não estivesse com tanto medo de trabalhar com

seu avião por alguns minutos. Poderíamos ter-nos saído bem. E cá estamos! Há 5 horas, nem mesmo sabíamos que *existisse* um lugar como Rio, Wisconsin! Vamos fazer fortuna.

— Talvez, Paul. — Como líder do dia, eu não estava tão certo.

Meia hora mais tarde, entramos no escritório e acendemos a luz, ofuscando-nos, e acabando com a noite.

Havia dois divãs no escritório, que Paul e eu logo reclamamos como sendo nossas camas, sendo os membros mais graduados do Grande Circo Americano. Demos a Stu as almofadas dos divãs.

— Quantos passageiros vamos transportar amanhã? — Stu perguntou, não se incomodando absolutamente com seu baixo "status". — Vamos fazer uma apostinha?

Paul esperava por 86. Stu pensava em 101. Ri-me desdenhosamente dos dois, e disse que o número certo era 54. Estávamos todos errados, mas não importava.

Desligamos a luz e fomos dormir.

Capítulo 3

ACORDEI MURMURANDO "Rio Rita", de novo; não podia tirá-la da cabeça.

— Que música é essa? — perguntou Stu.

— Ora, não conhece "Rio Rita"? — perguntei.

— Não; nunca ouvi dizer.

— Ei... Paul, já parou para pensar que o jovem Stu provavelmente não conhece nenhuma canção da guerra? Quando você nasceu... mil, novecentos e *quarenta e sete!* Você pode imaginar, alguém que nasceu *em MIL NOVECENTOS E QUARENTA E SETE?*

— We're three caballeros... — Paul cantou, hesitante, olhando para Stu.

— ... three gay caballeros... — continuei, para ele.

—... three happy chappies, with snappy serappies...

Stu estava perplexo ante a estranha letra, e nós também, porque ele não a conhecia. Uma geração tentando se comunicar com outra pouco posterior, naquele escritório-alojamento numa manhã de Wisconsin, e não chegando a nada, não encontrando nada além de um sorriso de incompreensão de nosso pára-queda, enquanto apertava o cinto de sua calça branca.

Tentamos todo um repertório com ele, e tudo com o mesmo efeito — ... Shines the name... Rodger Young... fought and died for the men he marched among...

— Não se lembra desta canção, Stu? Céus, aonde você esteve? Não lhe demos chance para responder.

— ... Oh, they've got no time for glory in the infantry... oh, they've got no time for praises loudly sung...

— E depois? Paul estava esquecido da letra, e olhei para ele reprovadoramente.

— ... BUT TO THE EVERLASTING GLORY OF THE INFANTRY...

Seu rosto iluminou-se — SHINES THE NAME OF RODGER YOUNG! Shines the name... ta-ta-tata... Rodger Young...

— Stu, o que há com você? Cante conosco, rapaz!

Cantamos "Wing and a Prayer" e "Praise the Lord and Pass the Ammunition", só para fazê-lo infeliz por não ter nascido mais cedo. Não funcionou. Ele até parecia feliz.

Começamos a caminhada para a cidade, para o café da manhã.

— Não consigo me conformar — Paul desabafou. — Quê?

— Stu está começando tão cedo.

— Não há nada de errado com isso — respondi. — Não é quando você começa que faz o seu sucesso no mundo, mas quando você termina. É assim que são as coisas, com o circo aéreo.

O anúncio na janela do café dizia: — Bem-vindos, viajantes" — "Entrem", e, acima, um letreiro de néon, dizendo: COMA.

Era uma instalação acanhada, e dentro havia um balcão pequeno e cinco nichos. A garçonete chamava-se Mary Lou, e era uma garota de um sonho distante e belo. O mundo era cinzento, ela era tão bonitinha; apoiei-me na mesa, antes de sentar-me. Os outros não estavam sensibilizados.

— Como estão as torradas francesas? — Lembro-me de ter dito.

— Estão boas — ela disse. — Que mulher magnífica!

— Garante isso? É difícil ter uma boa torrada francesa. — Que menina mais linda!

— Claro que garanto. — Eu mesma faço. É uma boa torrada.

— Vendido. E dois copos de leite. — Ela só poderia ser Miss América, temporariamente fazendo o papel de garçonete num vilarejo do Meio-Oeste. Estava encantada com a menina, e enquanto Paul e Stu pediam o desjejum, eu ficava imaginando por que. Porque ela era linda, claro. E isto é suficiente. Mas, isso não pode ser... é mau! Dela, e de nossa concorrida estréia na Prairie du Chien, eu estava começando a suspeitar que deveria haver dezenas de milhares de mulheres fascinantes nas pequenas cidades por aí, e o que seria de mim? Sentir-me fascinado por todas elas? Deixar-me enfeitiçar por dez mil mulheres diferentes?

O que há de mau em ser um piloto errante, acho, é que se vê apenas uma superfície fugaz, uma centelha em olhos escuros, um breve sorriso luminoso. Se é tudo vazio ou uma mente totalmente diversa naqueles olhos e sorriso, é algo que leva tempo para descobrir, e, sem o devido tempo, deve-se dar o benefício da dúvida ao ser interior.

Mary Lou era um símbolo, então. Sem o saber, sabendo apenas que um dos homens da Mesa Quatro tinha pedido torradas francesas e dois leites, tornara-se uma sereia numa costa perigosa. E o piloto errante, para sobreviver precisa amarrar-se à sua máquina e força-se a ser apenas espectador, enquanto singra avante.

Permaneci todo o desjejum em silêncio.

O Wisconsin está tão arraigado em sua voz, eu pensava, é quase escocês. "Toast" (torrada) era "tousht"; "two" (dois, duas), era um suave "tu", e as batatas de meus companheiros eram "poutêitos" (inglês: "potatoes"). O sotaque do Wisconsin é escocês-sueco-americano, com as vogais arrastadas, e Mary Lou, falando assim em sua língua materna, era tão linda de se ouvir quanto de ver.

— Acho que é hora de eu ir lavar algumas roupas — Paul disse, enquanto tomava café.

Fiquei chocado, junto com minhas idéias sobre garotas.

— Paul! O Código do piloto errante! Quebraria o código lavar as coisas. Um piloto errante é um cara sujo de óleo e graxa... já ouviu falar de um piloto errante *limpa*? Homem, o que está querendo!?

— Escutem, não sei quanto a vocês, mas eu vou a uma lavanderia automática...

— LAVANDERIA! Quem pensa que é? Um fotógrafo da cidade grande, ou coisa que o valha? Podemos, no máximo, ir ao rio e bater nossas roupas em alguma pedra chata! Lavanderia!...

Mas não consegui demovê-lo da heresia, e ele foi falar com Mary Lou a respeito disso, quando saímos.

— ... e o secador funciona melhor em "médio" do que em "quente" — dizia ela em sua língua, e com um sorriso deslumbrante. — Não encolhe a roupa.

— A Grande Lavanderia Aérea Americana — Stu dizia, consigo mesmo, enquanto jogava nossas roupas na máquina.

Enquanto elas se reviravam lá dentro, ficamos andando pelo mercado. Stu parou meditativamente diante do balcão frigorífico, no fundo da sala com colunas de madeira.

— Se comprássemos uma refeição pronta — considerava — e amarrássemos no escapamento, e ligássemos o motor por uns 15 min...

— O molho se espalharia por todo o motor — Paul interrompeu.

Andamos pelos quarteirões da Rua Principal sob as folhas largas e a sombra do Rio durante o dia. A igreja metodista, branca, lançando seu

pináculo antigo acima da folhagem, ancorando o edifício no céu. Era um dia tranqüilo, calmo, e só ocasionalmente um galho se movia para alterar alguma sombra sobre a grama. Aqui, uma casa com vitrais nas janelas. Ali, outra, com uma porta de vidro oval, toda rosa e morango. Aqui e ali, uma janela emoldurava um quebra-luz de franjas e vidro entalhado. Rapaz, pensei, nada como o tempo. Isto não é um filme documentário antigo, mas aqui e agora, devagar e suavemente, fragrâncias e cores desdobrando-se pelas ruas de Rio, Wisconsin, Estados Unidos da América do Norte.

Caminhando mais um pouco, outra igreja, com as crianças no gramado, cantando. Juro que cantavam "London Bridge is Falling Down" ("A Ponte de Londres Está Caindo"). Todas de mãos dadas, fazendo a ponte, e passando por baixo. E todas ali no gramado, nem sequer relanceando para nós, como se fôssemos pessoas que tivessem viajado para trás, de um século futuro, transparentes para elas.

Aquelas crianças estiveram sempre brincando de "Ponte de Londres" naquele gramado, e continuariam para sempre. Não éramos mais visíveis, para elas, do que o ar. Uma das mulheres que tomava conta, olhou para cima, nervosa, como uma corça, não tendo certeza do perigo, e ainda não preparada para desaparecer na floresta. Não nos viu parados, olhando, exceto por seu sexto sentido; não se falou palavra, e a Ponte de Londres caiu e pegou mais duas crianças que, por sua vez, passaram a ser outra Ponte. A canção continuou, repetindo-se, e, finalmente, nos afastamos.

No aeroporto, nossos aviões esperavam tais como os havíamos deixado. Enquanto Paul dobrava cuidadosamente suas roupas, à sua maneira asseada, afundei as minhas numa sacola e saí para consertar a alavanca da manete do biplano. Levou menos que 5 min de trabalho silencioso nas calmas horas da manhã, do dia útil de um piloto errante.

Paul, que já tinha sido pára-quedista, ajudava Stu a abrir seu pára-quedas principal ao ar sereno do hangar. Quando fui ter com eles, estavam ajoelhados na ponta da grande tela de nylon, pensativos. Ninguém se movia. Simplesmente estavam sentados, pensavam, e não me davam atenção.

— Aposto que vocês têm problemas — disse eu.

— Inversão — informou Paul, ausente.

— Ah, e o que é uma inversão?

Paul apenas olhou para os cabos de nylon e pensava.

— Deixei que o pára-quedas caísse em cima de mim, ontem — Stu acabou dizendo — e quando saí debaixo, misturei os fios um pouco.

— Ah, eu podia vê-lo. O feixe de fios que ia dos arneses do pára-quedas estava retorcido.

— Ok. Solte seu Capewell — Paul disse, de repente — e tente assim. Separou um conjunto de cabos, esperançoso.

Stu soltou os arneses e fez como Paul dissera, mas os cabos continuaram retorcidos. Fez-se silêncio de novo no hangar, com pesos de graves pensares nas pontas.

Não consegui agüentar a atmosfera, e saí. Era uma boa hora, como qualquer outra, para engraxar o comando de válvulas do Whirlwind. Lá fora, nenhum ruído, exceto o sol e a grama crescendo.

Por volta do meio-dia, motor engraxado e pára-quedas desembalados, fomos pela estrada, já familiar, ao Café do COMA, sentamo-nos no nicho Quatro, para o almoço e fomos enfeitados de novo pelo encanto de Mary Lou.

— A gente se acostuma muito depressa; fica-se conhecido, não? — Paul comentou, já com seu rosbife. — Estamos aqui há um dia, e conhecemos Mary Lou e Al e quase todos sabem quem somos. Aqui sentimo-nos seguros, e poderíamos não querer ir embora.

Ele estava certo; a segurança é uma rede de certezas. Sabíamos andar pela cidade, e sabíamos que a principal indústria era a fábrica de luvas, que fechava às 4h30min e fornecia fregueses potenciais para nós.

Estávamos seguros aqui, e o temor do desconhecido além de Rio começou a insinuar-se dentro de nós. Era um estranho sentimento, para começar nesta cidadezinha. Eu o sentia, e um tanto melancolicamente comecei a tomar meu "milkshake" de chocolate.

Tinha sido o mesmo, na Prairie du Chien, uma semana atrás, quando começamos. Estávamos seguros lá, também com \$300 garantidos apenas para aparecer na data histórica, mais todo o dinheiro que porventura fosse ganho com passageiros.

De fato, pela tarde do sábado, com uma multidão emergindo do inverno, ganhamos quase \$650. Não se podia negar que fora um bom começo.

Parte da garantia, porém, era a Ousada Exibição de Vôo Acrobático à Baixa Altura, e, num momento de menos agitação, como este, eu poderia tentar o número de Pegar o Lenço.

Pegar aquele quadrado de seda do chão com um gancho de aço na parte debaixo da ponta da asa esquerda não era tão difícil, mas parecia extremamente ousado, e era um bom número a um circo aéreo.

O biplano subiu como uma bala contra o vento, que tinha caído para 20 milhas por hora. A manobra parecia certa, com todo o barulho do motor e a asa estava abaixando no instante certo; mas, a cada tentativa, eu olhava para o lado e via o gancho vazio, e, lá atrás, sobre o ombro, o lenço sobre a grama, intocado.

Na terceira vez, estava irritado com minha inabilidade, e concentrei-me ao máximo na direção da mancha branca, não vendo nada senão o borrão do solo a alguns metros abaixo, deslocando-me a 100 milhas por hora. Então, um segundo antes, inclinei a asa para baixo, esperei até que o branco ficasse borrado sob o gancho, e subi, no que deveria ser uma ascensão vitoriosa.

Mas, errei de novo. Empertiguei-me no assento e olhei para a ponta da asa, para me certificar se o gancho ainda estava lá. Estava e vazio.

Aquele pessoal esperando lá no chão deve estar pensando que este é um circo aéreo bastante medíocre, pensei, sombriamente que não tem quem consiga pegar um simples lenço velho no chão em três tentativas.

Na volta seguinte, fiz uma curva descendente fechada, num mergulho bastante inclinado, nivelando com a grama, ainda longe do lenço zombeteiro e diretamente em seu alinhamento. Vou conseguir desta vez, pensava, nem mesmo que tenha de levar o chão comigo. Olhei o mostrador da velocidade, que indicava 110 milhas por hora, e empurrei o manche um pouquinho para a frente. A grama chocava-se velozmente contra os grandes pneus, atingidos por suas sementes. Um pouquinho à esquerda, e um pouco mais baixo.

Naquele instante, as rodas atingiram o chão e com força bastante para sacudir minha cabeça e perturbar minha visão. O biplano pulou alto no ar, e eu empurrei o manche, preparando-me para baixar a asa.

Então, naquele instante, fez-se ouvir o estalido de uma grande explosão, o mundo escureceu e o motor gritou, num uivo de metal que enlouquece.

A hélice está batendo no chão eu estou caindo que aconteceu as rodas devem ter sido arrancadas eu não tenho rodas e agora a hélice está batendo no chão comendo poeira estamos virando muito depressa a terra voando para cima voando a toda potência de novo mas nada não consigo a hélice foi para terra fios árvores mato vento... De uma só vez, esta concussão de pensamentos atingiu-me. E por trás, o conhecimento mortal de que eu havia caído.

Capítulo 4

SENTI A FORÇA TREMENDA do avião se chocando contra o solo, agarrei-me à nacele, abri toda a manete e a máquina saltou de novo para o ar. A única coisa que consegui com a manete foi um grande barulho para a frente. Não havia a menor potência. O biplano tropeçava apenas com o impulso.

Não iríamos passar por cima dos fios telefônicos adiante. Era estranho. Eles estiveram próximos, a 110 mph, mas agora não estavam. Voltamo-nos contra o vento por reflexo, e, com a manete aberta, motor esbravejando a cem pés de altura, tudo reduzia a marcha. Senti o aparelho estremecer num estol, e estava bem cômico disto, sabendo que um pouco mais devagar significaria afundar o nariz no chão. Mas eu conhecia o avião, e sabia que nos manteríamos assim e desceríamos bem lentamente, contra o vento. Imaginei que as pessoas em terra estavam assustadas, pois tudo isto devia parecer assustador; uma explosão de terra e as rodas saltando fora, o estrondo estranho do motor e o grande salto para o ar antes de cair. Se bem que o único medo que eu receava era o medo deles, de como tudo deveria se mostrar, visto do chão.

Descemos em câmara lenta, de frente para o vento, sobre a grama alta. Nenhum obstáculo a evitar. A terra subiu lentamente ao nosso encontro, e, por fim, escovou-nos levemente com sua verdura. Naquele momento, o motor não mais servia, e desliguei o magneto. Deslizamos devagar pelas hastes da grama, a menos de 20 milhas por hora, e, sem nada mais a fazer, puxei toda a manete e fechei o conduto de gasolina. Não havia choque contra o chão, nem impulso para a frente. Tudo numa movimentação retardada.

Eu estava impaciente para sair e ver o que tinha acontecido, abri meu cinto de segurança, e estava de pé dentro da nacele ainda antes de nos arrastarmos até frear.

O biplano inclinou-se fortemente para baixo, a asa direita abaixada, grama e terra se espalhando pelo ar. Meu lindo maldito avião.

Estava em péssimo aspecto. A asa direita inferior era u'a massa de rugas, que só podia significar uma longarina quebrada, sob a tela. Coisa triste, ficar aqui na nacele, acabar o circo logo no começo.

Controlei-me muito cuidadosamente, para ver quando começaria a sentir medo. Depois de acontecer este tipo de coisas, supõe-se que se tenha medo. O sentimento estava demorando, e, mais que tudo, eu estava desapontado. Haveria trabalho à frente, e eu preferia muito mais voar que trabalhar.

Saí do avião, ainda sozinho no campo, antes da chegada da multidão; levantei o visor e olhei para a máquina. Não era fácil ser otimista.

Além da longarina, a hélice estava torta. As duas pás, totalmente dobradas para trás. O trem de aterragem direito solta-se, mas sem quebrar, e foi comprimido contra a asa quando descemos. Essa a extensão dos danos. Não era tão mau quanto pareceu.

Lá do outro lado do campo, os homens andando, os meninos correndo e o público vindo ver o que havia restado do avião. Bem, pensei, acho que tem de ser assim, acho que eu também desejaria vir e olhar, se estivesse no lugar deles. Mas o que acontecera já era passado para mim, e a idéia de repetir o fato de novo não me agradava. Como o medo ainda não me alcançara, passaria este tempo pensando em algo apropriado para dizer numa ocasião destas.

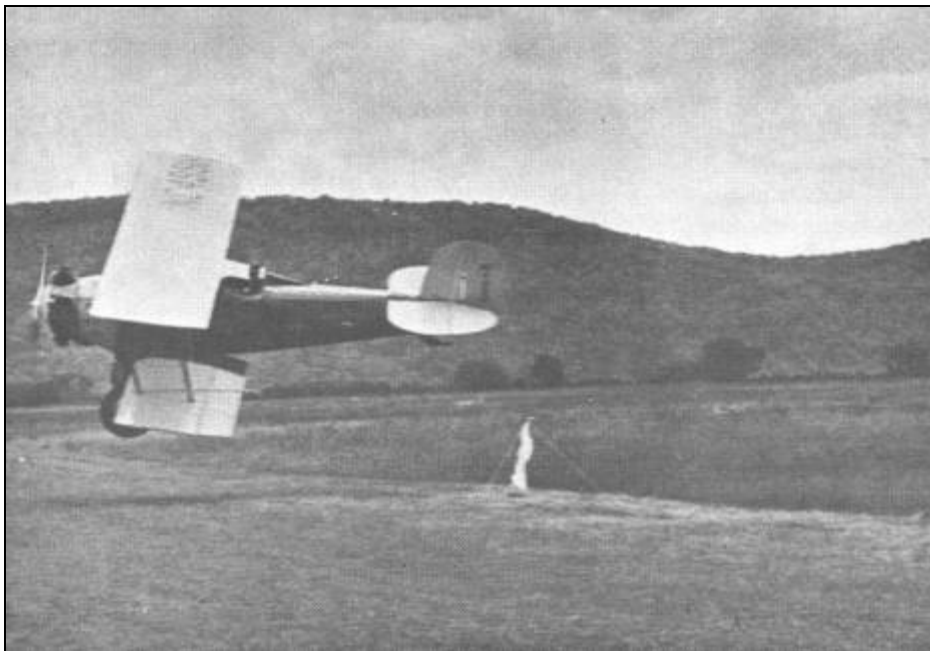
Um grande caminhão oficial passava pelo gramado ALISTE-SE NA MARINHA, e em cima dele estava montado um par de alto-falantes, para reforçar as palavras. A esta altura, ir para a marinha era muito mais atraente do que para a força aérea.

Paul Hansen foi o primeiro a chegar, câmeras em volta do pescoço, quase sem fôlego.

— Pensei... que você... estivesse acabado...

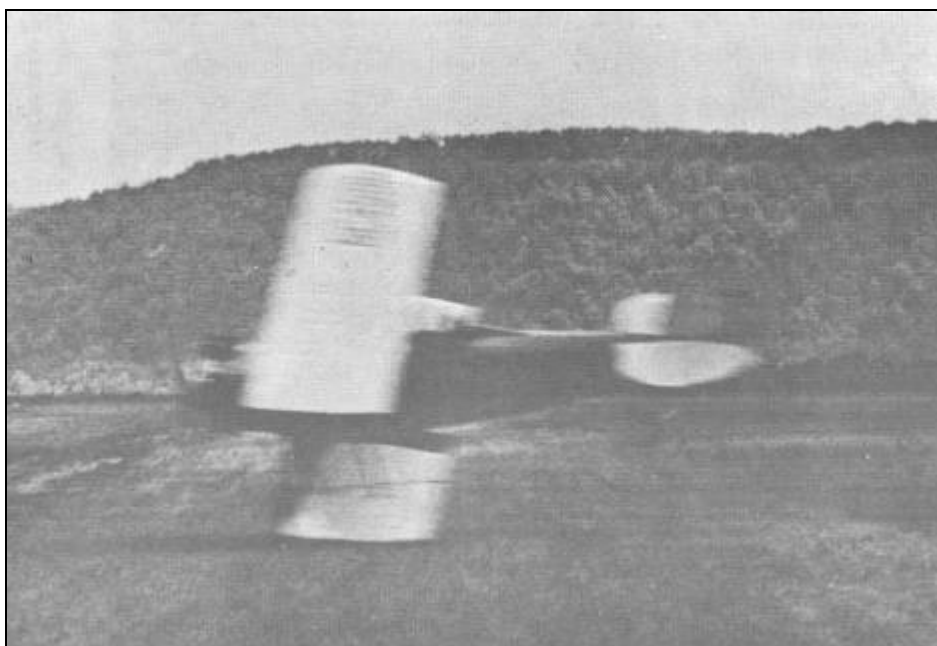


O Luscombe e o biplano, nos tempos em que andamos praticando aterrissagens nos campos, imaginando se seria possível sobreviver como um moderno piloto errante.



Às vezes, é terrivelmente difícil pegar um lenço no chão.

E, às vezes, é fácil.



— Que quer dizer? Apenas descemos um pouco demais, ali, como se tivéssemos batido em algo.

— Você não... sabe. Bateu no chão, e então... saltou... com o nariz para baixo... Pensei que você ia capotar. Foi uma cena horrível... Realmente, pensei que você poderia ter morrido...

Parecia já ter recuperado o fôlego, agora. Por que a visão do acidente o havia transtornado tanto? Se alguém tinha o direito de estar afetado, era eu, porque era o meu avião que se arrebetara todo ali na grama.

— Ora, Paul, não havia chance de capotar. Realmente, foi isto o que pareceu?

— Sim, eu pensei... meu Deus... foi pro diabo!

Não acreditava nele. Não poderia ter sido tão ruim. Mas, recordando, lembrei-me que o primeiro impacto e o som daquela explosão foram muito fortes. O nariz também abaixou, mas nada que se aproximasse a virar.

— Bem — comentei, depois de um minuto — precisa admitir que é um número difícil. Senti algumas molas se afrouxando dentro de mim, molas que estiveram tensionadas no ar, para que eu pudesse sentir cada mínimo movimento do avião. Agora, estavam se distendendo, e eu me sentia relaxar, porém não fazia idéia de quanto tempo levaria para consertar o avião. Era o único foco de tensão. Eu queria consertar o aparelho o mais depressa possível.

Trinta horas mais tarde, o avião estava consertado, testado e voando com passageiros de novo.

É como um milagre, pensei, e estava maravilhado.

Quando partimos da Prairie du Chien, Rio era o Desconhecido. E agora, Rio transformava-se no Conhecido, sentíamos o contato da segurança, e estávamos incomodados.

O vento intensificou-se naquela tarde, transformando Stu Mac Pherson imediatamente de pára-quedista num vendedor de bilhetes, terra-a-terra.

— Está por volta de quinze milhas por hora — disse, preocupado. — É um pouco demais para me sentir tentado a saltar.

— Ora, vamos... — interpelei-o, imaginando qual poderia ser a força do vento sobre o grande domo de nylon. — Quinze miseráveis milhas por hora? Não poderá fazer-lhe mal. — Seria interessante verificar, porém, se Stu podia ser desafiado a ponto de esquecer o bom senso.

— O vento está ficando cada vez mais forte. Não vou saltar.

— Toda essa gente veio vê-lo. O público não vai gostar. Alguém disse ontem que o seu salto foi o primeiro que já se fez neste campo. Agora, todo o mundo espera ver o segundo. É melhor saltar.

Se ele desistisse, eu já tinha pronto um sermão sobre como os fracos entregam-se àquilo que sabem não estar certo.

— Quinze milhas é bastante vento, Dick — falou Paul, do hangar. Vamos fazer uma coisa. Precisamos testar o pára-quedas, e estarmos certos de que removemos a inversão. Por que você não põe o pára-quedas e nós o abriremos contra o vento, para ver se abre direito?

— Eu vou pôr o seu pára-quedas; não estou com medo dele.

Paul trouxe-o e ajudou-me, e enquanto ele me ajudava, eu me lembrava de histórias que ouvi na Força Aérea, sobre pilotos arrastados sem poder reagir, pelos pára-quedas, no chão. Em resumo, comecei a mudar de idéia.

Mas, naquela hora, já estava com os arneses apertados, costas para o vento, que parecia estar soprando mais forte agora, e Paul e Stu estavam juntos ao pano, sobre a grama, prontos para abri-lo.

— Pronto para ir? — Paul gritou.

— Espere um pouco! — Não gostei daquela palavra, "ir", pois o que eu pretendia era ficar exatamente aonde estava. Afundei os pés no chão e segurei a alça para soltar o pára-quedas, se algo acontecesse de errado.

— Não puxe isso — avisou Paul. — Pode misturar os fios de novo. Se quiser soltar o pára-quedas, solte os arneses. Pronto?

Na direção do vento, havia uma cerca de mourões e arames simples. Se eu fosse arrastado, iria direto para lá. Mas, com minhas 200 libras bem apoiadas, nenhum ventinho poderia me arrastar tão longe.

— Pronto!

Fiz força contra o vento, enquanto Paul e Stu levantavam o nylon, com o que me pareceu um entusiasmo indevido. O vento logo inflou o pára-

quedas, que se abriu como a vela de um iate de competição, e cada onça daquela força tracionava ao longo dos cabos, e sobre meus ombros. Era como um trator arrancando, amarrado a mim.

— Ei! — voei para longe de meu lugar tão ferozmente mantido, e minhas botas logo foram arrancadas de um segundo lugar, e de um terceiro. Logo pensei que ia perder o equilíbrio atrás daquela coisa, e ser jogado contra a cerca. A medusa gigante puxava-me aos safanões, vam-vam-vam, através do terreno, enquanto Paul e Stu apenas ficavam rindo de mim. Foi a primeira vez que vi Stu rindo.

— Segure-se, camarada!

— É apenas uma brisa! Não é nada! Ei, segure-se!

Lembrei-me das coisas sobre o vento e os pára-quedas, e segurei os cabos inferiores, para fazer a coisa desinflar, enquanto eu era arrastado rumo à cerca. Puxei, mas nada aconteceu. Quando muito, arrastava-me mais depressa, e quase perdi o equilíbrio.

Naquele ponto, deixei de me preocupar com a delicadeza do equipamento de Stu, e puxei com força todos os fios inferiores que consegui agarrar. De súbito, o pára-quedas desinflou, e lá estava eu, de pé, ao fraco vento da tarde.

— O que há? — gritou Paul. — Não conseguiu segurar a coisa?

— Bem, tentei evitar cortar os fios na cerca; assim poupo-lhes os reparos.

Tirei os arneses, depressa. — Stu, não creio que você deva saltar, hoje. Este vento está um pouco forte. Claro, se você quiser pular, de qualquer maneira, mas é mais aconselhável que não voe esta tarde. Acho bem mais prudente.

Enrolamos o pano e guardamo-lo na calma do hangar.

— Você deveria pular, algum dia, Richard. — Não há nada como saltar. É realmente voar. Você fica lá, sem motor, nem nada. Apenas... você. Morou? Realmente, deveria experimentar.

Nunca tive nenhuma intenção de saltar de um avião, e o discurso de Paul não me animava a começar agora.

— Algum dia — respondi — vou experimentar, quando as asas de meu avião caírem. Quero começar já com uma queda livre, sem passar por todos aqueles exercícios com cabos estáticos que nos fazem suportar na escola de pára-quedismo. Por ora, digamos que não estou ainda pronto para começar minha carreira de pára-quedista.

A camioneta de Al Sinclair chegou, e com ele na cabine estava um sujeito distinto, que nos foi apresentado como Lauren Gilbert, que era o dono do campo. Lauren nem sabia como fazer para nos dar as boas-vindas. Ele aprendera a voar com cinquenta anos de idade, foi totalmente arrebatado pelo prazer de voar, e ainda no dia anterior havia sido aprovado para a licença de vôo por instrumentos.

Nossa política exigia que ele desse uma volta de graça, já que o campo era dele, e o biplano estava voando 10 min depois, em seu primeiro voo da tarde. Era um voo de publicidade; o primeiro, para avisar a cidade que estávamos trabalhando e levando felizes passageiros, e por que eles não estavam no céu conosco, olhando a cidade?

Tínhamos que ter uma rota para cada cidade, e o trajeto sobre Rio era decolar para oeste, subir na direção sul e leste, numa curva aberta à esquerda, nivelar a 1 000 pés, voltar atrás e circular a cidade numa curva à direita, de volta ao campo de pouso, curva fechada para o norte, descer passando sobre os fios telefônicos e aterrissar. Isto totalizava um passeio de 12 min, dando a nossos passageiros uma vista de seu lar, o sentimento de liberdade do voo, e uma aventura sobre a qual poder falar e registrar no álbum de fotografias.

— Foi muito bom — comentava Lauren, quando Stu abria a porta para ele. — Sabem que é a primeira vez que voo num avião de nacele aberta? Isso é que é voar. Maravilhoso! O vento, você sabe, e aquele motorzão ali...

Um par de garotos apareceu, chamados Holly e Blackie, pedalando suas bicicletas, e fomos todos ao escritório depois do passeio de Lauren.

— Meninos, querem dar uma volta? — perguntou-lhes.

— Não temos dinheiro — disse Holly. Ele tinha uns treze anos, olhos brilhantes e inquisidores.

— Vamos fazer uma coisa. Vocês vêm aqui, lavam e dão um polimento em meu Cessna, e eu lhes pago o passeio. Que tal?

Houve um silêncio encabulado entre os meninos.

— Ah... não! Obrigado, Sr. Gilbert.

— Que querem dizer? Rapazes, este é talvez o último dos velhos biplanos que vocês verão! Poderão dizer que voaram num biplano! E não há mais pessoas, mesmo adultos, que podem dizer que voaram num biplano de verdade.

Silêncio de novo, e eu estava surpreso. Eu teria trabalhado naquele Cessna, o ano inteiro, quando tinha treze anos, para ganhar uma volta de avião. Em qualquer avião.

— E você, Blackie? Ajude-me a ter meu avião limpinho, e ganha uma volta no velho biplano.

— Não... obrigado...

Lauren estava empenhado em persuadi-los. Eu estava boquiaberto com os temores deles. Mas os garotos olharam para o chão e nada disseram.

Por fim, relutante, Holly concordou, e todo o poder de fogo de Lauren voltou-se para Blackie.

— Blackie, por que você não vai com Holly? Vocês podem ir os dois.

— Acho que não...

— Quê? Se o pequeno Holly aqui voa e você não, você é um maricas!

— É... — Blackie disse, em voz baixa. — Mas não importa, porque sou maior que ele.

Por fim, toda a resistência caiu ante o entusiasmo de Lauren e os garotos embarcaram no biplano, esperando o pior. O motor despertou para a vida, soprando os gases de escapamento em seus rostos sérios; um minuto mais tarde estávamos subindo para o céu. Mil pés acima, estavam olhando para baixo, sobre a borda de couro da nacele da frente, apontando para baixo ocasionalmente e por vezes gritando um para o outro acima de todo o barulho. Ao fim do vôo, eram veteranos do ar, rindo nas curvas fechadas, olhando destemidamente para baixo.

Quando desceram da nacele, de volta seguramente à terra, mantiveram dignamente a calma.

— Foi ótimo, Sr. Gilbert. Foi divertido. Viremos trabalhar neste sábado, se quiser.

Era difícil de acreditar. Eles viriam a lembrar-se do vôo? Seria algo significativo para eles? Precisaria voltar depois de uns vinte anos, pensei, para perguntar se se lembravam.

O primeiro carro chegou, mas era para assistir, e não para voar.

— Quando é o salto de pára-quadras? — O homem saiu do carro para perguntar. — Vai ser logo?

— Está ventando muito hoje — Stu explicou-lhe. — Não creio que se poderá saltar hoje.

— Que quer dizer? Vim até aqui para ver o salto, e aqui estou e você diz que venta demais. Veja, o vento mal está soprando! O que é que há? Está com medo de pular, acovardou-se?

Sua voz era irritante o suficiente para me enraivecer.

— Rapaz, felizmente você veio! — dirigi-me a ele cordialmente, para defender o jovem MacPherson. — Estou realmente contente em vê-lo! Puxa! Receávamos ter de cancelar o salto hoje por causa do vento, mas raios, aí está você. Maravilhoso! Você pode saltar no lugar de Stu, aqui. Sempre pensei que o menino era meio fracote, hein, Stu? — Quanto mais eu falava, mais aquele sujeito me desagradava. — Ei, Paul! Temos um pára-quadista! Traga o pára-quadras e vamos vesti-lo!

— Espere um pouco... — disse o homem.

— Quer pular a três mil, ou quatro? O que você disser está OK para nós. Stu tem usado o coador como alvo, mas se quiser chegar mais perto dos fios...

— Ei, amigo, desculpe; eu não quis dizer que...

— Não, está bem; estamos de fato contentes em tê-lo encontrado. Não teríamos salto nenhum sem você, hoje. Claro que apreciamos sua vinda, para nos fazer este favor...

Paul percebeu a idéia e correu para nós, trazendo o capacete e o pára-quadras de Stu.

— Eu não creio que é melhor. Eu compreendo, sobre o vento — disse o homem, e acenou e voltou para o carro. Aquela cena parecia tirada do cinema; funcionou tão bem que adicionei o método à minha lista, para usar de novo com o público descontente com os saltos.

— E o que você faria se ele não desistisse? — interpelou Stu. — E se ele dissesse que queria pular?

— Eu diria ótimo, e o espetaria naquele pára-quadras. Eu juro que estava disposto a levá-lo lá em cima e jogá-lo pela borda afora.

Por algum tempo, as pessoas ficaram sentadas em seus carros, olhando, e não se moveram, quando Stu foi até as suas janelas.

— Vamos lá, voar! — ele disse, numa janela. — Rio vista do ar!

A figura lá dentro abanou a cabeça. — Gosto de vê-la é do chão mesmo.

Se este era um típico circo aéreo moderno, pensei, estamos mortos; os bons velhos dias efetivamente se foram.

Finalmente, por volta das 5h 30min da tarde, um destemido velho fazendeiro chegou, de carro. — Moro a umas duas milhas, pela estrada. Podem levar-me para ver o lugar de avião?

— Claro — respondi.

— E quanto isso vai me custar?

— Três dólares à vista, dinheiro americano.

— Bem, o que estamos esperando, meu jovem?

Ele não podia ter menos de setenta anos, mas vibrou com o vôo. Cabelos de neve ao vento, apontou o caminho a seguir, e então para sua casa, e seu celeiro. Era claro e bonito como um cartão postal do Wisconsin; gramado verde luminoso, casa branca luminosa, celeiro vermelho luminoso, feno amarelo luminoso no palheiro. Circulamos duas vezes, e uma mulher saiu para o gramado, acenando. Ele acenou em resposta, e continuou acenando enquanto nos afastamos.

— Ótimo passeio, meu jovem — disse, quando Stu o ajudava a descer da nacele. — Os melhores três dólares que já gastei. Foi a primeira vez que subi numa dessas máquinas; e agora vocês me fizeram lamentar não tê-lo feito há muito tempo atrás.

Aquela viagem começou nosso dia, e, até o pôr-do-sol, fiquei na nacele, esperando no chão apenas que os novos passageiros fossem subindo.

Stu aprendeu bastante psicologia dos passageiros, e passou a perguntar sempre: — Que achou? — quando desciam. Sua alegria espontânea e seu entusiasmo convenciam os hesitantes para irem adiante e investirem no vôo.

Uns poucos passageiros voltaram para junto de minha nacele, depois de voarem, e perguntaram aonde poderiam aprender a voar, e quanto custaria o curso. Al e Lauren estavam certos, acreditando que nós poderíamos fazer algo pela aviação, em Rio. Mais um avião, com base naquele campo, aumentaria os vôos em 25 por cento, mais três aviões, duplicariam. Mas, a natureza do piloto errante era de chegar e partir, mesmo num só dia.

O Sol baixava, à nossa volta. Paul e eu subimos para um último vôo em formação, para nos divertirmos, e ver as luzes lentamente se acenderem, lá embaixo, nas ruas. Ao aterrissarmos, mal podíamos enxergar aonde taxiar, e sentíamos como se tivéssemos trabalhado muito mais do que uma tarde.

Cobrimos os aviões, pagamos a gasolina, e estávamos todos encasulados em nossos sacos de dormir, e depois de Stu se desencasular para apagar a luz, a pedido de seus superiores, vi um par de olhos negros me espiando sob as ferramentas, perto da porta.

— Ei, pessoal — eu disse — temos um rato aqui.

— Aonde está vendo um rato? — disse Paul.

— Ferramentas. Embaixo delas.

— Mate-o. Pegue-o com sua bota, Stu.

— PAUL, SEU ASSASSINO SANGUINÁRIO! — gritei. — Não haverá mortes neste lugar! Pegue aquela bota e você vai ter de enfrentar aquele rato e eu, Stu.

— Bem, expulse-o daqui, então — Paul sugeriu — se é assim que quer.

— Não! — retruquei. — O sujeitinho merece um teto. Como você se sentiria se alguém o expulsasse para dormir lá fora no frio?

— Não está fazendo frio lá fora — disse Paul, enfadado.

— Bem, falo de princípios. Ele estava aqui antes de chegarmos. Este lugar é mais dele que nosso.

— Está bem; está bem — concordou. — Deixe o rato aí! Deixe que ele ande por cima de todos nós. Mas se ele vier para cima de mim, vou socá-lo!

Stu obedientemente desligou as luzes e voltou para suas almofadas, no chão.

Conversamos no escuro por um pouco, sobre como os nossos anfitriões estavam sendo simpáticos, bem como toda a cidade, aliás.

— Mas, reparou que não levamos mulheres, por aqui, ou quase nenhuma? — comentou Paul. — Acho que só uma mulher como passageira. Houve muitas, de todos os tipos, em Prairie.

— Fizemos dinheiro de todos os tipos, lá, que não é bem o que fazemos aqui — respondi-lhe.

— Por falar nisso, quanto ganhamos, Stu?

Desfiou as estatísticas: — Dezessete passageiros. Cinqüenta e um dólares. Claro, gastamos dezenove com a gasolina. Isso dá... — fez uma pausa para calcular — ... dez para cada, hoje, mais ou menos.

— Nada mau — disse Paul. — Dez por 3h de trabalho... num dia útil. Isso resulta em cinqüenta dólares por semana com todas as despesas pagas, exceto comida, sem contar sábado e domingo. Ei! Um cara pode ganhar a vida, nessa base!

Eu gostaria imensamente de acreditar nele.

Capítulo 5

A PRIMEIRA COISA DA MANHÃ SEGUINTE, foi Paul Hansen, pegando fogo. Ele estava aninhado em seu saco de dormir e, de sua extremidade, pela aba de seu chapéu, um véu de fumaça desenrolava-se para cima.

— PAUL! VOCÊ ESTÁ PEGANDO FOGO!

Ele não se moveu. Depois de uma pausa grave, ele replicou: — Estou fumando um cigarro.

— Logo de manhã? Antes de levantar? Puxa, pensei que você estava se incendiando!

— Escute: Não implique com meus cigarros.

— Desculpe.

Olhei à volta e, de minha posição baixa, parecia mais do que nunca um quarto de despejo. No centro da sala, havia um fogão de lenha de ferro fundido. Estava escrito nele "Cálida Manhã", em relevo, e seus furos de ventilação olhavam para mim, com seus olhos puxados. O fogão não me fazia sentir bem-vindo.

Amontoando-se à volta de seus pés de ferro, nossos víveres e equipamento. Na mesa, diversas revistas velhas de aviação, um calendário de uma companhia de ferramentas, com velhas fotos de garotas do Peter Gowland, o pára-quedas de reserva de Stu, com seu altímetro e cronômetro instalados nele. Diretamente abaixo, minha sacola vermelha, de roupas, com o zíper fechado, e um buraco de um quarto de polegada roído, ao lado... HAVIA UM FURO NA MINHA SACOLA DE ROUPAS! De uma crise, para outra...

Pulei da cama, agarrei a sacola e abri seu zíper. Ali embaixo de meu estojo de barbear e da Levi's, e um pacote de canetas, minhas rações de emergência: uma caixa de chocolate meio amargo, e vários pacotes de biscoitos e queijo. Um tablete de chocolate estava meio comido e todo um pedaço de queijo da caixa de queijo e biscoitos tinham sido consumidos. Os biscoitos estavam intocados.

O rato. Aquele rato da noite anterior, sob as ferramentas. Meu pequeno companheiro, aquele cuja vida salvei da selvageria de Hansen. Aquele rato tinha comido minhas rações de emergência!

— Ora, seu demoninho! — disse, irritado, com os dentes cerrados.

— O que há? — Hansen continuava a fumar, sem se voltar.

— Nada. O rato comeu meu queijo.

Houve um jato de fumaça do outro divã. — O RATO? Aquele rato que eu disse que era melhor pôr para fora? E você sentiu pena dele? Aquele rato comeu sua comida?

— Um pouco de queijo, e de chocolate.

— Como conseguiu pegá-los?

— Roeu um buraco na minha sacola de roupa. Hansen só parou de rir um bom tempo depois.

Pus meias grossas de lã e minhas botas, com a faca de sobrevivência costurada a um lado. — Da próxima vez que eu ver aquele rato perto da minha sacola — eu disse — vai levar seis polegadas de aço frio; sim, garantido, sem dúvida. É a última vez que fico a favor de algum rato. Podia pelo menos comer o seu chapéu maluco, Hansen, ou a pasta de dentes de Stu, ou alguma outra coisa, mas, *meu queijo!* Da próxima vez, baby, aço frio!

No café da manhã, comemos as torradas francesas com o sotaque de Mary Lou, pela última vez.

— Estamos de partida hoje, Mary Lou — disse Paul — e você não foi voar conosco. Com certeza perdeu uma boa chance. É muito belo lá em cima, e você nunca irá ver pessoalmente como é o céu.

Ela deu um sorriso ofuscante. — É bonito lá em cima, mas é uma gente boba que vive lá em cima. — Então era isso o que a nossa feiticeira pensava de nós? De certa forma, senti-me ferido.

Pagamos a conta e dissemos adeus à Mary Lou, e fomos para o campo de pouso na camioneta de Al.

— Acham que podem estar de volta por aqui lá por dezesseis ou dezessete de Julho? — perguntou. — Será o piquenique do Corpo de Bombeiros. Haverá muita gente por aqui que gostaria de voar. Gostaria muito que vocês voltassem.

Começamos a embarcar nossa montanha de pertences de volta aos aviões. As asas do Luscombe oscilaram, quando Paul amarrou suas câmeras firmemente à estrutura da cabine.

— Não podemos dar certeza, Al. Não temos idéia de onde estaremos, então. Se estivermos por perto, claro que voltaremos.

— É bom tê-los por aqui, a qualquer hora.

Era quarta-feira de manhã, então, quando decolamos, circulando uma última vez sobre a oficina de Al, e sobre o Café. Al acenou e balançamos as asas em despedida, mas Mary Lou estava ocupada, ou não

tinha tempo para aquela gente tola que vivia no céu. Eu ainda estava triste com aquilo.

E Rio se foi.

E a primavera tornou-se verão.

Capítulo 6

APARECEU-NOS, como todas as cidades do Meio-Oeste, um aglomerado de árvores verdes ao longe, no meio do campo. De início, pareciam apenas árvores, e então a torre da igreja e as casas da periferia tornaram-se visíveis, e, por fim, tornou-se claro que sob aquelas árvores havia casas sólidas e passageiros em potencial.

A cidade ficava às margens de dois lagos e uma grande pista de grama. Estive tentado a passar adiante, por que havia pelo menos quinze pequenos hangares, e luzes ao longo da pista. Era muito distanciado do tradicional campo de feno, do piloto errante.

Mas, o Grande Circo Aéreo Americano estava sem fundos, a pista estava a menos de um quarteirão da cidade, e os frescos lagos lá estavam, cintilando cristalinos ao sol, convidativos. De modo que descemos, nos três pontos, sobre a grama.

O lugar estava deserto. Taxiamos até o tanque de gasolina, que era um conjunto de alçapões na grama, e desligamos os motores, silenciando-os.

— O que acha? — perguntei a Paul quando escorregou para fora de seu avião.

— Parece bom.

— Acha que é um pouco grande demais para trabalhar?

— Parece bem.

Havia um pequeno escritório quadrado perto da gasolina, mas estava trancado. — Não é bem a minha imagem do campo de feno de um piloto errante.

— Pode vir a sê-lo, para o pessoal daqui.

— Estarão chegando na hora da janta, como sempre.

Um velho sedã Buick veio em nossa direção, vindo da cidade, sacudindo pesadamente sobre o caminho de grama até o escritório. Parou, e um homem esguio saiu, sorrindo.

— Querem gasolina, ao que parece.

— Sim, precisamos de um pouco.

Subiu os degraus de madeira, e abriu a porta do escritório.

— Você tem um bom campo, aqui — comentei.

— Não é mau, para uma pista de grama.

Más novas, pensei. Quando o proprietário não gosta da pista de grama, está de olho em pista de concreto, e quer ganhar dinheiro com aviões comerciais, não com circos aéreos.

— O que vocês estão tentando fazer? Tentando ver a menor distância a que podiam aterrissar, sem colidir? — Ligou um interruptor que acionou a bomba de gasolina.

Olhei para Paul e pensei: Não disse? Não temos nada a ver com este lugar.

— Apenas vôo em formação, pouco cerrado — explicou Paul. — Fazemos todo o dia.

— Todo o dia? O que vocês fazem? Participam de um show aéreo?

— Mais ou menos estamos fazendo um circo aéreo — disse eu. — Pensei que poderíamos ficar por aqui alguns dias, levar algumas pessoas para dar uma volta em torno do aeroporto.

Pensou no assunto por um pouco, considerando as conseqüências.

— Bem, o campo não é meu — disse enquanto abastecia os aviões e completava o óleo dos motores. — Pertence à cidade, e é apenas operado pelo aeroclube. Não posso decidir sozinho. Preciso convocar uma reunião da diretoria. Posso fazê-lo esta noite, e talvez vocês possam vir e conversar com eles.

Não me lembro de nenhum circo aéreo conversando com diretores para decidir se vão ou não trabalhar numa cidade. — Não é nada grande — acrescentei. — Apenas nossos dois aviões. Voamos em formação e fazemos algumas acrobacias, e Stu dá alguns saltos de pára-quedas. É tudo, e levamos as pessoas para passear.

— Mas, a reunião é necessária, mesmo assim, eu acho. Quanto vocês cobram?

— Nada. É de graça — eu disse, enrolando a mangueira da gasolina dentro da caixa. — O que tentamos é ganhar para o óleo e a gasolina, e hamburgers, com os passeios para o público, três dólares a volta.

Passou-me pela cabeça que a cidade tivesse sido ludibriada no passado por uma "troupe" de ciganos do ar. Era uma recepção completamente diferente da aclamação normal que esperaríamos em cidades menores.

— Meu nome é Joe Wright.

Apresentamo-nos, e Joe foi ao telefone e chamou alguns dos diretores do Aeroclube de Palmyra. Quando terminou, disse: — Vamos nos reunir hoje à noite; gostaríamos que vocês viessem para conversar. Enquanto isso, acho que vocês gostariam de comer alguma coisa. Há um lugar logo adiante. Posso dar-lhes uma carona, ou emprestar-lhes um carro de cortesia.

Eu preferiria andar, mas Joe insistiu, e nos amontoamos em seu Buick, e fomos embora. Ele conhecia bem a cidade, e ofereceu-nos um

passaio, a caminho do café. Palmyra era abençoada com belos gramados; uma lagoa espelhada e esverdeada, como as lagoas devem ser; estradas de terra pelos campos, sob arcadas de árvores altas, e ruas secundárias silenciosas, com as eternas portas da frente com vidro colorido, e avermelhado.

Cada dia de um piloto errante tornava o fato mais claro... o único lugar aonde o tempo passa é nas cidades.

Na hora que chegamos ao Café Parada dos Caminhões D&M, já estávamos familiarizados com a cidade, cuja indústria básica era uma fundição, escondida atrás das árvores, e com Joe Wright, um afável operador voluntário de aeroporto. Deixou-nos na porta, e saiu para mais algumas chamadas e preparativos para a reunião.

— Não gosto disso, Paul — disse, depois que ele fez o pedido. — Por que nos preocuparmos com um lugar aonde não vai ter nenhuma graça? Somos franco-atiradores, lembre-se... vamos para onde nos der na telha. Há uns oito mil lugares diferentes deste.

— Não faça julgamentos apressados. Não há nada de mais em ir à reunião deles. Vamos lá, e nos comportamos, e eles dizem que está bem. Então não teremos problemas, e todos saberão que somos bons meninos.

— Mas se formos à reunião, estaremos nos traindo, não vê? Viemos aqui para nos afastarmos de comitês e reuniões, para ver se encontrávamos gente de verdade, sabe como é, nas cidades pequenas. Ser apenas velhos pilotos errantes sujos de graxa, livres, pelo ar, indo para onde nos agradar, e quando quiséssemos.

— Veja — disse Paul. — Este é um bom lugar, certo?

— Errado. Há muitos aviões por aqui.

— É pertinho da cidade, tem os lagos, e as pessoas, OK?

— Bem...

Paramos por aí, se bem que eu ainda quisesse partir, e Paul ainda quisesse ficar. Stu não quis tomar partido, mas acho que ele estava inclinado a ficar.

Quando voltamos para os aviões, encontramos alguns carros estacionados, e alguns cidadãos olhando as naceles. Stu desenrolou os letreiros *VOE \$3 VOE*, e fomos ao trabalho.

— PALMYRA VISTA DO AR, AMIGOS! A CIDADEZINHA MAIS BONITA DO MUNDO! QUEM SERÁ O PRIMEIRO A VOAR?

Fui em direção aos carros estacionados, quando os que espiavam as naceles disseram que estavam apenas olhando.

— Está disposto a dar uma volta de avião, cavalheiro?

— He-he-he-he — foi a resposta, e dizia bem claro, meu pobre anunciador, realmente pensa que sou idiota o bastante para subir naquela lata velha?

Aquela risada congelou-me, e afastei-me abruptamente.

Que esmagadora indiferença deste lugar e os outros vilarejos aonde fomos tão bem recebidos... Se a nossa busca é pelo povo real e sincero da América, então devemos ir embora agora mesmo.

— Podem me levar? — Um homem aproximando-se a largos passos, de outro carro, mudou minha atitude na hora.

— Adoraria — disse — *Stu!* Passageiro! Vamos!

Stu correu e ajudou o homem a subir na nacele da frente, enquanto eu apertava o cinto, na de trás. Eu estava totalmente em casa, neste ofício, com o painel de mostradores e alavancas familiares à minha volta, e estava feliz assim. Stu começou a acionar a partida de manivela, um dispositivo que veio a ser conhecido pelo pessoal do campo como "manteigueira". Fazendo força, girando a manivela devagar, no começo, pondo um grande esforço na massa de aço do volante dentado dentro da carenagem, Stu extraía energia pura de seu coração para a partida. Finalmente, o volante gritando, Stu afastou-se e gritou: — LARGA! — Puxei o botão de engrenar a partida e a hélice girou. Mas apenas por dez segundos. A hélice desacelerou, e parou. O motor não detonou uma só vez.

O que pode estar errado? ponderei. Esta coisa funciona sempre; a partida nunca falha! Stu olhou para mim num estado de choque petrificado, pois toda a sua tortura na manivela tinha sido em vão.

Eu estava abanando a cabeça, e ia dizer-lhe que não sabia por que o motor não pegava, quando descobri o problema. Não havia ligado o magneto. Era-me tão familiar aquela nacele, que esperava que os botões e alavancas funcionassem sozinhos.

— Stu... eh... detesto dizer, mas... esqueci de ligar o magneto, que coisa mais boba, vamos girar mais uma vez, sim?

Ele fechou os olhos, implorando aos céus que me destruísse, e, como não funcionasse, ameaçou jogar a manivela na minha cabeça. Mas, controlou-se, e com o ar de um mártir da igreja, encaixou a manivela mais uma vez e começou a acioná-la.

— Puxa, desculpe, Stu — eu disse, acomodando-me de novo na minha confortável nacele. — Devo-lhe cinqüenta centavos, por ter-me esquecido.

Ele não respondeu, por que estava sem forças para falar. Da segunda vez que puxei o botão de engrenar, o motor despertou na hora, e o pára-quadista olhou para mim, como se olha para um pobre animal numa jaula. Fiz o táxi rapidamente, e logo depois estava no ar, com meu passageiro. O biplano tomou o caminho de Palmyra imediatamente, com um desvio para dar uma olhada nos lagos e subir um pouco mais, pois não havia espaço para aterragem de emergência, a leste da cidade.

O percurso levou exatamente 10 minutos. Na descida, o avião oscilou um pouco, logo quando eu estava admirando aquela bela pista de grama.

Acorde! O avião estava me dizendo. Toda aterragem, toda decolagem é diferente, todas! E não esqueça nunca!

Logo me penitenciei apertando o pedal do leme para compensar a oscilação.

Ao taxiarmos, Paul estava taxiando o Luscombe com seu passageiro. Meu ânimo melhorou um pouco. Talvez houvesse esperança para Palmyra, afinal.

Mas foi tudo, naquela tarde. Tínhamos espectadores, mas não passageiros.

Stu recebeu o dinheiro de meu turista, e aproximou-se da nacele.

— Não posso fazer nada com eles — disse, mais alto do que o motor.

— Se eles descerem de seus carros, temos passageiros. Mas, se eles permanecem nos carros, são espectadores, e simplesmente não estão interessados em voar.

Era difícil acreditar que tínhamos todos aqueles carros e mais nenhum candidato a voar. Todos os espectadores conheciam-se, e logo uma animada conversa se estabeleceu. E os diretores chegaram para nos avaliarem pessoalmente.

Paul aterrissou, taxiou, e na falta de mais gente, desligou o motor. Um fragmento de conversa veio até nós — ... ele estava bem em cima da minha casa!

— Ele esteve sobre a casa de todo mundo. Palmyra não é assim tão grande.

— ... quem lhe disse que haveria uma reunião hoje à noite?

— Minha mulher. Alguém chamou-a e deixou-a agitada...

Joe Wright aproximou-se e apresentou-nos a alguns dos diretores, e contamos nossa história de novo. Eu estava começando a me cansar com esta importância despropositada. Por que eles não nos diziam diretamente se éramos bem-vindos ou não? Uma coisa tão simples, assim como um par de pilotos errantes...

— Tem algum programa para seus shows? — um deles perguntou.

— Sem programa. Voamos quando achamos conveniente.

— Seus aviões estão segurados, claro; qual é o valor do seguro?

— O seguro desses aviões é nosso conhecimento sobre o vôo — eu disse, e desejei acrescentar "meu chapinha!" sarcasticamente. — Não há um centavo sequer de outro seguro; nem de terceiros, nem responsabilidade civil. — O seguro — eu queria dizer — não é um farrapo de papel. Seguro é conhecermos sobre o céu e sobre o vento, e o controle das máquinas com que voamos. Se não acreditamos em nós mesmos, nem conhecemos nossos aviões, então não haveria assinatura, nenhuma quantia em dinheiro no mundo que nos poderia fazer seguros, ou a nossos passageiros. Mas eu simplesmente disse, de novo: ... nem um tostão de seguro.

— Bem — ele fez uma pausa, surpreso — não queremos dizer que vocês não são bem-vindos... este é um aeroporto público...

Sorri, esperando que Paul tivesse aprendido sua lição. — Aonde está o mapa? — perguntei-lhe, decidido.

Ele falava como quem quer apaziguar os ânimos, quando eu me dirigi para o biplano: — Espere um pouco. Já é quase noite, e eles vão fazer a reunião deles, e não podemos ir a lugar algum, de modo que podemos muito bem passar a noite aqui e irmos amanhã de manhã.

— Estamos tão deslocados aqui enquanto circo aéreo como no Aeroporto Kennedy, cara. Nós...

— Não, escute — retrucou ele — eles vão dar um piquenique do aeroclube no próximo domingo. Prometeram um Cessna 180 aqui, para levar passageiros. Agora mesmo ouvi dizer que 180 foi cancelado, e eles ficaram sem avião para levar gente passear. E aqui estamos nós. Acho que depois desta reunião que estão tendo agora, vão querer que fiquemos. Estão numa enrascada, e podemos ajudá-los.

— Que vergonha, Paul. No domingo, estaremos em Indiana. O domingo é ainda daqui a quatro dias! E a última coisa que eu desejo fazer é ajudá-los com seu piquenique. Quer saber de uma coisa? Este lugar não é para nós! Tudo o que eles querem por aqui são os pequenos aviões triciclos modernos, que se guiam como um carro. Eu quero pilotar um *aeroplano!* O que há com você?

Peguei um trapo e comecei a limpar a carenagem do motor, no escuro. Se o biplano tivesse faróis, eu teria ido embora naquele instante.

Depois de uns momentos, a reunião no escritório foi encerrada, e todo mundo estava cordial e sorridente para conosco. Tornou-se imediatamente suspeito.

— Acham que podem ficar até domingo? — alguém disse, no meio do bando de diretores. — Vamos ter um piquenique do clube, haverá centenas de aviões por aqui, milhares de pessoas. Se vocês ficassem, fariam muito dinheiro.

Era de causar riso. Então era assim sentir-se julgado por nossa aparência de vagabundos. Por um instante, senti pena daquela gente.

— Por que não dormem no escritório hoje, rapazes? — outra voz sugeriu, e então, num tom mais baixo, para alguém. — Precisamos inventariar o óleo que está lá.

Não percebi a implicação do murmúrio, mas Paul sim, na hora. — Ouviu isso? — ele falou, estupefato. — Ouviu isso?

— Acho que sim; o quê?

— Vão contar as latas de óleo antes de nos confiarem o escritório. Vão contar as latas de óleo!

Repliquei a quem quer que tivesse feito a oferta: — Não, obrigado, dormimos fora.

— Realmente, gostaríamos que ficassem no escritório — repetiu a mesma voz.

— Não — disse Paul. — Não estaríamos seguros lá com todas as suas latas de óleo.

Ri-me de novo, no escuro. Hansen, nosso campeão de Palmyra e de seus habitantes, estava agora furioso por terem menosprezado nossa honestidade.

— Deixo mil e quinhentos dólares de equipamento fotográfico em meu avião, aberto, quando vamos comer, confiando nesses caras, e eles pensam que vamos roubar uma lata de óleo!

Stu permanecia calado a meu lado, sem dizer palavra. Já era noite na hora da janta, no "D&M", quando Paul estava calmo de novo.

— Estamos tentando encontrar um mundo ideal — disse ele a Joe Wright, que teve coragem suficiente para se juntar a nós. — Todos nós já vivemos no outro mundo, agressivo, e mesquinho, onde a única coisa que interessa é o todo-poderoso dinheiro. Aonde as pessoas não sabem o verdadeiro significado do dinheiro. E nós nos fartamos disto, de modo que aqui estamos, vivendo em nosso mundo ideal, em que tudo é simples. Por três amigos, vendemos algo sem preço, e, com isso, ganhamos nossa comida, gasolina, e vamos adiante. Paul esquecera-se de sua galinha frita, empolgado ao falar com o palmirano.

Por que estamos falando com Joe, por que estamos nos justificando com ele? pensei. Não estamos seguros? Talvez tão seguros que queremos, a nosso modo, fazer alguns convertidos.

Nosso esforço missionário, porém, foi desperdiçado com Joe, que deu poucos sinais de que percebia algo novo ou significativo no que dizíamos.

Stu tão somente jantava. Tente imaginar a pessoa dentro do rapaz, o que ele pensava, com o que se importava. Gostaria de encontrar essa pessoa mas, por enquanto, ele estava escutando... escutando... sem abrir a boca, sem oferecer um só pensamento ao burburinho de idéias a seu redor. Bem, disse comigo mesmo, é um bom saltador, e está pensando. Não há mais nada a dizer.

— Posso levá-los de volta ao escritório, se quiserem — disse Joe.

— Obrigado, Joe — disse Paul — mas não vamos ficar naquele escritório. Vamos dormir sob a asa. Se alguém contar o óleo errado e depois contar certo quando formos embora, automaticamente, seríamos os ladrões. É melhor para nós que o lugar fique trancado e nós dormindo sob a asa.

Em meia hora, o biplano era uma grande extensão silenciosa de negro sobre nossos sacos de dormir, e acima do negro, estava a neblina luminescente da Via-Láctea.

— O centro da galáxia — comentei.

— O quê?

— A Via-Láctea; é o centro da galáxia.

— Faz-nos sentir meio pequenos, não? — respondeu Paul.

— Fazia. Mas não muito, agora. Acho que, agora, sou maior. — Mastiguei uma grama. — O que acha, agora? Vamos ou não vamos fazer dinheiro aqui?

— Precisamos esperar para ver.

— Creio que vai funcionar bem — disse um otimista sob as estrelas. — Não consigo sequer imaginar gente vindo para ver aviões velhos, nesta cidade.

Contemplava a galáxia, com seu cruzeiro do norte como uma grande pipa sob as estrelas, cintilando. A grama estava macia embaixo de mim, e minhas botas formavam um firme travesseiro de couro.

— Descobriremos amanhã. — Fez-se o silêncio, embaixo da asa e o vento frio gemia por entre os fios acima de nós, entre as asas do biplano.

O dia seguinte amanheceu com neblina, e acordei com o vagaroso canhoneio das gotas de neblina caindo da asa superior no tambor de tela da asa inferior. Stu estava desperto, enrolando um novo cigarro mata-moscas. Paul estava dormindo, chapéu puxado sobre os olhos.

— Ei, Paul, está acordado? Sem resposta.

— EI, PAUL! AINDA ESTÁ DORMINDO?

— Mmm. Moveu-se um pouquinho.

— Acho que você ainda está dormindo.

— Mm.

— Bem, então continue dormindo, pois não é logo que vamos voar.

— Que está dizendo? — ele falou.

— Neblina.

O chapéu foi erguido por u'a mão que serpeou para fora do saco de dormir. — Mm. Neblina. Dos lagos.

— Sim. Vai dissipar-se por volta das 10 horas. Aposto um tostão. — Não houve resposta. Tentei chupar o orvalho de algumas graminhas, mas não servia para matar a sede. Arranjei botas-travesseiros e tentei dormir mais um pouco.

Paul acordou repentinamente. — Minha camisa esta toda molhada! Está ensopada!

— Ah, esses pilotos da cidade. Se eu quisesse encharcar bem a minha camisa, eu a deixaria sobre a asa, como você fez. Você deve pôr sua camisa em seu saco de dormir.

Saí do meu saco, e pus minha camisa seca e quente, sobre a qual dormira, que também estava totalmente amarrotada. — Nada como uma boa camisa seca, pela manhã.

— Ha, ha.

Puxei a coberta das naceles, descarreguei o jogo de ferramentas, as latas de óleo, e o anúncio *VOE \$3 VOE* da nacele da frente. Limpei os pára-brisas, girei a hélice algumas vezes, e, no todo, preparei-me esperançosamente, para mais um dia ocupado com o circo aéreo. A neblina já estava se erguendo.

Ao terminarmos o desjejum, Stu reclinou-se em sua cadeira e esticou as pernas. — Vamos tentar um salto matinal, e ver o que acontece?

— Se quiser — disse Paul — é melhor confirmar com o Líder, primeiro — e apontou-me com a cabeça.

— Que está dizendo? Sempre acabo como Líder! Não sou Líder! Desisto! Como Líder, demito-me!

Decidimos conjuntamente, então, que seria bom tentar um salto ao meio-dia, para ver se alguém estaria com tempo de aparecer, e voar.

— Não vamos perder tempo com queda livre. — Comentou Paul — ninguém vai vê-lo. Que tal pular e abrir a três mil?

Stu não concordou com a idéia. — Preferiria ter tempo para estabilizar um pouco. Três mil e quinhentos estaria OK.

— Parece bem assim — concordou Paul.

— Se você não puxar o cordão, Stu, ou seu pára-quadras não se abrir — disse eu — voaremos para a cidade seguinte, então.

— Estou certo de que não faria a menor diferença para mim — respondeu, com um raro sorriso.

Às 12 horas, estávamos no ar, subindo em formação, cada vez mais alto. Stu estava sentado à porta aberta do lado direito do avião de Paul, olhando para baixo, com a fita indicadora do vento na mão. Ao nos aproximarmos da altura do salto, separei-me e fiz alguns "loops" e "tonneaux", e depois voltei a ganhar altura. Não havia viva alma se movendo nas ruas lá embaixo. O Luscombe estava em vôo nivelado acima do aeroporto, e a longa fita de papel disparou para longe do avião, passou à velocidade de um pára-quadras aberto, e retorceu-se, em direção à grama. Desceu a várias centenas de jardas a oeste do alvo, com o vento.

Lá em cima no avião de Paul, sobre a minha cabeça, Stu estava procurando um ponto para saltar de modo a compensar o vento, e evitar as árvores, e os fios. Parei com a minha brincadeira, e circulei abaixo do pequeno avião esporte, que agora já quase alcançava a altitude para o salto. Paul virou o avião para o percurso do salto, contra o vento, e esperamos. O Luscombe zumbiu por algum tempo em linha reta; apenas observando atentamente, eu podia notar que estava se movendo. E então Stu MacPherson pulou.

Um pontinho preto, movendo-se instantaneamente a alta velocidade, e, para baixo, seu corpo foi para a esquerda, estabilizou, virou para a direita, deu uma cambalhota. Surpreendi-me com sua velocidade. Em alguns segundos, não era mais uma manchinha preta, mas um homem mergulhando pelo ar, um falcão atacando.

O tempo parou. Nossos aviões estavam congelados no ar, o som e o vento, parados. O único movimento era a velocidade sibilante do homem que eu acabara de ver apertado no pequeno assento do Luscombe, e estava se movendo pelo menos a 150 milhas por hora, em direção à terra, plana e imóvel. No silêncio, eu podia ouvi-lo cair.

Stu estava ainda acima de mim, quando pôs os braços junto de seu corpo, abriu-os de novo, e o longo rastro brilhante de um pára-quedas estendeu-se a partir de suas costas. Não o desacelerou. A linha fina do pára-quedas simplesmente parou no ar, enquanto o homem continuava disparando para baixo. Então, apanhou-o. De chofre, o pára-quedas escancarou-se, fechou-se de novo, e abriu numa macia corola, sob a qual o homem flutuava, ainda acima de mim.

O tempo voltou a correr imediatamente, e Paul e eu éramos aviões em velocidade de novo, percorrendo o céu, a terra era redonda e quente, e o único som era o do vento e do motor. A menor coisa à vista era a cúpula branca e laranja, deslizando para baixo.

Paul chegou com o Luscombe, em alta velocidade, e circulamos o pára-quedas aberto, um de cada lado do saltador. Ele acenou, virou o seu domo, derrapou bastante no vento, que era mais forte do que ele pensara. Derrapou de novo, puxando firme os cabos e quase desabando um lado de sua cúpula.

Tudo inútil. Mantivemos nossa altura em 500 pés, enquanto Stu descia, caindo num campo de centeio, que margeava a pista. Parecia macio, até o momento em que ele atingiu o solo, e então parecia de fato muito mais duro.

Circulei e mergulhei para passar baixo acima de sua cabeça, e segui Paul para descer. Taxiei até o começo do centeio; e saí da nacele, esperando ver o pára-quedista a qualquer momento. Não apareceu. Saí do avião e adentrei na vegetação da minha altura, o som do motor se desvanecendo, lá atrás. — Stu?

Nenhuma resposta. Tentei lembrar-me se o tinha visto de pé e acenando OK depois de ter descido. Não me lembrava.

— Stu!

Não houve resposta.

Capítulo 7

O CAMPO DE CENTEIO ESTAVA em solo ondulado, e o topo das espigas faziam um contínuo tapete ondulante, escondendo tudo, exceto as árvores do horizonte, a um quarto de milha. Raios me partam. Deveria ter marcado melhor o lugar aonde ele desceu. Ele poderia estar em qualquer lugar aqui.

— Ei! STU!

— Aqui... — uma voz fraca.

Abri caminho no meio da plantação, na direção de onde a voz tinha vindo, e surgiu-me à frente um pára-quadista descontraído, recolhendo seu pára-quedas. — Pensei que o havíamos perdido, aqui. Está tudo OK?

— Claro. A descida foi meio dura. Esta coisa é mais funda do que parece, vista do ar.

Nossas palavras soavam estranhas e anormalmente silenciosas; a vegetação era uma esponja para o som. Não mais podia escutar o motor do avião, e se não fosse pela trilha que deixei para trás, ao avançar, não faria idéia de sua localização.

Levei o pára-quedas de reserva de Stu e seu capacete, e fomos abrindo caminho pelos Pampas de Wisconsin.

— "O Mergulhador no Campo de Centeio" — Stu observou.

Por fim, o barulho do motor se infiltrou até nós, e logo depois saíamos para a grama clara e curta da pista. Joguei suas coisas na nacele de frente, e ele ficou na raiz da asa, enquanto taxiávamos de volta.

Havia quatro passageiros, esperando, e uma pequena multidão de espectadores imaginando o que faríamos a seguir. Levei os passageiros, dois casais, e foi o fim da experiência com o salto ao meio-dia. Nada mau, para o meio de um dia útil.

Cansamos da pista pouco depois, vagamos, durante o dia tranqüilo, até a Rua Principal, com três quarteirões de comprimento. Éramos turistas na calçada, olhando as vitrinas das lojas. Havia um anúncio no bazar:

PIQUENIQUE DA LEGIÃO AMERICANA E DOS BOMBEIROS SULLIVAN, WISC.	
Sábado-Domingo, 25-26 de junho	
COLORIDO DESFILE	
Fanfarra	Cadetes Escoceses
Tortas Caseiras!	Sanduíches à vontade!
LUTA LIVRE - ambas as noites	
2 quedas em 3	
O MÁSCARA	JOHNNY GILBERT
de origem desconhecida	de Michigan City, Ind.

O Piquenique dos Bombeiros seria uma festa e tanto. Os lutadores estavam no cartaz, em suas roupas de combate. O Máscara era uma montanha de carne, mostrando os dentes sob uma máscara de pano que lhe cobria a cabeça. Gilbert era simpático, robusto. Não havia dúvida que o conflito entre o bem e o mal seria colossal, e eu pensei se Sullivan, Wisconsin, tinha um bom campo de feno, perto do ringue...

A loja era uma longa sala estreita com soalho de madeira, e, no ar, o cheiro de pipoca e papel quente. Havia elementos perenes: um balcão com a

frente de vidro, com suas bandejas de doces, uma pazinha para apanhar os doces, em metal, já gasta, meio enterrada em doces vermelhos, uma máquina quadrada de vidro cheia de quebra-dentes multicoloridos, e, lá no fim da sala, no ponto em que os longos balcões convergiam, na distância, uma voz fraca emergiu até nós: — Que desejam, rapazes?

Sentimo-nos inclinados a nos desculparmos por estar ali, viajantes de um outro século, sem saber que a gente não entra nessas lojinhas bem no meio do dia.

— Preciso de algum papel crepom — disse Stu. — Tem papel crepom largo?

A pequenina senhora, lá longe, aproximou-se de nós, e, ao caminhar, crescia. Era uma pessoa de tamanho normal na hora em que chegou à seção de papelaria, e ali, cercado por papel de embrulho e cadernos baratos "Big Gun", estava o material para o indicador de vento de Stu. A senhora olhou para nós, meio intrigada, mas não disse nada, até que ela disse "obrigada", e saímos pela porta da frente, balançando sua campainha, para o sol de novo.

Eu precisava de óleo para o avião, e Stu e eu fomos por uma rua secundária até a loja de ferramentas. Paul foi explorar uma outra rua.

A loja de ferramentas era uma espelunca de soalho rústico de madeira, com pilhas de pneus, partes de máquinas, e anúncios velhos espalhados por ali. O lugar cheirava à borracha nova, e estava frio lá dentro.

O lojista era um homem ocupado, e passaram-se vinte minutos até que eu pudesse perguntar se ele tinha o óleo de que precisava.

— Sessenta, você diz? Talvez tenha cinqüenta, mas sessenta, acho que não. Para que vai usá-lo?

— Tenho um avião velho, preciso de óleo mais denso. Cinqüenta está bem, se não tem sessenta.

— Ah, são os caras dos aviões? Eu os vi voando, a noite passada. Não tem óleo no aeroporto?

— Não; é um avião velho; não tem óleo para ele.

Ele disse que ia ver, e desapareceu por uma escada de madeira, rumo ao porão.

Reparei, enquanto esperávamos, num velho "poster" pregado alto, sobre as pranchas da parede: — Podemos... Faremos... Devemos... — *Franklin D. Roosevelt*. Compre Bônus e Selos de Guerra dos Estados Unidos AGORA! — Havia uma figura de uma silhueta em cor forte da bandeira americana e um porta-aviões navegando sobre ondas desenhadas com precisão. Estivera pregado naquela parede há mais tempo do que a existência de nosso pára-queda.

Ficamos vagando por entre as polias, a graxa, os cortadores de grama à venda, e, por fim, o homem voltou com uma lata de um galão de óleo.

— Este é cinqüenta, é só o que tenho; está OK?

— Claro, muito obrigado.

Então, por \$1,25, comprei uma lata de Essentialube, já que não havia do tradicional Marvel Mystery Oil, dos pilotos de circo. Dizia no rótulo: — *O Moderno Condicionador de Motores — Potencializa!* — Não estava certo se desejava que o Wright fosse potencializado, mas eu precisava de algo para a lubrificação, e este parece que servia, afinal.

Nosso regulamento estabelecia que todo óleo e gasolina eram pagos com o dinheiro do Grande Circo Americano, separado antes da divisão da fêria, de modo que fiz uma anotação de que o Grande Circo devia-me \$2,25, e paguei com o meu dinheiro.

Quando voltamos ao aeroporto, tínhamos dois carros de espectadores, no campo.

Stu abriu seu pára-quedas, para dobrá-lo, e eu queria aprender a fazê-lo, de modo que Paul levou dois jovens passageiros no Luscombe. Era uma boa sensação, Paul voando e fazendo dinheiro para nós, enquanto trabalhávamos com aquele nylon fino.

Ao menos uma vez, Stu falava, e eu escutava.

— Puxe a linha-guia, por favor... sim, aquela com o ferro na ponta. Agora, tomamos todos os fios dos cabos...

Embrulhar um pára-quedas era um mistério para mim. Stu era muito cuidadoso para me mostrar como se fazia a disposição dos fios de suspensão, as faces dos painéis numa longa e fina pirâmide, a cobertura da pirâmide na manga, a dobra dos cantos, que, de algum modo, deve evitar a queima por fricção durante a abertura, e enfim põe-se tudo isso dentro da mochila.

— Então simplesmente introduzimos os pinos de abertura assim... E estamos prontos para saltar. — Deu uns tapinhas na mochila e introduziu algumas peças soltas. Então era o lacônico Stu de novo, perguntando em voz baixa se poderíamos fazer outro salto, ainda esta tarde.

— E por que não? — disse Paul, aproximando-se e olhando aprovadamente o pára-quedas empacotado. Intrigava-me saber se estaria tentado a saltar novamente. Havia muitos anos, desistira, um pára-quedista baqueado, depois de uns 230 saltos, abatido com ferimentos que o mantiveram no hospital por alguns meses.

— Podemos subir agora mesmo — disse ele — se prometer cair um pouco mais perto do alvo.

— Vou tentar.

Cinco minutos depois, lá estavam eles no Luscombe, e eu olhava do chão, com a máquina de filmar de Paul, encarregado de conseguir algumas boas tomadas do salto.

Na ocular da lente zoom, Stu era uma mancha negra revolvente, estabilizando-se numa cruz, entrando numa grande espiral descendente num sentido, parando, e voltando noutro sentido. Estava no mais completo

controle de seu corpo, em vôo; podia ir em qualquer direção, exceto para cima. Caiu quase vinte segundos, então seus braços moveram-se instantaneamente para dentro, e então para fora, puxando o cordão de abertura, e o pára-quedas saiu. O som do nylon era como um tiro de uma pistola calibre 50. Tão alto e seco quanto isto.

Como todo pára-quedista, Stu vivia para a parte de queda livre do salto, aqueles parcos vinte segundos de um dia de vinte e quatro horas. Ele estava agora, "sob a cúpula", termo que deve ser enunciado numa maneira aborrecida, porque o salto *de verdade* acabou, muito embora havendo ainda 2.000 pés para descer, e manobras delicadas a serem feitas, com uma máquina voadora de tecido, de 28 pés de largura e 40 de altura.

Ele estava dirigindo bem, descendo em minha direção, perto do indicador de vento. Filmei os cem últimos pés do salto, e sua aterragem, movendo-me para trás, para manter as botas dele longe das caras lentes de Paul.

Um pára-quedista, como observei pela ocular, está em boa velocidade, no momento em que atinge o solo. Senti o mundo estremecer quando Stu desceu, a 20 pés de distância. A cúpula deslizou para baixo, para me apanhar, mas desloquei-me para o norte. Estava orgulhoso de Stu, momentaneamente. Ele era parte de nossa pequena equipe, tinha uma coragem e uma habilidade que eu não tinha, e trabalhava como um profissional, um saltador amadurecido, muito embora houvesse apenas vinte e cinco saltos em seu registro.

— Muito bom, menino.

— Ao menos não caí lá no centeio.

Tirou suas correias e começou a recolher os fios numa longa trança. Logo depois, Paul desceu e veio até nós.

— Cara, realmente cheguei ao limite de altura. Que acharam daquela derrapada? Realmente parei sobre a asa, não descí como uma PEDRA! Que acharam?

— Não vi a acrobacia, Paul, eu estava filmando Stu. Exatamente naquele momento, uma garotinha de cinco ou seis

anos chegou até nós, ofereceu um pequeno bloco, e acanhadamente pediu um autógrafo a Stu.

— Eu? — disse Stu, surpreendido no palco, e com as luzes sobre ele.

Ela fez que sim. Ele escreveu seu nome em letra grande, no papel, e a garota afastou-se correndo, com seu prêmio.

— A ESTRELA! — falou Hansen. — Todo mundo quer ver a ESTRELA! Ninguém vê minhas acrobacias, porque o velho caçador de glórias está NO PALCO!

— Sinto muito, Paul — desculpou-se Stu.

Fiz uma nota mental para comprar uma caixa de estrelas douradas na lojinha e grudá-las nos pertences de Stu.

A Estrela estendeu seu pára-quadras e logo estava embevecido na tarefa de dobrá-lo para amanhã. Fui em direção ao biplano, e Paul acompanhou-me.

— Não há mais passageiros, desta vez — disse.

— O silêncio antes da tempestade. — Afaguei o biplano. — Quer voar nele?

Era uma pergunta difícil. O velho biplano Detroit-Parks, como já havia dito a Paul repetidamente, era o avião mais difícil de pilotar que eu já encontrara.

— Há algum vento lateral — advertiu ele, dando-me uma chance de retirar o meu convite.

— Não há problemas, se você não se distrair na decolagem — respondi-lhe — é muito obediente no ar, mas precisa prestar atenção na descida. Tende a desviar-se para os lados, de vez em quando, e você deve estar pronto a usar a manete e o leme para compensar. Vai se sair bem.

Não disse palavra, subiu depressa na nacela e pôs o capacete e os visores. Manivelei a partida, gritei: — LARGA! e afastei-me, enquanto o motor ganhava vida. Era uma estranha visão ver o meu avião dar a partida, com outra pessoa pilotando.

Dei uma volta, e inclinei-me contra a fuselagem, perto de seu ombro. — Lembre-se de dar mais uma volta e tentar de novo, se achar que não vai dar para descer. Tem gasolina para uma hora e meia, não há problema. Se quiser balançar, dê-lhe manete e leme.

Paul assentiu, e, numa boa acelerada, deslocou o avião e taxiou para a pista de grama. Fui pegar sua máquina de filmar, focalizei-a nele com a lente zoom, e observei sua decolagem pela ocular. Senti como se fosse o meu primeiro solo com o avião, não o de Paul. Mas, lá estava ele, pouco acima do chão, subindo suavemente, e eu estava admirando a bela figura que o biplano fazia no ar, e o ruído agradável que o Whirlwind fazia, à distância.

Subiram, viraram, investiram gentilmente pelo ar, enquanto que eu ia com a câmera para o outro extremo da pista, para filmar a aterragem. Eu ainda me sentia nervoso, esolitário, sem o meu avião. Seria todo o meu mundo, naquele verão, circular lá no alto, e agora estava sob o controle de alguém mais. Eu tinha apenas quatro amigos a quem eu confiaria aquele avião, e Hansen era um deles. Não importa, eu pensei; se ele arrebentar a coisa em cacos, sua amizade é muito mais importante para mim do que o avião. O biplano é apenas um amontoado de varetas, arames e pano, uma ferramenta para se aprender sobre o céu e sobre que tipo de pessoa eu sou, quando vôo. Um avião quer dizer liberdade, alegria, a capacidade de compreender e demonstrar esta compreensão. Essas coisas não são destrutíveis.

Paul estava tendo agora a chance que esperava havia dois anos. Era um bom piloto, e estava se medindo com a máquina mais difícil, de que ele jamais ouvira falar.

O ruído do biplano continuava baixo, lá em cima, e, enquanto eu olhava, passou por uma série de "stalls" enquanto Paul aprendia como o avião se comportava em baixas velocidades. Eu sabia o que ele deveria estar sentindo. O controle do aileron não servia mais para nada, o profundor agia pouco, o manche ficava solto e inútil em sua mão. O leme de direção era o melhor controle que lhe sobrava, mas quando seria mais necessário, rolando no chão depois da aterrissagem, era inútil. Era preciso força no pedal do leme, e mais potência, leme e uma grande lufada de vento sobre ele, para fazer o biplano responder, para evitar que o aparelho arrebetasse numa pirueta sobre o solo.

O motor acelerou de novo, enquanto ele testava quanto vento ele precisaria naquele leme. Bom menino, pensei, fique à vontade com o avião.

O último de meus nervosismos desapareceu quando percebi que o que importava era que meu amigo enfrentou seu desafio particular, e descobriu confiança e coragem dentro de si.

Fez uma curva, e deu algumas voltas amplas, e desceu para a grama à alta velocidade. Filmei a passagem com a câmera e desejei poder lembrá-lo que quando ele estivesse pronto para descer, aquele grande nariz prateado estaria alto à frente dele, de modo que ele não poderia enxergar à frente. Era como aterrissar de olhos vendados, e ele teria que acertar, logo na primeira vez.

Como eu me sentiria, em seu lugar? Não sei. Em algum lugar, há muito tempo, pilotando aviões, algo aconteceu dentro de mim e adquiri confiança neles. Eu sabia, comigo mesmo, que eu poderia pilotar qualquer avião já construído, do planador ao jato de passageiros. Se era verdade ou não, era algo que só se podia provar tentando, mas a confiança estava lá, e eu não receria experimentar qualquer coisa que tivesse asas. É um bom sentimento, essa confiança, e agora Paul estava batalhando lá por essa mesma pequena descoberta dentro de si mesmo.

O biplano colocou-se no curso de aterragem, perto o bastante para acertar a pista mesmo que o motor falhasse. Voltou-se para a grama, reduzindo a velocidade, descendo com toda a suavidade, regularmente, sobre as árvores, sobre a estrada, os arames assobiando baixinho, com o motor em baixa rotação, sobre a cerca no extremo da pista, reduziu o seu planeio, e desceu levemente, sob controle. Enquanto está sob controle, está seguro, eu pensava, e o observava pela ocular, acionando o motor à pilha para acionar o filme.

A descida foi tão suave quanto o gelo derretendo no verão, as rodas deslizando sobre a grama antes de começarem a girar. O homem me causava inveja. Estava fazendo um belo trabalho com meu avião, manejando-o como se fosse feito de casca de ovo finíssima.

Rodaram elegantemente, e a cauda desceu no momento crítico da aterrissagem, quando os passageiros tendiam a acenar, e virar-se, sorrindo, e o avião ia em linha reta sobre a grama. Ele conseguira. Meu suspiro de satisfação sem dúvida seria acusado pelo filme.

E, naquele momento, a máquina brilhante, grande na lente zoom, começou a balançar.

A asa esquerda inclinou-se levemente, o avião tendeu para a direita. O leme rebrilhou, quando Paul apertou o pedal esquerdo. — Mais potência, menino, mais potência! — eu disse. Nada. A asa afundou mais e, num instante, tocou o chão, num chuveiro de grama voando. O biplano estava fora de controle.

Afastei o olho da ocular, sabendo que o filme mostraria apenas uma imagem oscilante de alguma grama próxima borrada, mas sem prestar atenção para isso. Talvez ele ainda pudesse sobreviver, talvez o biplano sairia daquela volta inteira.

Houve um súbito "vump" — a roda esquerda cedendo. O biplano deslizou lateralmente, primeiro dobrando, e depois, quebrando. Inclinou-se para frente, e então parou. A hélice deu uma última volta e enterrou a ponta de uma pá na terra.

Apontei a câmera, ainda girando, para a cena. E agora, Paul, quanto ainda levaria para reconquistar a sua autoconfiança? Tentei imaginar como eu me sentiria, quebrando o Luscombe de Paul, se ele mo confiasse. Era um sentimento horrível, e logo parei de concebê-lo. Ainda bem que eu não era Paul.

Aproximei-me devagar do avião. Foi pior do que o acidente em Prairie. O bordo de fuga da asa superior estava com ondulações violentas. O pano da asa inferior esquerda estava de novo bastante enrugado, a ponta afundada na terra. Três longarinas estavam agoniadamente quebradas, gritando que uma gigantesca força de torção as havia agarrado e dobrado. A roda esquerda estava quebrada, sob o avião.

Paul pulou da nacele e jogou o capacete e os óculos de proteção no assento. Eu procurei algo para dizer-lhe, mas não achei nada, senão aquele velho puxa, como sinto por você acabar quebrando o avião.

— Ganha-se algumas, perde-se algumas — foi tudo o que pude dizer.

— Você não sabe quanto — disse Paul — não sabe quanto lamento...

— Esqueça. Não adianta se preocupar. O avião é uma ferramenta para se aprender, Paul, e, às vezes, uma ferramenta entorta. — Eu estava orgulhoso de poder dizer isto com voz calma. — O que se deve fazer é desentortá-la e voltar a voar.

— É...

— Nada acontece por acaso, meu amigo — eu estava tentando mais convencer a mim mesmo do que a Paul. — Não há essa coisa chamada sorte. Um significado atrás de cada coisinha, e também, igualmente, um significado por detrás disto. Parte para você, parte para mim. Talvez não estejamos vendo claramente agora, mas veremos, e logo.

— Gostaria de poder falar assim, Dick. Tudo o que posso dizer agora, é que lamento.

O biplano tinha a aparência de estar destruído.

Capítulo 8

ARRASTAMOS O AVIÃO, com sua asa aleijada, para a proteção de um hangar de folha corrugada, e o circo aéreo foi momentaneamente suspenso. O Grande Circo Aéreo Americano estava fora dos negócios de novo.

Sem contar as longarinas dobradas e o trem de aterragem quebrado, o breque, o topo da carenagem amassada, os amortecedores da direita quebrados, a instalação do aileron esquerdo torcida e o manche engripado.

Mas o hangar ao lado do nosso era de propriedade de um certo Stan Gerlach, o que era um milagre todo especial. Stan Gerlach possuía aviões e os pilotara desde 1932, e conservava peças e pedaços de todos os aviões que já possuía.

— Vejam vocês — ele disse, naquela tarde — tenho três hangares aqui, e neste acho que tenho algumas velhas longarinas de um Travelair que eu tinha. Podem pegar qualquer coisa aqui que vocês achem que possa colocá-los no ar, de novo.

Ergueu uma grande porta metálica. — Aqui estão as longarinas, e algumas rodas e tralha... — Abriu caminho ruidosamente por entre uma pilha alta até a cintura, de metal, pegando partes velhas de avião, soldadas. — Isto pode servir para algo... e isto...

As longarinas eram o nosso maior problema, pois nos levariam semanas para encomendar o tubo de aço certo e fazer as peças novas para o biplano. E o aço pintado de azul que estava no chão parecia quase exatamente o que estávamos precisando. Num repente, peguei um pedaço e medi contra a abertura entre os planos da asa direita do Parks. Era 1/16 de polegada mais longo.

— Stan! Isto se ajusta perfeitamente! Perfeito! Vai caber direitinho aqui!

— Vai! Ótimo. Por que não leva, e veja se há algo mais que pode usar.

Minhas esperanças voltaram a galope. Isto estava além de qualquer coincidência. As chances de quebrarmos o biplano justo num vilarejo qualquer que, por acaso, era a residência de um homem com as peças de quarenta anos de idade, para repará-lo; as chances de que ele estaria por perto quando o acidente aconteceu; as chances de que levaríamos o avião até perto de seu hangar, a três metros das peças que necessitávamos — as chances eram tão mínimas, que "coincidência" seria uma resposta insana. Esperei ansiosamente para ver como o resto do problema seria resolvido.

— Vocês vão precisar erguer esse avião de algum jeito — acrescentou Stan — para tirar o apoio das rodas enquanto vocês soldam o trem. Tenho

um cavalete grande aqui, que se pode usar. — Fez mais um pouco de barulho pelo seu hangar, e veio arrastando um cano de aço de 15 pés. — Está tudo lá atrás; é bom tirar agora. É desmontável.

Em dez minutos montamos o cano nas vigas do hangar, aonde podíamos instalar um guindaste para erguer toda a metade da frente do avião. Só nos faltava o guindaste.

— Acho que tenho um gancho e uma catraca lá no celeiro... claro que tenho. Querem ir lá pegar?

Fui com Stan até seu celeiro, a duas milhas de Palmyra. — Eu vivo para meus aviões — dizia, enquanto guiava. — Não sei... realmente fico fascinado pelos aviões. Não sei o que farei quando não passar no exame médico... continuaria voando de qualquer jeito, acho.

— Stan, você não sabe... não sabe *quanto* eu lhe sou agradecido.

— Raios. Aquelas longarinas podem muito bem servir para ajudá-lo. Eu anuncio a venda dessas coisas, e vendo bastante para os caras que precisam delas. Qualquer longarina que estiver por lá, podem levar, mas custariam cinquenta mangos para alguém que simplesmente fosse embora e as revendesse. Tenho equipamento de solda, também, e um maçarico, e muitas outras coisas lá no hangar, que vocês podem usar.

Sáimos da estrada e estacionamos ao lado de um velho celeiro com a pintura descascada. Lá estava o guincho numa prateleira.

— Sabia que devia estar aqui — comentou ele.

Pegamos o guincho, colocamos na traseira do caminhão, e voltamos para o campo. Paramos ao lado do avião, e, com as últimas luzes do dia, instalamos o guincho no cavalete.

— Bem, pessoal — disse Stan — preciso ir-me. Há uma lâmpada com extensão aí no hangar, e uma mesa, e seja lá o que for que vocês precisem usar. Não se esqueçam de trancar o lugar quando saírem, OK?

— OK, Stan, obrigado.

— É um prazer ajudar.

Fomos ao trabalho, removendo as longarinas dobradas. Quando saíram, as asas inclinaram-se mais do que nunca, e tivemos que apoiar as pontas das asas em cavaletes. Ao cair da noite, já havíamos consertado os ailerons e desamassado a carenagem.

Pouco depois, paramos o trabalho e fomos jantar, fechando à chave o hangar de Stan.

— Bem, Paul, com certeza você vence o Magnaflux. Se houver algum ponto fraco em qualquer lugar de seu avião, o Serviço de Testes Hansen o encontrará e o quebrará para vocês.

— Não — retrucou Paul — apenas aterrissei, como viram, e disse: — Rapaz, consegui! — e ca-pôu! Sabe qual a primeira coisa que pensei? Em sua mulher. — O que Bette vai pensar? — Foi a primeira coisa.

— Vou telefonar-lhe. Dizer a ela que você estava pensando nela. — Bette, Paul estava pensando em você hoje, quando ele estava despedaçando o avião.

Comemos em silêncio por um pouco, então Paul animou-se. — Fizemos algum dinheiro, hoje. Ei, tesoureiro, quanto ganhamos hoje?

Stu pousou o seu garfo e puxou sua carteira. — Seis dólares.

— Mas há algum dinheiro do Grande Circo a ser descontado — disse Paul. — Paguei um quarto para os meninos que acharam o marcador.

— E eu comprei papel crepom — falou Stu. — Foi sessenta centavos.

— E eu o óleo — eu disse. — Isto está ficando interessante.

Stu pagou-nos dois dólares, para cada um, então reclamei as suas partes do dinheiro do óleo, setenta e cinco centavos cada um. Mas eu devia a Paul oito centavos e um terço pela minha parte da recuperação do indicador do vento, e eu devia a Stu vinte centavos pelo papel crepom. De modo que Stu pagou oito centavos para Paul, deduziu os vinte centavos que eu lhe devia, e deu-me cinqüenta e cinco centavos. Paul tirou oito centavos de sua parte e ficou me devendo sessenta e sete centavos. Mas ele não tinha trocado, de modo que me deu cinqüenta centavos e dois "dimes" e eu lhe dei dois "pennies". Joguei-as tilintando em seu pires de café.

Estávamos sentados à mesa com nossas pequenas pilhas de moedas, e eu disse: — Estamos quites? Falem agora, ou nunca mais...

— Você me deve cinqüenta centavos — falou Stu.

— Cinqüenta centavos! Desde quando? Não lhe devo nada!

— Você esqueceu de ligar o magneto. Depois que eu me matei de manivelar, você esqueceu de ligar o magneto. Cinqüenta centavos.

Tinha sido naquela manhã? Sim, tinha sido, e eu paguei.

Joe Wright passou por ali para insistir que dormíssemos no escritório. Não haveria contagem das latas de óleo.

Havia dois divãs, mas empilhamos todo nosso equipamento lá dentro, e nosso escritório de novo parecia mais com uma fábrica de aviões do que com um escritório/dormitório.

— Sabe de uma coisa? — disse Paul, deitado no escuro, fumando um cigarro.

— O quê?

— Sabe, eu não fiquei assustado em poder ferir-me. A única coisa que me assustava era que podia ferir o avião. Como se eu soubesse que o avião não deixaria que eu me machucasse. Não é engraçado?

O futuro do Grande Circo dependia de um piloto, saltador, mecânico, e amigo de todos eles chamado Johnny Colin, que tinha voado conosco na

Prairie du Chien, e operou o milagre de reparar o biplano depois de seu acidente lá.

Na tarde seguinte, às 3 horas, Paul ligou o Luscombe e decolou para o oeste, rumo a Apple River, aonde Johnny tinha seu próprio campo de pouso. Se tudo seguisse os planos, ele estaria de volta antes do anoitecer.

Stu e eu continuamos a mexer no avião, acabando tudo o que podíamos antes de fazer a soldagem, até que não havia mais nada a fazer. Tudo dependia de Paul voltar com Johnny no Luscombe.

Stan chegou pouco mais tarde, e aprestou seu Piper Pacer para um vôo vespertino. Um Cherokee triciclo aterrissou, fez uma volta, decolou de novo. Era uma tarde tranqüila num aeroporto pequeno.

Um carro parou perto da asa e alguns palmyranos desceram, que reconhecemo-los como tendo-os visto no dia anterior.

— Como está indo?

— Indo bem. Algumas soldas e estará pronto amanhã.

— Ainda me parece meio torto. — A mulher que falou sorriu ironicamente, querendo dizer que não levava a mal, mas seus amigos não repararam.

— Não os maltrate, Duke. Trabalharam o dia inteiro no pobre avião.

— E vão voar nele de novo, com certeza — disse Duke.

Era uma estranha mulher, e minha impressão foi de que ela estava a mil milhas de distância, e que esta parte dela que estava vivendo em Palmyra, Wisconsin, estava prestes a falar alguma palavra mágica, e desaparecer.

Quando Duke falava, todos escutavam. Havia uma ligeira aura de melancolia nela, como se ela fosse de alguma raça desaparecida, capturada enquanto criança e educada segundo nossas maneiras, mas sempre recordando-se de seu lar, em outro planeta.

— É tudo o que vocês fazem para ganhar a vida, voar por aí e dar voltas de avião? — falou. Ela olhava para mim de modo neutro, querendo saber a verdade.

— É exatamente isso.

— O que pensam das cidades que conhecem?

— Cada uma delas é diferente. As cidades têm personalidade, como as pessoas.

— Qual é a nossa personalidade? — perguntou ela.

— Vocês são cuidadosos, constantes, seguros. Meio cautelosos com estranhos.

— Errou aí. Esta cidade é um Peyton Place — disse ela.

Stan veio voando baixo sobre o campo, e assistimos sua passagem, com o motor ronronando.

Paul já estava atrasado uma hora, e o Sol estava baixo sobre o horizonte. Se ele não estivesse para chegar, deveria estar bem perto.

— Aonde está seu companheiro? — perguntou Duke.

— Saiu para trazer um cara que é um bom soldador.

Moveu-se para sentar-se no pára-choque dianteiro do carro, uma mulher esbelta, estranha, nada feia, olhando para o céu. Voltei para retocar um velho remendo na ponta da asa.

— Lá vem ele — alguém disse, e apontou.

Estavam errados. O avião seguiu adiante, na direção do lago Michigan, rumo leste.

Outro avião logo apareceu, e era o Luscombe. Planou para descer, tocou a grama com suas rodas, e rodou rapidamente para nós. Paul estava só; não havia ninguém no Luscombe. Voltei-me e olhei para o maçarico. Uma pena, para o circo.

— Temos muitos aviões hoje — comentou Duke.

Era um Aeronca Champion, seguindo Paul, e na nacele, Johnny Collin. Tinha vindo com seu próprio avião. Johnny taxiou para perto de nós, e desligou seu motor. Desceu, e, ao ficar de pé, diminuiu o seu tamanho. Estava com sua boina verde, e sorria.

— Johnny! É bom vê-lo de novo.

Pegou uma caixa de ferramentas da parte de trás do Aeronca. — Olá. Paul disse que esteve mexendo com o seu avião, e deixou-o todo retorcido para você. — Pôs as ferramentas no chão e olhou para as longarinas, que esperavam pela solda. — Preciso ir-me bem cedo, amanhã de manhã, até Muscatine, para pegar um novo avião. Olá, Stu.

— Olá, Johnny.

— Então, o que há de errado? Esta roda? — Olhou para a junção de aço quebrada. — Não é grande coisa.

Pôs um par de óculos negros e logo acendeu o maçarico. O som da chama era de pura confiança, e relaxei. Durante todo o dia, até aquele instante, eu me mantivera tenso, e agora, acalmava-me. Graças a Deus, por algo assim como um amigo.

Johnny acabou com a ligação do breque em 3 minutos, tocando-a com o maçarico e a chama de corte. Então ajoelhou-se ao lado da perna do trem de aterragem e em quinze minutos estava no lugar de novo, pronto para sustentar o peso do avião. Pôs Paul a serrar no tamanho certo o reforço das longarinas, enquanto Stu se afastou pela noitinha, para arranjar comida.

Uma longarina estava pronta quando Stu voltou com hamburgers, chocolate quente e meio galão de leite. Comemos depressa, nas sombras da lâmpada de serviço.

Então a chama da solda foi acesa de novo, chiando, os óculos negros desceram de novo, e a segunda longarina estava sendo consertada.

— Sabe o que ele disse, quando cheguei à casa dele? — Paul falou, em voz baixa. — Foi logo depois dele chegar do trabalho, sua mulher estava com o jantar no fogão. Ele agarrou aquela caixa de ferramentas, e disse: — Voltarei pela manhã, tenho que consertar um avião quebrado. — Que lhe parece, hein?



O que se vê depois de ter conseguido apanhar a coisa, e você sobe, se afastando triunfalmente. Aquela barra horizontal é um bastão de fumaça, que eu podia acionar apertando um botão dentro da nacele.



Quando você arrebenta uma roda na terra a 110 milhas por hora, é de se esperar algumas inconveniências.



Os Encantos da Amizade, 1ª Parte. Stu MacPherson e Johnny Colin, tendo soldado o trem de aterragem, começam a trabalhar na asa. Fui até Iowa, para conseguir outra hélice.



Parte 2ª Johnny, Dick Willetts, Stu e Paul Hansen trabalhando embaixo de chuva para consertar o avião, enquanto eu estava fora. Paul tirou esta fotografia (e todas as outras, também).

As últimas etapas dos reparos, e Johnny está todo preparado, com o indicador de vento na mão, para o seu salto, à tarde, com Stu. Na hora que o salto terminou, a hélice que seguro estava instalada, e o motor funcionando.



Aquecida ao branco, a longarina estava acabada. Mais dois trabalhos a fazer, os mais difíceis de todos. Aqui, o metal cortado estava a polegadas do pano do avião, e o pano, com uma camada espessa de dope de butirato, queimaria como dinamite aquecida.

— Arranje alguns trapos, e um balde d'água — pediu Johnny. — Coloque uma proteção aqui em volta. Vamos trabalhar muito perto.

A proteção foi feita, com trapos ensopados, e segurei-os no lugar, enquanto o maçarico fazia sua parte. Com os olhos semicerrados, vi o calor brilhante tocar o metal, transformando-o numa poça derretida, e fundindo-se de novo com o que tinha sido a parte quebrada. A água era cuspidada para fora dos trapos, e eu estava tenso de novo.

Depois de um longo tempo, um dos trabalhos difíceis estava feito, e o último era o pior. Era o buraco para um parafuso, cercado por tela com dope e madeira oleosa. A dez polegadas acima dos 6.000 graus do maçarico, assentado em madeira velha e seca, o tanque de gasolina. Tinha 41 galões de gasolina de aviação, o bastante para explodir o avião todo a mil pés de altura.

Johnny apagou a chama e considerou a situação por um bom tempo, com a lâmpada.

— É melhor tomarmos mais cuidado aqui — comentou — precisamos de uma proteção de água de novo, bastante água, e se você ver alguma coisa pegando fogo, grite e jogue água em cima.

Johnny e eu nos acomodamos sob o avião, entre as duas rodas. Todo o trabalho e o fogo estariam sobre nossas cabeças, ao reclinarmos sobre a grama.

— Stu — disse eu — por que não entra na nacele da frente e fica de olho em qualquer coisa que pegue fogo, sob o tanque de gasolina? Pegue o extintor de incêndio de Stan. Se ver alguma coisa, não hesite em gritar, e use o extintor. Se parecer que a coisa vai explodir, grite e caia fora. Podemos perder o avião, mas não vamos nos machucar.

Era quase meia-noite, quando Johnny acendeu a chama de novo e levou-a até acima de sua cabeça, perto dos trapos que eu segurava. O aço era espesso e o trabalho era lento. Preocupava-me com o calor sendo conduzido pelo metal, incendiando a tela, abaixo dos trapos.

— Paul, quer olhar a parte de cima, se não há nenhum fogo ou fumaça?

A chama muito perto, fazia um rugido terrível, e espalhava labaredas como um foguete no lançamento. Olhando diretamente para cima, eu podia ver, através de uma fenda, o pequeno espaço sob o tanque de combustível. Se houvesse um incêndio ali, estaríamos feitos.

E era difícil enxergar, com a luz e o barulho da chama.

De vez em quando a chama retrocedia, como um tiro de rifle, esparramando centelhas brancas sobre nós. A chama ficava envolvida em

fumaça, aonde tocava o avião. Era nosso inferno particular, ali sob o ventre do avião.

Houve um repentino crepitar sobre minha cabeça, e escutei Stu falando algo, fracamente.

— PAUL! — gritei — O QUE STU ESTÁ DIZENDO? OUÇA O QUE ELE ESTÁ DIZENDO!

Notou-se um lampejo de fogo, em cima. — PARE, JOHNNY! FOGO! — Empurrei um trapo molhado pela fenda estreita, em cima. Chiou numa nuvem de vapor.

— STU! MALDIÇÃO! FALE! HÁ UM INCÊNDIO AÍ!

— OK, agora — veio a voz fraca.

A distância, eu pensei. O ruído da tocha. Não posso ouvi-lo. Não seja rude. Mas eu não conseguia ser paciente. Seríamos despedaçados se ele não conseguisse nos avisar se havia um incêndio.

— ESCUTE-O, PAUL! NÃO CONSIGO ESCUTAR UMA PALAVRA DO QUE ELE DIZ!

Johnny voltou com o maçarico, e os estalidos começaram, lá em cima, e a fumaça.

— É apenas graxa queimando, ali — disse, perto de mim.

Passamos por um pequeno inferno com três incêndios, e apagamos um deles perto do tanque de combustível. Ninguém estava arrependido, às 2 horas da madrugada, quando o maçarico foi apagado pela última vez e o trem de aterragem estava pronto, brilhando no escuro.

— Deve estar bom assim — finalizou Johnny. — Querem que eu fique por aqui e os ajude a montar tudo de novo?

— Não, não há problemas quanto a isso. Você nos salvou, John. Vamos dormir um pouco, OK? Rapaz, não quero passar por isto nunca mais.

Johnny não parecia particularmente cansado, mas eu me sentia como um balão esvaziado.

Às 5h3min, Johnny e eu nos levantamos e fomos até seu Aeronca, coberto de orvalho. Deixou o motor esquentando e pôs suas ferramentas no assento traseiro.

— Obrigado, Johnny.

— Claro; não há de quê. Foi bom ajudar. Agora, por favor, vá com calma com aquele avião, sim? — Limpou um pouco as gotas de orvalho de seu vidro dianteiro, e subiu a bordo.

Não sabia o que dizer mais. Sem ele, o sonho teria sumido duplamente. — Espero que possamos voar juntos, brevemente.

— Vamos sim, algum dia. — Empurrou a manete e taxiou pela manhã ainda escura. Um momento depois, era apenas uma mancha que se

afastava no horizonte oeste, nosso problema estava resolvido, e o Grande Circo Aéreo Americano vivia de novo.

Capítulo 9

POR VOLTA DAS 5h DA TARDE, três dias depois de seu segundo acidente da estação, o biplano estava parecendo uma máquina voadora, saída diretamente do livro de recordações de um velho piloto errante: remendos prateados em seu pano, chapas soldadas em suas longarinas, queimaduras e retoques na pintura.

Verificamos todas as juntas, os arames e suas amarrações, re-verificamos o aperto de porcas e parafusos, e então eu estava de volta novamente à nacele familiar, o motor vibrando, aquecendo-se com o fogo dos cilindros. Este seria um vôo de prova da estrutura e das soldas do trem de aterragem; se as rodas quebrassem na decolagem, ou se as asas se rompessem em vôo, teríamos falhado.

Empurrei a manete para a frente, rodamos, e saltamos para o ar. As rodas estavam em ordem, a estrutura também. Voava como um belo avião.

— IÁ-HÚÚ!! — gritei contra o vento forte, aonde ninguém podia ouvir. — GRANDE! EU TE AMO, SUA BESTA VELHA! — E a besta respondeu com seu bramido, alegremente.

Subimos até 2000 pés acima do lago e fizemos algumas acrobacias. Se as asas não caíssem com o avião sob alta G e voando de cabeça para baixo, nunca cairiam. Aquele primeiro "loop" exigia um pouco de coragem, e chequei as fivelas de meu pára-quedas. O vento cantava nos arames, como sempre, e para cima e de cabeça para baixo, lá fomos nós, o mais suavemente possível, da primeira vez, olhando para o chão, sobre nossas cabeças, lentamente de volta ao normal. Então, um "loop" mais apertado, esperando que os arames começassem a vibrar ao vento, ou que as longarinas começassem a envergar, ou o pano a rasgar. Era o mesmo velho avião que sempre havia sido. O "loop" mais apertado que se podia fazer com ele, o meio "tonneau" mais rápido, e não fez a menor reclamação.

Mergulhamos de volta para o solo, e batemos as rodas com força na grama, em alta velocidade. Não era fácil de se fazer, mas eu tinha que bater agora com as rodas com mais força do que com qualquer passageiro a bordo.

A máquina passou nos testes, e a última coisa a fazer era constatar se havia alguma diferença na rolagem por causa da solda. Um pequeno desalinhamento das rodas significaria um avião difícil de controlar no solo.

Planamos para a aproximação final, cruzamos a cerca e batemos na grama. Esperei com a luva pronta na manete e botas a postos nos pedais do leme. Oscilou um pouco, mas logo respondeu a um toque na manete. Parecia um pouco mais difícil de controlar no solo do que no ar. Taxiamos

de volta ao hangar de Stan, triunfantes, e a hélice girava silenciosamente até parar.

— Como está ele? — disse Paul, no momento em que o motor parou.

— ÓTIMO! Talvez alguma coisa no lado, mas fora isto, está ótimo. — Eu pulei para fora da nacele e disse que sabia o que tinha a dizer, porque algumas coisas são mais importantes do que aviões. — Você está pronto para lhe dar uma outra chance, Paul?

— O que você quer dizer com isto?

— Eu não o diria, se não quisesse. Se ele empenar novamente, nós o consertaremos novamente. Você está pronto para ir?

Ele pensou por um longo tempo. — Eu acho que não. Nós não faremos tantas exibições se eu quebrar novamente. E nós estamos aqui para fazer exibições e não para consertar aviões.

Ainda estava claro, naquela tarde de sábado.

— Você se lembra de ter dito que, se concordássemos ficar aqui no domingo, nada nos impediria? — disse Paul. — Parece que concordamos em ficar aqui no domingo, a menos que você queira cair fora esta noite.

— Não. Ficaremos aqui no domingo. A única maneira que podia ter-me forçado a ficar aqui foi justamente do modo como aconteceu. Assim, eu imagino que alguma coisa interessante está esperando por nós amanhã.

Domingo de manhã era o Desjejum Aéreo Anual de Palmyra, e os primeiros aviões começaram a chegar às 7 h da manhã. Por volta das 7h30 min, tínhamos voado com nossos primeiros passageiros e às 9h, tínhamos ambos os aviões voando continuamente e uma multidão de cinqüenta pessoas esperando para voar. Um helicóptero estava transportando passageiros do outro lado do campo. Nossa multidão era o dobro da dele e estávamos orgulhosos.

O céu estava cheio de aviõezinhos modernos de todos os tipos, que tinham vindo para o gigantesco desjejum que era uma tradição no aeroporto. O biplano e o Luscombe balançavam-se para lá e para cá no trânsito, passando um pelo outro, trabalhando bastante, confundindo-se com os outros aviões, os quais não tinham pressa em voltar ao solo novamente.

Aprendemos que não é aconselhável fazer uma aterrissagem tão longe do campo, pois se o motor parasse não conseguiríamos deslizar até a pista de pouso, mas em Palmyra estávamos sozinhos no nosso aprendizado. Por todo o céu havia compridas filas de aviões, e se os motores parassem de repente, haveria aviões por toda parte no chão, menos no aeroporto.

Nós voávamos continuamente, bebendo de vez em quando uma Pepsi-Cola na nacele, enquanto Stu arranjava mais passageiros. Estávamos ganhando dinheiro a rodo, e estávamos dando duro para conseguir isto. Voltas, voltas e mais voltas. Os palmyranos compareceram em peso; a maior

parte de nossos passageiros eram mulheres e a maioria delas estava voando pela primeira vez.

Eu observava o vento forte dos aviões soprar sobre os rostos encantados e esculturais e estava admirado novamente, de como podia haver tantas mulheres atraentes numa cidadezinha.

Os vôos entraram num esquema perfeito, não apenas no ar, mas em nosso pensamento.

Afivèle o cinto apertado neles, Stu, e não se esqueça de dizer-lhes para segurarem seus óculos escuros quando eles olharem para os lados, lá para baixo. Role o avião na pista daqui, atento aos outros aparelhos, verifique novamente o acesso final para ver se ninguém mais está vindo. Role sobre a pista gramada, segure firme o leme aqui e veja se pode decolar bem em frente à nossa multidão, para que eles possam ver as cruzes brilhantes no giro das rodas, depois que o biplano estiver no ar. Se o motor falhar agora, ainda podemos aterrissar sobre a pista de pouso. Agora, e disparamos em direção da campina. Sobre a fazenda, uma pequena volta para que eles possam ver lá embaixo as vacas e o trator, e se o motor falhar agora, há um pequeno campo muito bom do outro lado da estrada. Nivele em 800 pés, plane para circular o Lago Blue Spring. Estamos ganhando um monte de dinheiro hoje. Eu perdi a conta dos passageiros... no mínimo duzentos dólares hoje, com certeza. Mas você realmente trabalhou para isto. Cuidado com os outros aviões, continue olhando ao redor, se falhar agora aterrissaremos bem do outro lado do lago; um ótimo lugar plano para descer. Vire agora para que o pessoal possa ver os barcos a vela levados pela brisa, e barcos a motor e esquiadores deixando rastros brancos pelo lago. Um lugar para aterrissar lá à esquerda, mais um círculo aqui, engrene para queda livre para que eles dêem uma última olhada no azul daquele lago, depois desça sobre a campina verde planando sobre a cidade, tome cuidado agora, porque há todos os tipos de aviões ao redor. Fique atrás do Cessna... pobre rapaz, não sabe o que está perdendo por não ter um avião de nacele aberta para voar; tem de pilotar sentado naquela cadeira de ordenhar. É claro que ele pode chegar aos lugares duas vezes mais rápido do que nós, e isto é o que ele quer, tão preciso, imagino. Eu queria que ele mantivesse seu modelo mais perto, se bem que algum dia seu motor parará e ele se sentirá como um bobo, incapaz de planar até a pista. Lá está ele, vire aqui, perca um pouco de altitude, veja o vento novamente, vento de través, mas sem problemas. Mire o lado direito da pista e corte em direção ao centro, para passarmos bem devagar pela nossa multidão e esteja pronto para apanhar mais passageiros, rapaz. Os velhos pilotos errantes estão trabalhando pela sua manutenção. Esqueça, está na hora de aterrissar e, lembre-se, cada aterrissagem é diferente. Pare bruscamente e cuidado para não fazer papel de bobo e dar um cavalo de pau em frente a uma multidão como esta, mesmo que você não bata com o avião. As rodas estão mais fortes do que nunca. O velho Johnny sabe realmente soldar; aquele sujeito, e melhor amigo você não encontrará em parte alguma. Leve-o suavemente para baixo, agora, sobre a cerca. Aqueles carros deviam prestar mais atenção aos avisos, dirigindo por ali. Estamos descendo e esta é a parte mais difícil da coisa toda, mantenha-o em linha reta, em linha reta, atenção à manete, ao

leme, eles estão felizes por descerem, mas eles gostaram do passeio, rapaz, e não deixe que pisem no pano. Tem mais dois prontos para voar; essa gente corajosa, sobrepujando seus temores e confiando em mim só porque eles querem ver que tal é olhar lá de cima. Uma mãe e sua filha desta vez; elas ainda não sabem, mas também vão gostar de voar. Afivele o cinto apertado nelas, Stu, e não se esqueça de dizer-lhes para segurarem seus óculos escuros quando olharem para os lados...

Mais uma vez, mais uma vez, mais uma vez.

Mas, de repente, o plano mudou, e, enquanto Stu estava fazendo entrar os passageiros no avião, veio um homem zangado e ficou ao lado da minha nacele.

— Eu sei que você é um excelente piloto e tudo o mais — disse com raiva — mas você deveria ter mais cuidado na aterrissagem, para variar. Eu estava descendo no bimotor ali, o Apache, e você me cortou, você fez uma curva bem na minha frente!

Meu primeiro pensamento foi dizer o quanto eu lamentava ter feito tal coisa, mas depois sua atitude me chocou. Eu agiria desta maneira com um colega num dia apinhado de gente? Por alguma razão distante, lembrei-me de um piloto chamado Ed Fitzgerald, que voltou com o 14º Esquadrão Tático de Caças, USAF. Fitz era um dos melhores pilotos que conheci, e um amigo leal, mas ele era o homem mais violento na Força Aérea. Ele sempre estava zangado e dizíamos que ele tinha uma mola na posição *explodir*. Se alguém cometesse o erro de contradizer Fitz em qualquer coisa, por mínima que fosse, ele estava pronto para um combate corpo a corpo como um leopardo selvagem. Mesmo se ele estivesse errado, Ed Fitzgerald não esperaria um segundo para atirar ao chão um estranho que ousasse hostilizá-lo.

Assim eu pensava em Fitz, então, e sorria para mim mesmo. Eu fiquei de pé na nacele, o que me fez ficar quase um metro mais alto do que este piloto do Apache, e investi contra ele, furiosamente, como Fitz teria feito.

— Olhe aqui, amigo — eu disse. — Eu não sei quem é você, mas você estava voando de um jeito que poderá matar alguém. Você voa sobre toda a região e depois faz uma curva em direção ao aeroporto e espera que todo mundo saia do seu caminho porque você tem dois motores no seu avião vagabundo. Olhe, amigo, se você voar daquela maneira eu o eliminarei da corrida todas as vezes; você sobe lá agora e eu o eliminarei novamente, está ouvindo? Quando você aprender a pilotar um avião e voar numa competição, então volte e fale comigo, hein?

Stu tinha acabado de prender o cinto nos passageiros e eu empurrei a manete para frente, para desequilibrar o homem com o arrastão de ar da hélice. Ele afastou-se, furioso, e eu baixei minha viseira e saí num torvelinho, impossibilitando-o de responder. Ri o tempo todo até a decolagem. Venha me ajudar, velho Fitz.

Por volta das 3h, o campo estava tão vazio e silencioso como tinha estado durante todo o resto do ano. Não havia nenhum outro avião à vista,

exceto o Luscombe e o biplano. Atravessamos o milharal para almoçar e caímos pesadamente na nossa mesa.

— Três hamburgers e três Pilotos Errantes Especiais, Millie. — Outro aspecto de segurança. Você não somente conhece a garçonete, como também tem sua própria mesa e acrescenta coisas ao menu. Nossa mesa era para três, contra a parede lateral, e o Piloto Errante Especial era sorvete de morango batido com Seven-Up. Stu tinha até mesmo escrito e ele podia ainda estar lá num menu em Palmyra.

Após um longo tempo, Paul falou, esfregando os olhos: — Que dia.

— Mm — concordei, relutando em fazer o esforço para abrir minha boca.

— O que há com Duke? — perguntou Stu, depois de um momento, e, quando ficou evidente que ninguém estava a fim de falar muito, ele continuou: — Ela esteve lá o dia todo observando vocês voarem, mas nunca comprou um bilhete. Ela diz que tem medo.

— Este é o problema dela — eu disse.

— De qualquer forma, fomos convidados para jantar com ela e seus amigos esta noite. Do outro lado do lago. Nós vamos?

— Claro que vamos — disse Paul.

— Ela disse que estariam de volta às 5h e nos apanhariam.

Fez-se silêncio por um momento, que eu finalmente quebrei. — Isto funciona? Um piloto errante consegue sobreviver?

— Se seu pássaro pode sobreviver àquele cavalo de pau e sair voando novamente dois dias depois — disse Paul — a miséria está fora de cogitação. E eu não sei quanto dinheiro nós ganhamos, mas deve ser muito. Se um sujeito se sentou e traçou um programa para si mesmo de modo que pudesse participar de todos os desjejuns aéreos, em todas as feiras municipais e em todas as comemorações de regresso ao lar em pequenas cidades, ele poderia comprar os interesses do Rockefeller em mais ou menos uma semana e meia.

— Enquanto você mantiver os aviões voando, transportando passageiros, você está no negócio — disse Stu. Ele fez uma pausa. — Duke disse hoje, quando eu estava vendendo os bilhetes, que ia haver um bolo de apostas na cidade, e disse que o biplano nunca mais voaria, depois do choque.

— Ela falava sério? — perguntei.

— Pareceu-me que sim.

— Parece surtir efeito. Vocês viram como o helicóptero finalmente desistiu? O Velho Grande Circo Americano estava realmente forçando-os e eu acho que ele simplesmente não pode agüentar a competição.

Fez-se silêncio, depois Paul falou novamente.

— Sabem, aquela garota voou três vezes comigo.

— Que garota era aquela?

— Eu não sei. Ela nunca disse uma palavra, nem mesmo nunca sorriu. Mas ela voou três vezes. Nove dólares. Aonde uma garota consegue nove dólares para jogar fora em passeios aéreos?

— Jogar fora? — eu disse. — Jogar fora? Puxa, a garota estava *voando!* Nove dólares não são *nada!*

— Sim. Mas você não encontra muitas como aquela, que pensam daquela maneira. E, sabem o que mais? Dois autógrafos hoje. Eu assinei dois autógrafos!

— Ótimo — eu disse. Venceu-me também. Um jovem quis que eu assinasse seu livro. E você, Stu? Você não é mais o Astro.

— Pobre Stu — disse Paul arrogantemente. — Você assinou algum autógrafo hoje... Astro?

Stu respondeu delicadamente. — Doze — disse e desviou os olhos.

Por volta das 5h já tínhamos coberto os aviões para a noite. Podíamos ter levado mais passageiros, mas não estávamos com disposição para isto, e fechamos nosso stand de passeios aéreos.

Duke e seus amigos chegaram e nos levaram para uma casa no outro lado de Palmyra. Havia tempo para um mergulho, mas Paul preferiu ficar na praia; a água parecia estar fria.

— Emprésteme seu pente, Stu — eu disse, após uma hora no lago, quando estávamos de volta a casa.

— Claro. — Ele me estendeu um pedaço de plástico quebrado, com cinco dentes numa ponta, um longo espaço, uma pequena floresta de dezoito dentes e todo o resto vazio.

— Pente de pára-quedista, imagino — desculpou-se Stu. — Algumas aterrissagens violentas acabaram com ele.

O pente não era muito eficiente.

Retornamos para a concentração, um aglomerado de pessoas na sala de estar, que mastigava com ruído sanduíches e batatas fritas.

Eles estavam interrogando Paul sobre o que fazíamos, exhibições.

Houve uma certa ansiedade na sala, como se tivéssemos alguma coisa que aquelas pessoas queriam, um remoto desejo de dizer adeus a tudo em Palmyra e voar para longe, para o pôr-do-sol com o Grande Circo Aéreo Americano. Eu notei isto, mais do que outra coisa, na garota Duke. E eu pensei: — se eles querem fazer alguma coisa como esta, por que eles esperam? Por que simplesmente não o fazem, e ficam felizes?

Paul, falando com grande lógica, convenceu Duke a voar no Luscombe.

— Mas tem que ser à noite — ela disse.

— Por que à noite? Você não pode ver quase nada...

— É justamente por isto. Eu não quero ver. Acho que isto força a pular.

Paul levantou-se. — Vamos.

Eles saíram. Estava escuro que nem breu lá fora; uma falha no motor durante a decolagem o fazia passar maus momentos. Ficamos escutando, e, algum tempo depois, ouvimos o Luscombe decolando com suas luzes de navegação movendo-se entre as estrelas. Eles voaram sobre a cidade e circularam mais alto. Bom para Paul. Ele não queria ser apanhado fora da distância de planagem até o campo.

Nós conversamos durante mais algum tempo, na casa, sobre como Duke era uma garota estranha: quanto tempo ela tinha estado temerosa de subir num avião, e como subiu lá no meio da noite, aonde ninguém mais pensaria em voar, pela primeira vez.

Stu aproveitou a oportunidade para ficar calado e eu encontrei um violão que compunha a decoração e comecei a afiná-lo. A corda quebrou-se imediatamente, e lamentei não ter visto a coisa. Um pedaço de linha de pesca como uma corda de emergência deu o tom alto demais.

Depois de um tempo, os fugitivos voltaram.

— É bonito! — Duke nos disse. — As luzes e as estrelas. Mas, depois de cinco min, eu disse: — Leve-me para baixo, leve-me para baixo! — Eu me sentia com vontade de pular.

— Ela não podia ter pulado daquele avião se tentasse — disse Paul. — Ela não conseguiria nem mesmo abrir a porta.

Duke falou um pouco sobre o que ela tinha sentido lá em cima, mas com palavras cautelosas, reservadas. Eu imaginava o que ela realmente pensava.

Uma hora mais tarde, agradecemos nossos hóspedes, nos despedimos e caminhamos pela noite de volta à pista.

— Se o motor falhasse na decolagem, eu teria tido problemas — disse Paul. — Eu sabia que a campina estava lá, mas eu não a podia ver. Puxa, eu estava nos instrumentos quando atingimos o chão... estava *PRETO!* Eu não podia nem mesmo dizer aonde estava o horizonte. Aquele sentimento fantasmagórico, vocês sabem, se as estrelas eram a cidade ou se a cidade era as estrelas.

— Pelo menos você ficou na distância de planagem logo que você levantou vôo — eu disse.

— Oh, uma vez que estávamos lá em cima, não houve problema algum. Foi justamente naquele pequeno espaço de tempo da decolagem.

Entramos no escritório e acendemos a luz.

— Que dia!

— Ei, tesoureiro, quanto ganhamos hoje?

— Eu não sei — disse Stu, e sorriu. — Nós o contaremos amanhã, rapazes. — Stu estava mais velho agora do que quando se uniu ao circo. Ele nos conhecia, esta era a diferença, eu pensei, e desejei que pudéssemos dizer o mesmo dele.

— O diabo, que nós o contaremos amanhã — eu disse. — Amanhã acordaremos e descobriremos que o nosso tesoureiro está a caminho de Acapulco.

— Conte-o, Stu — disse Paul.

Stu começou a esvaziar seus bolsos sobre o sofá, do dia de maior trabalho que tivemos em todo o verão. Havia grandes bolos de dinheiro amassado em todos os bolsos, e sua carteira estava estufada de notas. A pilha final sobre o sofá parecia ser toda pregueada e era impressionante.

Stu contou-o em pilhas de cinqüenta dólares, enquanto olhávamos. Havia sete pilhas e algumas notas que sobraram; trezentos e setenta e três dólares. — Nada mau para um dia de vôo — eu disse.

— Espere um instante — disse Paul, fazendo cálculos. — Isto não pode estar certo. Se um passeio custa três dólares, como é que podemos ter um número como 373?

Stu apalpou seus bolsos. — Ah, aqui está um rolo inteiro que faltou — ele disse, e, para um coro de murmurantes suspeitos, ele contou mais dezessete dólares na última pilha. — Não sei como isto pode acontecer.

— É o nosso aviso, Paul — eu disse. — Temos de ter cuidado com o tesoureiro.

Havia agora 390 dólares, resultado de 130 passageiros; a maioria dos quais nunca tinha voado antes em suas vidas. Você pode destruir aquela pilha de notas, eu pensei, ou gastá-la, mas você nunca poderá destruir aqueles vôos que aquelas 130 pessoas tiveram hoje. O dinheiro é apenas um símbolo do desejo de voar, de ver a terra lá de cima. E, por um momento, eu, piloto errante impregnado de óleo, me senti como se tivesse feito algo de valor no mundo.

— E o gás e o óleo? Quanto devemos?

Eu verifiquei a folha de registros na escrivania e acrescentei os valores.

— Chega a \$42.78. Nós gastamos 129.4 galões de gasolina e 12 quartos de óleo. Temos de pagar a Stan pelo seu material, também, que nós usamos. Acetileno, oxigênio, o arame para soldar e as peças. O que vocês acham? Vinte dólares está bom? — Eles concordaram.

Stu estava calculando como dividir o dinheiro em quatro partes, deixando uma pilha para Johnny Colin. — OK. São \$81.80 para cada um e ainda sobram dois centavos. Alguém quer conferir meus cálculos?

Nós todos quisemos e ele estava certo. Colocamos os dois centavos extras na pilha de Johnny, para ser enviada pelo correio no dia seguinte.

— Sabem — eu disse quando estávamos prontos para dormir — talvez tenha sido uma boa coisa não voarmos com dez aviões, ou seja o que for, neste show. A única vez em que podíamos manter dez aviões ocupados com passageiros é um dia como este. Teríamos morrido de fome, todos os dez; não poderíamos nem mesmo pagar nossa gasolina.

— Você está certo — disse Paul. — Dois aviões são o suficiente, talvez três, a menos que você queira tudo organizado e participar de feiras municipais e desjejuns aéreos.

— Vocês podem nos imaginar organizados? — disse. — Hoje, homens, voaremos um oito zero graus por oitenta e oito milhas em direção a Richmond, onde transportaremos passageiros do meio-dia às 2h30min. Depois prosseguiremos na direção oeste por quarenta e duas milhas, onde voaremos com passageiros das 4h às 6h15min... — Más notícias. Estou feliz que sejamos só nós.

— Vocês provavelmente dirão que estamos sendo "guiados", que os outros aviões simplesmente não podem fazê-lo? — disse Paul. — E que todos aqueles choques não nos farão parar?

— É melhor vocês acreditarem nisto, que estamos sendo "guiados" — disse. Eu estava ficando mais confiante nisto, em vista dos nossos milagres. Mas, enquanto o Meio-Oeste da América mostrava-se bonito e agradável, eu ainda ficava imaginando que inesperadas aventuras poderiam ser guiadas na trajetória de O Grande Circo Aéreo Americano. Eu não estava tão ansioso por aventuras, e desejava um tempo de tranqüilidade.

Esqueci que tranqüilidade, para um piloto errante, é miséria.

Capítulo 10

NÓS ENVIAMOS O DINHEIRO DE JOHNNY na manhã seguinte, num volumoso envelope e um bilhete, agradecendo.

Durante o último desjejum no D&M, Paul olhou para a lista de clientes que ele tinha prometido fotografar.

— Eu tenho que ir a uma empresa nos arredores de Chicago. Eu realmente tenho de ir lá e fotografar aquilo. Depois há uma em Ohio e Indiana... nós vamos à Indiana?

— Você é o líder hoje — eu disse.

— Ora, vamos. Você acha que nos encontraremos em Indiana?

— Você me convenceu. Depende de como o vento estiver soprando.

— Obrigado. Eu tenho que falar com este sujeito em Chicago, depois, enquanto estiver lá, terei que voar também até Indiana. Eu podia me encontrar com vocês novamente mais tarde, aonde quer que estejam.

— OK. Deixarei recado com Bette, dizendo-lhe aonde estamos. Você lhe telefona e encontre-nos quando puder. — Eu lamentei que Paul

pensasse mais nas suas fotografias do que em fazer exposições, mas ele era livre para fazer o que quisesse.

Nós nos despedimos de Millie, deixando gorjetas monstruosas sobre a mesa, e voltamos aos aviões. Decolamos juntos, ficamos em formação até 800 pés e então Paul acenou e fez uma curva brusca distanciando-se na direção do Lago Michigan e de 1960.

Estávamos sozinhos. O Grande Circo Aéreo Americano era agora um biplano, um piloto e um pára-quedista; destino, como sempre, desconhecido.

A terra lá embaixo tornou-se plana. Parecia ser Illinois, e, após uma hora de vôo, avistamos um rio. Não havia outro avião no céu e lá embaixo todo mundo trabalhava em algum tipo de emprego razoável, respeitável. Era um sentimento solitário.

Seguimos o rio para o sul e o oeste, o biplano deixando um pequeno rastro sujo no ar, acima do curso d'água.

Havia poucos lugares para aterrissar. Os campos perto das cidades estavam cercados de cabos telefônicos ou com plantações de milho e feijão. Voamos várias horas ao acaso, permanecendo perto d'água, e, finalmente, quando estávamos a ponto de desistir, aborrecidos, encontramos um campo no Erie, Illinois. Era pequeno, tinha árvores num dos lados e estava a meia milha da cidade. Todas estas coisas eram ruins, mas lá embaixo no campo o feno estava sendo ceifado e enfardado e uma larga faixa tinha ficado limpa. Descemos feito uma bala sobre o milharal e aterrissamos no feno, rolando até parar não muito longe de onde um fazendeiro estava dirigindo um enorme ancinho giratório. Ele estava tendo algum problema com ele, e eu desliguei o motor.

— Ei, você aí — disse.

— Olá!

Stu e eu caminhamos até o ancinho. — Podemos lhe ajudar de algum modo?

— Talvez. Estou tentando enganchar esta coisa no trator, mas é muito pesada.

— Não vai dar. Nós podemos levantar aquela coisinha lá. — Stu e eu levantamos a lingüeta do ancinho, que era de aço maciço, o colocamos no engate do trator e abaixamos o pino de fixação.

— MUITÍSSIMO obrigado, rapazes — disse o fazendeiro. — Ele usava uma jaqueta de algodão sobre o seu macacão, um boné de engenheiro ferroviário e uma calma imperturbável, para quem teve um avião caído no seu campo.

— Você tem um bonito campo de feno aqui — disse. — Você se importaria se levantarmos vôo daqui, levando alguns passageiros?

— Apenas uma vez?

— Muitas vezes, esperamos.

— Bem... — Ele não estava gostando muito da idéia, mas, por fim, concordou..

Eu descarreguei o avião para alguns vôos de experiência, para ver quanto espaço livre tínhamos, sobre as árvores. Eu não gostei. Passávamos sobre as pontas dos galhos com uma margem muito menor do que tínhamos imaginado, e, com o peso dos passageiros a bordo, não seria muito confortável. Mas não havia outro campo à vista, em volta de toda a cidade. Era tudo plantação de milho.

Não adiantava tentar. Nosso campo não era suficientemente bom e tínhamos que ir embora. A esta hora, o Sol está baixo, e também o nosso combustível. Preferimos ficar para pernoitar e sairmos de manhã bem cedinho. O plano estava selado quando o fazendeiro passou e parou, ao anoitecer.

— Não queria que vocês voassem muito daqui, rapazes. O escapamento do seu motor pode danificar meu feno.

— OK. Importa-se se passarmos a noite aqui?

— Absolutamente. Apenas não quero que aquele escapamento atinja o feno, é tudo.

— Obrigado. — Começamos a caminhar para a cidade para comprar nossos hamburgers, mantendo-nos à direita da estrada, roçando os matos.

— E o trator dele? — disse Stu. — Não tem um escapamento?

— Sim, mas isto não faz nenhuma diferença. Ele nos quer fora daqui, a gente sai. Sem perguntas. É a terra dele.

Ao pôr-do-sol, estávamos de volta ao avião e aos sacos de dormir. Havia dez bilhões de mosquitos esperando por nós. Eles ficavam rodando, zumbindo suavemente, com pouca potência, e todos eles estavam bastante impacientes para nos encontrar.

Stu, não tão calado desde a partida de Paul, tinha sugestões. — Nós podíamos aplicar um quarto de sangue para eles na asa — disse. — Ou amarrar uns duzentos sapos por aí. Ou podíamos ligar o motor e soprá-los para bem longe...

— Você tem muita imaginação, meu rapaz, mas tudo o que é preciso é que entremos num acordo com os mosquitos. Eles têm seu lugar no mundo para viver, você sabe, e nós temos o nosso...

— Nós podíamos voltar à cidade e comprar algum repelente...

— ... e assim que percebermos que eles não têm de perturbar nossa paz, eles simplesmente... irão embora.

Às 10h, estávamos indo para a cidade. A cada 7min, enquanto caminhávamos, um automóvel reluzindo de novo, sem amortecedor, vinha chispando da cidade a mais ou menos 70 milhas por hora, parava, manobrava e voltava chispando. — Com os diabos! O que estes malucos estão fazendo? — eu disse, confuso.

— "Dragging Main".

— O quê?

— Chama-se "Dragging Main" — explicou Stu. — Nas cidades pequenas, os rapazes não têm nada para fazer, então ficam andando com seus carros para lá e para cá, para lá e para cá, a noite inteira. — Ele não falou se achava isso bom ou mau. Ele apenas disse o que era.

— Isto é divertimento? Isto é o que eles fazem para se divertirem?

— Sim.

— Puxa!

Outro carro passou fazendo um barulho estridente. Não. Era o mesmo carro que tínhamos visto 7 min atrás.

Santo Deus, pensei. Teríamos tido um Abraham Lincoln, um Thomas Edison, um Walt Disney, se todo mundo gastasse suas horas de lazer em "Dragging Main? Eu observei os rostos naquelas frações de segundos ao volante, e vi que os jovens que passavam não estavam somente dirigindo mas também sendo dirigidos, por puro e desesperado fastio.

— Eu espero ver, ansiosamente, as contribuições que estes rapazes vão dar ao mundo.

Era uma noite quente. Stu bateu na porta de um supermercado quando este já estava fechando, explicou sobre os mosquitos e pagou cinqüenta centavos por uma garrafa de promessas para afastá-los. Eu comprei meio litro de sorvete de laranja e voltamos ao avião.

— Você quer um pouco desta coisa? — Stu perguntou.

— Não. Tudo o que você precisa é de um entendimento...

— Maldição. Eu ia vender a você um esguicho disto por cinqüenta centavos.

Nenhum dos dois conseguiu a paz com as pequenas criaturas.

Às 5h30min da manhã, estávamos voando, assombrando o sudeste sobre a tranqüila neblina do rio, em direção a um ponto preto num mapa rodoviário que supunha-se ser um aeroporto. Tínhamos combustível para 1h, e o vôo duraria 30min.

O ar estava parado como o Sol, que iluminava o frio horizonte e éramos a única coisa móvel num raio de mil milhas do céu. Eu podia ver como um velho piloto errante podia recordar seus dias com satisfação.

Voamos por toda uma semana difícil, surpresos de como eram poucas as cidades de Illinois que podiam ser verdadeiros lares para pilotos errantes. Nossos lucros palmiranos tinham-se acabado.

Aterrissamos imediatamente, desesperados, num aeroporto gramado perto de Sandwich. Era uma pista verde-macia, com muitas centenas de pés de comprimento, e razoavelmente perto da cidade. Estávamos cansados de tanto vôo sem lucro, e, ainda que não fosse um campo de feno, achamos que este seria um bom lugar para passar a noite.

O escritório do aeroporto tinha acabado de ser remodelado, estava revestido com pau-cetim escuro, e comecei a imaginar se não tínhamos errado de lugar, no primeiro momento em que vi o proprietário, pela janela. Ele tinha observado este biplano sujo de graxa aterrissar, estava preocupado com o óleo pingando em sua grama, e agora seus imundos ocupantes estavam *entrando no seu escritório novo!*

Ele tentou ser educado, o muito que pode ser registrado em seu favor. Mas ele recebeu o Grande Circo Americano tão calorosamente como teria recebido o Monstro do Lago Ness no degrau de sua porta.

Eu lhe disse animadamente o que estávamos fazendo, como nunca tínhamos transportado um passageiro insatisfeito, como podíamos trazer muitos novos clientes para o seu campo e aumentar o seu próprio negócio de voar com passageiros.

— Eu sou um pouco conservador — disse quando eu terminei. E depois, astutamente. — Vocês têm a sua própria manutenção?

Para alguém manter-se, sem licença, é ilegal, e ele esperava como um abutre pela nossa resposta, pensando no preço de nossas cabeças. Ele quase ficou desapontado, ao ouvir que o biplano estava registrado corretamente e tinha sua própria subsistência. Então ele se iluminou. — Eu vou inaugurar o novo prédio no próximo mês. Eu poderia usá-los então...

Ser usado não pareceu ser muito divertido. Stu e eu olhamos um para o outro e nos levantamos para sair. Naquele instante, como num *script* de cinema, um cliente entrou.

— Eu quero dar um passeio de avião — disse.

O proprietário começou a desfiar uma longa explicação, desculpando-se de que sua licença de vôo não estava atualizada e não valeria a pena chamar um piloto da cidade para dar somente um passeio e seus aviões estavam todos na manutenção. Não dissemos uma palavra. Apenas ficamos lá e também o cliente. Ele queria um passeio.

— É claro que estes rapazes poderiam levá-lo para dar um passeio, mas eu não sei nada sobre eles...

Ah, pensei, a fraternidade do ar.

O cliente estava quase tão amedrontado com o biplano como o administrador do aeroporto tinha estado, embora numa maneira mais sincera. — Eu não quero nenhuma pirueta agora. Apenas plane um pouco ao redor da cidade e desça novamente.

— Suave como uma nuvem, sr. — eu disse, com um floreio. — STU, VAMOS LIGAR ESTA COISA!

O vôo foi suave como uma nuvem, e o homem até disse que gostou. Alguns segundos após, aterrissamos e ele se foi, deixando-me confuso o porquê dele ter querido subir sentado no primeiro banco.

Em 15min, estávamos novamente no ar, felizes em deixar Sandwich e seu escritório novo. Voando outra vez para o norte, sem rumo, olhando

para baixo, voltaram-me à mente algumas das velhas dúvidas sobre sobrevivência.

Aterrissamos finalmente em Antioch, uma cidade de veraneio, a poucas milhas ao sul da fronteira de Wisconsin. O campo gramado ficava à beira de um lago e descobrimos que o proprietário cobrava pelos passeios no fim de semana no seu biplano Waco. Ele cobrava cinco dólares o passeio, e não estava interessado em nenhuma competição em momento algum, e ele ficaria mais feliz se partíssemos. Mas, antes que pudéssemos ir, um moderno Piper Cherokee aterrissou e taxiou do nosso lado. Um rapaz sério, vestido com camisa branca e gravata, andou propositadamente em nossa direção e sorriu da maneira que um homem faz quando é forçado pelo emprego a manter contato com muitas pessoas.

— Sou Dan Smith — disse sobre o barulho do motor. — Comissão da Aeronáutica de Illinois.

Cumprimentei com a cabeça, e fiquei imaginando porque ele tinha feito tanto alarde de seu título. Depois vi que ele estava procurando um distintivo de Registro do Estado de Illinois no biplano. Não encontrou nenhum. O distintivo é obrigatório naquele Estado. Custa um dólar mais ou menos, o que, aparentemente, paga o salário do trabalhador do campo.

— De onde são vocês? — perguntou.

Vindo de qualquer um, uma pergunta normal, inofensiva. Deste homem, era sinistra. Se eu fosse de Illinois, seria multado imediatamente.

— Iowa — eu disse.

— Oh.

Sem dizer mais nada, ele andou até o hangar em frente e desapareceu dentro dele, procurando por aviões escondidos, sem distintivos de registro.

Que maneira de viver, pensei.

No ar novamente, estávamos ficando desesperados. Em toda esta região de lagos, não conseguíamos encontrar um lugar para aterrissar perto de um deles. Nós tínhamos um critério simples: perto de cidade, perto de lago. Mas não havia tal coisa. Circulamos por mais 1h sobre uma porção de lagos e não encontramos nada. Era duro de agüentar a sede, lá no grande calor das naceles, e voamos para o norte novamente, procurando algum lugar para descer.

Atravessamos o Lago Geneva e olhávamos para baixo, sedentos, para toda aquela água. Esquiadores, barcos a vela, nadadores... bebendo o quanto queriam do lago.

Aterrissamos na primeira pista que vimos. Era o lugar errado. *Lago Lawn*, dizia numa placa brilhante. A grama estava imaculadamente aparada, e descobrimos que esta era a pista de pouso privada do Lago Lawn Country Club.

Estacionando o biplano todo sujo de graxa fora da vista, pulamos fora das naceles e andamos pela estrada até o Clube, fingindo sermos jardineiros em serviço. Os guardas no portão nos apanharam, mas ficaram com pena e nos mostraram o caminho para a água.

— Estou começando a duvidar do seu método de encontrar campos — disse Stu.

Depois estávamos no ar novamente dirigindo-nos para o sul, no terceiro círculo gigante da semana. Não existe tal coisa chamada chance, pensei, rangendo os dentes, não existe tal coisa chamada sorte. Estávamos sendo levados para um lugar aonde fosse melhor para nós. Há um bom lugar esperando, este minuto. Bem ali em frente.

Um extenso campo aberto inclinava-se abaixo de nós, distante de qualquer cidade, mas ótimo lugar para aterrissagem.

Eu pensei em aterrissar lá e levar as vacas que pastavam para um passeio. Em meio segundo eu estava sério, imaginando se adiantaria. Voltava-se sempre a isto. Tínhamos que passar por isto novamente, todos os dias... tínhamos que encontrar passageiros humanos e pagantes.

Capítulo 11

A CIDADE DE WALWORTH, Wisconsin, é um lugar bonito e simpático, Mostrava aquela simpatia estendendo à nossa frente um campo de feno macio, todo ceifado. O campo ficava a três quarteirões do centro da cidade, era comprido e largo, e os caminhos de acesso eram uma boa proteção contra uma série de cabos telefônicos baixos. Aterrissamos, nas nossas últimas reservas de dinheiro e moral.

O proprietário do campo foi amável, achando um pouco divertido o velho biplano e as estranhas pessoas que desceram dele. — É claro que vocês podem voar daqui do campo, e obrigado pela oferta de um passeio. Decolem com ele. — A esperança renasceu. Alguém tinha dito que éramos bem-vindos!

Num segundo, os sinais estavam ligados, e fizemos dois passeios grátis com o proprietário e sua família. Até o pôr-do-sol, tínhamos voado também três passageiros pagos. Naquela noite, o tesoureiro informou-me que naquele dia tínhamos gasto \$30 em gasolina, mas ganhamos \$12 com os passageiros. Evidentemente, nossa sorte estava mudando.

Olhando para mim, de manhã, no espelho do posto de gasolina, estava uma imagem horrível, um Sr. Hyde com a barba por fazer, tão terrível, que eu quase recuei alarmado. Aquilo era eu? Era aquilo que os fazendeiros tinham visto sempre que aterrissávamos? Eu teria feito correr este monstro com um forçado! Mas a imagem barbuda desapareceu finalmente no meu barbeador elétrico, e me senti quase humano quando voltei novamente para a luz do Sol.

Tínhamos que ganhar dinheiro em Walworth ou ir embora. Recapitulamos os métodos que tínhamos para atrair clientes: Método A: vôos acrobáticos nos arredores da cidade. Método B: o salto de pára-quadras. Depois, começamos a fazer experiências com o Método C. Existe uma teoria que diz que, se você jogar cartas sozinho no meio do deserto, alguém logo virá para olhar por sobre os seus ombros e dizer-lhe como jogar suas cartas. Este era o princípio do Método C. Nós desenrolamos nossos sacos de dormir e deitamos sob a asa, displicentemente.

Funcionou imediatamente.

— Ei, vocês aí.

Eu levantei minha cabeça ao ouvir a voz e olhei para lá de debaixo da asa. — Oi.

— Você pilota este avião?

— Pode estar certo disto. — Eu me levantei. — Você está querendo voar? — Por um momento, o homem pareceu-me familiar e ele olhou para mim com o jeito de quem estava tentando se lembrar. — É um bonito vôo — eu disse. — Walworth é uma cidadezinha bonita, do céu. São só três dólares americanos.

O homem leu meu nome na borda da nacele. — Ei! Você não é o... Dick! Lembra-se de mim?

Eu olhei para ele outra vez, atentamente. Eu o tinha visto antes, eu o conhecia de... — Seu nome é... — eu disse. Qual era o nome dele? Ele reconstruiu um avião. Ele e... e Carl Lind reconstruíram um avião alguns anos atrás... — Seu nome é... Everett... Feltham. O biplano Bird. Você e Carl Lind!

— Sim senhor! Dick! Como tem passado?

Everett Feltham era um engenheiro de vôo de alguma grande companhia aérea. Ele tinha sido criado em Piper Cubs e Aeronca Champs, era um mecânico de aviões, piloto, restaurador. Se ele estivesse no ar, Everett Feltham sabia de tudo: como pilotá-lo e como mantê-lo no ar.

— Ev! O que você está fazendo aqui?

— Eu moro aqui! Esta é a minha cidade natal! Rapaz, você nunca poderá dizer que tipo de gente vai cair sobre você do céu! Como vai Bette? E as crianças?

Foi uma boa reunião. Ev morava apenas a duas milhas ao norte do campo onde tínhamos aterrissado, e nosso amigo Carl Lind possuía uma casa de campo à beira do Lago Geneva, dez milhas a leste. Carl tinha pilotado aviões nos últimos vinte anos, fazendo exposições nesta mesma região. Ele deixou de voar quando se casou e constituiu família, e era agora o presidente da "Lind Plastic Products".

— Um piloto errante — disse Ev. — Eu devia saber que era você, fazendo uma loucura como esta, aterrissando num campo de feno. Você sabe que há um aeroporto logo ali no fim da estrada.

— Há mesmo? Bem, é muito longe. A gente tem que ficar perto da cidade. Estamos com um pouco de dificuldades financeiras, depois de voar por aí a semana toda sem arranjar nada. Temos de conseguir alguns passageiros para voar esta tarde ou morreremos de fome novamente.

— Eu chamarei o Carl. Se ele estiver em casa, vai querer vir para ver vocês e, provavelmente, vai querer que vocês vão à casa dele. Vocês precisam de alguma coisa? Algo que eu possa lhes trazer?

— Não. Pedacos de pano, talvez — não temos nenhum. Se você conseguir alguns por aí.

Ev acenou e foi embora, e eu sorri. — Uma coisa engraçada sobre voar, Stu. Você nunca pode dizer quando vai encontrar um velho companheiro em alguma parte. Isto não é engraçado? Aterrissar num campo de feno e lá está o velho Ev. — Nada por acaso, nada por sorte, a voz, quase esquecida, lembrou.

Após o jantar, os passageiros começaram a chegar. Uma mulher disse que a última vez que ela tinha voado foi quando tinha seis anos, com um piloto errante num avião de duas asas, como este. — Meu patrão me disse que vocês estavam aqui e eu não deveria perder esta oportunidade.

Um jovem, com um fantástico corte de cabelos, parou e olhou para o avião durante um longo tempo antes de se decidir a voar. Assim que Stu apertou-lhe o cinto na cadeira da frente, ele disse: — Eu verei amanhã?

Esta era uma estrutura de frase bastante estranha, vinda de um rapaz que se dizia analfabeto. (Por vergonha, pensei, julgando o homem por seu corte de cabelo!) Durante o vôo, ele se retesava nas curvas, apavorado, e, depois que aterrissamos, ele disse: — *Puxa!* — Ele ficou bastante tempo depois de seu vôo, olhando para o avião quase que com respeito. Eu o considerava uma pessoa real, apesar do seu cabelo. A sensação de estar acima do chão o perturbou.

Duas jovens bonitas, com lenços na cabeça, colocaram nosso livro de contas com saldo credor pelo resto do dia, e elas riam felizes no céu, dando voltas sobre a cidade natal delas.

Eu verifiquei o combustível e, com os dez galões que restavam, eu estava no fim do meu limite e era hora de encher o tanque, mesmo se os passageiros tivessem que esperar.

Decolei imediatamente para o aeroporto que Ev tinha mencionado e, em 5 min, estava rolando e parando na bomba de gasolina. Eu estava acabando de tampar o tanque, quando um homem de negócios, robusto, olhos brilhantes e com um chapéu de palha, desceu do avião.

— Ei, Dick!

— CARL LIND! — Ele estava justamente como eu me lembrava dele, uma das pessoas mais alegres do mundo. Tinha sobrevivido a um ataque cardíaco, e agora sentia prazer do ar que respirava.

Ele examinou o avião, como apreciando-o com o olhar. — Ele é bom, Carl? — eu disse. — Está do jeito que você se lembra?

— Não tínhamos, na minha época, toda esta tinta dourada brilhante, posso lhe garantir. Mas o patim está muito bom, e os consertos nas asas também. É assim que me lembro dele.

— Suba, Carl, sente-se aqui na frente, se você confia em mim. Você não tem controles na frente. Eu vou voltar ao campo.

— Você vai me levar junto? Tem certeza de que posso ir?

— Entre ou vai nos atrasar. Nós temos passageiros esperando!

— Nunca os deixe esperar — ele disse, e pulou para o banco dianteiro. Estávamos no ar em menos de 1 min e foi bom ver o homem novamente no céu que ele amava. Ele tirou o chapéu, seu cabelo grisalho solto no vento, e ele sorria bastante, recordando-se.

O biplano deu-lhe uma suave aterrissagem no feno e deixei o motor ligado, enquanto Carl descia.

— Vá em frente e leve seus passageiros para voar — disse. — Depois cobriremos o avião e vocês irão à minha casa.

Voamos ininterruptamente até que o Sol baixou no horizonte e durante todo o tempo Carl Lind observava o biplano voar, esperando com sua mulher e Ev. Foi o melhor dia da semana; vinte passageiros até o pôr-do-sol.

— Eu não sei se isto está no Código do Piloto Errante — eu disse para Carl enquanto íamos de carro pelo Lago Geneva e atravessávamos as propriedades por lá. — Estamos todos sujos e deveríamos ficar debaixo da asa quando não estamos voando.

— Oh, não. Eles costumam fazer isto. Alguém que gosta de avião ofereceria a vocês um jantar em sua casa.

Mas não, eu pensava quando entramos pelo seu portão, desta maneira. Era uma cena tirada de uma das revistas "Fine House", toda colorida e com carpetes altos e vidraças dando para o lago.

— Este é o nosso cantinho... — começou Carl, desculpando-se. Stu e eu rimos ao mesmo tempo. — Apenas uma pequena choupana que você mantém escondida nos bosques, Carl?

— Bem... a gente gosta de ter um lugar aonde possa vir e descansar, sabem?

Demos um breve giro pela elegante casa, e fomos tomados por um estranho sentimento. Sentíamos-nos perto de alguma coisa civilizada. Carl gostava imensamente de sua casa e era um lugar alegre por causa disto.

— Vocês podem trocar de roupa aqui. Desceremos para um mergulho. Vocês gostarão. Eu pegarei dois peixes nos cinco primeiros arremessos. Aposto que sim.

Estava quase totalmente escuro quando descemos, descalços, pelo gramado aveludado até o seu cais. Num dos lados da madeira pintada de

branco havia uma casa de barcos e uma lancha de corrida suspensa nos guinchos.

— Provavelmente, a bateria pifou. Mas se conseguirmos dar partida, daremos uma volta.

Ele baixou a lancha dentro d'água no seu guincho elétrico e pressionou o arranque. Houve somente um som rouco e mais nada.

— Tenho de me lembrar de manter carregada esta bateria — disse, e levantou o barco novamente no ar.

Carl tinha trazido uma pequena vara de pescar e começou a trabalhar para conseguir seus Dois Peixes nos Primeiros Cinco Arremessos no momento em que Stu e eu caímos n'água mergulhando do cais. O lago estava bastante escuro, como óleo que tivesse envelhecido vinte anos no gelo. Nadamos furiosamente até o fanal flutuante a uns 100 pés da praia, e de lá ficamos olhando o último clarão do Sol desaparecer no céu. Assim que ele desapareceu, não se ouviu mais nenhum som no Meio-Oeste, e um sussurro no nosso fanal flutuante era levado facilmente até a praia.

— Carl, você tem uma vida muito atribulada — eu disse, de onde estávamos, na água.

— Mais dois anos e então me aposentarei. Talvez antes, se conseguir passar no meu exame médico para voar. Porque, se eu puder voar sozinho, me aposentarei este ano! Mas se não puder e tiver que ficar por aqui, seria muito ruim.

Carl pegou um peixe no seu segundo arremesso e deixou-o cair de volta dentro da água escura.

Pulamos da bóia e nadamos lentamente até o cais. Os degraus da escada de madeira estavam lisos e macios por causa do limo, e, quando ficamos em pé novamente nas pranchas, o ar estava quente como numa noite de verão.

— Perdi minha aposta — disse Carl. — Vocês espantaram meus peixes. Cinco arremessos e apenas um peixe.

Enquanto voltamos para casa e colocamos nossas roupas menos sujas de graxa, Everett tinha ido e voltado, colocando um enorme saco sobre a mesa. — Comprei doze hamburgers — disse. — Isto deve ser suficiente não acham? E um galão de cerveja.

Sentamo-nos naquela noite em volta de uma mesa junto à lareira na toca de paredes envidraçadas de Carl, comendo hamburgers.

— Sabem, tive que vender o Bird — disse Carl.

— O quê? Por quê? Aquele era o *seu avião!*

— Sim senhor. Mas eu não podia agüentar. Sair, lavá-lo, engraxá-lo e não ser capaz de pilotá-lo eu mesmo; essa coisa médica, vocês sabem. Não estava direito para o avião, não estava direito para mim. Então eu o vendi. Thelma ainda tem o Cessna dela, e nós viajamos de vez em quando. — Ele

acabou o seu hamburger. — Ei, tenho algo que quero que vocês vejam. — Ele levantou-se da mesa e foi para a sala de estar.

— Espero que aqueles exames médicos acabem bem — disse Thelma Lind. — Significa muito para Carl.

Balancei a cabeça, pensando como era injusto que a vida de um homem fosse tão afetada por uma coisa que, para todo o resto do mundo, era apenas um pedaço de papel. Se eu fosse Carl, queimaria todos os papéis na lareira e sairia para pilotar meu avião.

— Aqui está algo que vocês vão gostar de ver — disse Carl, voltando.

Ele desenrolou uma fotografia comprida sobre a mesa e olhamos para uma fila de dez aviões parados em frente a um hangar. No lado direito inferior, estava escrito em letras brancas *9 de Junho de 1929*.

— Estes são os rapazes com quem eu costumava voar. Olhem para estes sujeitos. O que vocês acham disto?

Ele disse o nome de cada um dos pilotos, e eles nos olharam orgulhosos e inalterados, braços cruzados, de pé ao lado de seus aviões. Lá, num dos lados, estava o jovem Carl Lind, de paletó e gravata e calças até o joelho, não ainda presidente da "Lind Plastic Products", não ainda preocupado com um exame médico. Ele não pensaria nisto por outros trinta e cinco anos.

— Olhe aqui, hein? Long-Wing Eaglerock, Waco Ten, Canuck, Pheasant... agora existem alguns aviões de verdade, não acham? Costumávamos ir ao piquenique dos bombeiros...

Foi uma noite agradável e eu estava feliz por não ter a mesma idade de Carl. Ele tinha voado e sorrido naquela fotografia sete anos antes de eu ter nascido.

— Estou feliz por seus amigos — disse Carl. — Conhecemos pessoas, não é, Thelma, com milhões de dólares, mas sem nenhum amigo no mundo. Rapazes, estou feliz por seus amigos. — Ele estava sendo realmente sincero, e, para quebrar a seriedade do momento, ele sorriu para Stu. — Você tem se divertido aqui nos pastos, voando por aí?

— Estou me divertindo como nunca em minha vida — o rapaz disse, e quase caí da cadeira de susto. Ele não tinha dito uma coisa tão reveladora durante todo o verão.

Era meia-noite quando fechamos o zíper dos nossos quentes sacos de dormir e nos instalamos sob a asa do biplano.

— É uma vida dura, não é, Stu?

— Sim. Mansões, bolo de chocolate, nadar no Lago Geneva... esta vida de exposições é dura!


Às 6h da manhã, um fazendeiro estava junto ao enorme estábulo gótico em frente. Ele era um pequenino ponto junto à base do estábulo, diminuído pela enorme inclinação dupla do telhado, com seus quatro

ventiladores gigantes alinhados ao longo das vigas, 70 pés no ar. Ele estava um quarto de milha distante, mas sua voz veio clara através da manhã cheirando a feno.

— BIDE BIDE BIDE BIDE BIDE! DEPRESSA, BOSSY! VAMOS VAMOS VAMOS!

Eu acordei e fiquei deitado sob a asa às primeiras luzes da manhã, imaginando o que significava "BIDE" E "BOSSY". Os fazendeiros ainda chamam as suas vacas de "BOSSY"? Mas lá estava o grito novamente, vindo, através da fragrância do feno, fazendo-me sentir culpado por estar deitado quando havia vacas para serem levadas a pastar.

Um cão latiu e o dia começou na América.

Eu apanhei caneta e papel para lembrar-me de perguntar sobre BIDE, e, quando estava escrevendo, uma pequenina criatura de seis pernas, menor do que a ponta da minha caneta, veio andando pela página pautada de azul. Eu acrescentei: um pequenino inseto de nariz pontudo acabou de atravessar esta página — propositadamente, indo definitivamente para algum lugar . Ele parou aqui.

Estávamos nós, também, andando por alguma página de um jornal cósmico? Eram os casos que aconteciam parte de uma mensagem que podíamos entender, se somente nós descobrimos a perspectiva certa para lê-los? Seja como for, com nossa longa série de milagres, pensei, o deste campo de Walworth foi o último.

Nossa vistoria matutina mostrou que tínhamos nos deparado com nosso primeiro problema de manutenção. A bequilha estava fina devido ao desgaste. Antes, ela tinha um cilindro de aço e chapa de metal para protegê-la, mas as constantes decolagens e aterrissagens a tinham estragado. Se não houvesse outro jeito, podíamos entalhar um outro patim de um galho de árvore, mas agora era a hora do trabalho preventivo. Conversamos sobre isto quando fomos tomar café, e decidimos procurar na loja de ferragens.

Por estar localizada perto dos locais de veraneio do Lago Geneva, Walworth estava se tornando uma cidadezinha muito moderna, e descobrimos a Loja de Ferragens no centro comercial.

— Desejam alguma coisa? — perguntou o vendedor.

— Bem, sim — eu disse, lenta e cuidadosamente. — Estamos procurando uma sapata de bequilha. O sr. teria algo deste tipo?

Como era estranho. Se alguém não estivesse dentro do contexto, suas palavras poderiam parecer Swahili.

— Desculpe!

— Uma sapata... de... bequilha. Nossa bequilha gastou-se.

— Eu não sei... um o quê?

— Obrigado, nós procuraremos por aí.

Andamos pelas filas de lojas de ferragens, procurando uma tira de metal comprida e estreita, com furos para parafusos, para ser montada na

patim de madeira. Havia algumas dobradiças enormes que talvez servissem: uma pá de pedreiro, uma enorme e pesada chave de boca.

— Achamos — disse Stu do outro lado da loja. Ele segurava uma sapata de bequilha. Na etiqueta, dizia: *Barra de Aço de Alta Resistência para Molas Vaughn*. Era um pé-de-cabra pequeno e chato que, evidentemente, tinha sido fabricado por uma fábrica de sapatas de bequilha.

— Oh, vocês querem dizer um pé-de-cabra! — disse o vendedor. — Eu não sabia ao certo o que vocês procuravam.

O lugar onde tomamos o café da manhã na cidade era maior do que o centro comercial. A única coisa que tinha mudado desde os tempos do "saloon" foi a substituição das portas de bater, decoração feita com peças de museu e desenhos em tamanho natural de "*Hamburger*", "*Cheeseburger*" e "*Batatas Fritas*" em grandes e brilhantes caixas de plástico sobre o espelho, e cerca de pelo menos uma centena de copos empilhados de cabeça para baixo.

Pendurado na parede estava um velho e pesado triângulo de carvalho, entalhado numa das pontas como se fosse uma serra rombuda e aparafusada em algumas outras partes móveis de madeira. "*Macaco para Carroça*" estava escrito no lado de baixo.

— Stu!

— Sim.

— A cauda do Parks pesa mais do que todo o resto do avião junto. Temos de levantá-la para colocar nossa nova sapata da bequilha.

— Nós a levantaremos.

— Sabe que podíamos talvez pedir emprestado aquele macaco para carroça ali, e usá-lo?

— Aquele é um macaco muito antigo — ele disse. — Eles nunca o emprestariam para levantar um avião.

— Não custa nada perguntar. Mas como o faremos funcionar? Olhamos para o Macaco e ele estava inerte na nossa cabine. Não havia nenhuma possibilidade do Macaco ter levantado alguma coisa. Não conseguíamos imaginar como ele pudesse ter levantado qualquer carroça já construída. Rabiscamos as costas dos guardanapos e das toalhas individuais, desenhando pequenas carroças e a maneira que o triângulo de carvalho pudesse ter funcionado. Por fim, Stu pensou que tivesse entendido e tentou explicar a mim, mas não fez nenhum sentido. Não nos demos ao trabalho de perguntar sobre o empréstimo do Macaco para Carroça e pagamos nossa conta, confusos com aquela coisa pendurada na parede.

— Podíamos acionar o motor — eu disse — e levantar a cauda com a corrente de ar provocada pela hélice. É claro que vai ventar um pouco enquanto você estiver sentado lá atrás sob a cauda colocando a coisa. Cerca de cem milhas por hora, o vento.

— Enquanto *eu* estiver sentado lá atrás?

Eu tinha certeza de que encontraríamos um jeito de fazê-lo.

Stu mudou de assunto. — E a farinha? — disse. Devo tentar com ela? Apanhar um saco de farinha de trigo, rasgá-lo antes de pular, deixando um rastro caindo?

— Tente.

Assim, O Grande Circo Americano investiu 59 centavos em Farinha de Trigo Pré-peneirada King's Ransom. Era cinco centavos mais barata do que qualquer outra marca, e foi por isso que a compramos.

A resposta ao problema de como levantar a cauda foi resolvido quando retornamos ao avião. Era simples.

— Apanhe algumas destas latas de óleo, Stu, que ainda não abrimos. Eu levantarei a cauda o mais que puder e você coloca aquelas latas debaixo do leme para levantá-lo. OK?

— Você está querendo me gozar? Aquela cauda enorme e pesada sobre estas latas de ÓLEO? Haverá óleo espalhado por toda parte!

— Um homem instruído dizendo uma coisa como esta! Você nunca aprendeu sobre a Incompressibilidade dos Fluidos? Eu dissertarei sobre o assunto, se você quiser. Ou se o sr. preferir, Sr. MacPherson, o sr. pode ficar debaixo da cauda e colocar aquelas latas sob o leme.

— OK, professor. Estarei pronto quando o sr. estiver.

Com um esforço sobre-humano, levantei a cauda um pé no ar por três segundos inteiros e Stu colocou as latas no lugar. Elas agüentaram e eu fiquei tão surpreso quanto ele com o fato.

— Se o sr. quiser os detalhes matemáticos agora, Sr. MacPherson, podemos finalmente discuti-los...

A sapata da bequilha estava no lugar em 10 min.

Deitamo-nos sob a asa para testar o Método C, e, realmente, dois carros pararam à beira da estrada antes que estivéssemos meio adormecidos. Nossos passageiros eram duas garotas em férias escolares, e elas olhavam com olhos arregalados para o biplano.

— Você está dizendo que isto *voa*? No *ar*?

— Sim senhora. Damos garantia de vôo. Olhar para baixo sobre todo o mundo. Três dólares o passeio e não podíamos pedir um dia mais bonito, não?

Sáimos sacudindo até o fim do campo do feno, e quando viramos na direção do vento para levantar vôo, minhas passageiras estavam dominadas por outros pensamentos. Elas gritaram uma para a outra por sobre o barulho do motor e do ruído oco que as peças do avião faziam. Enquanto elas chegavam à conclusão de que estavam *fora de si* em *pensar* em subir neste *velho e sujo aparelho*, a manete foi acionada e elas foram envolvidas no grande barulho do motor, e estávamos sacolejando sobre o chão duro, arremessando-nos em direção à estrada, aos carros e aos cabos telefônicos. Elas agarraram a borda mais macia de couro da nacele dianteira e, no

momento em que deixamos o chão, sufocaram um grito, olharam uma para a outra e agarraram-se com mais força ainda. Alguém gritou. Os fios embaixo soltaram um clarão e nós subimos facilmente nos céus.

Elas viraram-se para olhar para trás, para o chão e para mim, interrogativamente. O feito as fez pensar que aquele louco sentado na nacele atrás delas tinha agora a chave do futuro delas. Ele estava com a barba por fazer. Parecia não ter muito dinheiro. Podia-se confiar nele?

Eu sorri de um jeito que pensei ser apaziguador, e aponte para o lago. Elas viraram-se para olhar os barcos a vela, cujas velas pareciam guardanapos, e os reflexos do Sol na água, e voltei para escolher meus campos de aterrissagem forçada, virando sempre tão levemente que nunca estaríamos fora da faixa de planagem deles.

Era engraçado ver como me tornei um piloto diferente para diferentes passageiros. Eu tinha voado com algumas pessoas que tinham deixado casacos de mink em seus Cadillacs conversíveis, e para estes poucos eu era uma criatura bidimensional, um chofer de rosto inexpressivo, considerando este como um emprego muito aborrecido e sem perceber que o lago, do céu, era até mesmo um tanto encantador. Não se pode esperar que um empregado aprecie as coisas mais belas. Esta gente voa de um modo puramente convencional, como se estivessem sendo levadas por um insípido cocheiro. Decole. Circule sobre a cidade. Circule pelo lago. Circule sobre a cidade. Aterrisse. Tudo como num livro de instruções.

As estudantes, castigadas pelo vento à minha frente agora, achavam que o biplano era uma espécie de novidade divertida, e, para elas, eu era um piloto divertido, com um brilhante sorriso apaziguador. Para elas, eu podia entender que voar pode ser bonito, ou podia até mesmo apontar-lhes um lindo lugar para olhar. Uma das garotas olhou para trás para mim com um olhar que dizia como é bonito, e eu sorri novamente, para lhe dizer que tinha entendido.

A maioria dos passageiros voava só pela diversão e aventura do vôo, e com eles fiz experiências. Descobri que podia fazer com que a maioria das pessoas olhasse para onde eu queria; era só uma questão de inclinar o biplano naquela direção.

Eu também podia testar a aptidão delas para voar, pela inclinação. Quando uma pessoa se senta reta no seu assento, virando com o avião nas curvas, e quando ela olha sem medo para baixo durante uma curva bastante fechada, e não se agarra à borda da nacele, é um piloto nato. Um, entre sessenta passageiros passa nos testes, e eu sempre dou um jeito de contar-lhes o fato... que se eles quisessem pilotar um avião, seriam ótimos pilotos. A maioria apenas levantava os ombros e dizia que era divertido. Eu me entristecia, sabendo que não teria, eu mesmo, passado nos testes, antes de ter começado a voar.

Para as garotas, agora, quando eu inclinei abruptamente, o biplano era um barulhento carnaval. Numa inclinação de 40°, a garota da direita gritou e escondeu os olhos. Quando nivelamos, ela olhou para fora de novo, e novamente aumentamos a inclinação. Todas as vezes, quando

inclinávamos precisamente em 40°, ela dava uma espécie de grito e enterrava o rosto nas mãos. A 39° ela olhava feliz para baixo; a 40°, ela gritava. Sua amiga olhava para trás para mim e balançava a cabeça, sorrindo.

Na última curva antes de aterrissarmos, a curva mais fechada até o chão e maior velocidade e ação, inclinamos até 70°, e caímos como uma bala de canhão em direção ao solo. A garota da direita não descobriu os olhos até que parássemos novamente perto do seu carro.

Eu desliguei o motor, enquanto Stu as ajudava a descer da nacele.

— Oh, é MARAVILHOSO! É simplesmente MARAVILHOSO! — ela disse.

Sua companheira nos agradeceu tranqüilamente, mas a outra garota não conseguia se refazer da sensação de como era maravilhoso. Eu levantei os ombros. As partes mais maravilhosas para mim foram quando ela tinha fechado os olhos.

Elas se foram acenando, e em 5 min o Método C nos trouxe Everett Feltham de volta, com uma caixa de panos.

— Ei, seus sacos de ratos! Por que vocês não vão até a casa e comem alguns morangos, hein?

Levamos 3 min para amarrar as cobertas no avião e encontrar um lugar em seu carro. Gastamos as horas seguintes com Ev, buscando uma caixa de óleo para o biplano e sentando-nos à sombra de seus olmos, consumindo grandes taças de morango e sorvete de baunilha.

— Puxa, esta vida de piloto errante é dura, Ev — eu disse, recostando-me na minha cadeira de jardim. — Não queira nunca experimentá-la.

— Isto eu lhe asseguro. Vocês, rapazes, parecem sobrecarregados de trabalho, deitados debaixo daquela asa lá. Quisera ter um avião! Estaria com vocês num segundo.

— OK. Arranje um avião. Una-se ao O Grande Circo Americano. Mais algum problema?

Ev tinha um vôo escalado do O'Hare International naquela tarde; por isso ele nos deixou no seu caminho para Chicago. Nos despedimos como fazem os pilotos, da maneira confiante com que dizem "Eu o verei por aí", certos de que isto acontecerá, contanto que eles não cometam nenhum erro grave no manejo de seus aviões.

Stu arrastou seu pára-quedas para fora, ainda mal-dobrado, depois do seu último salto, e estendeu-o no chão para a embalagem final. Dois garotos chegaram para olhar e fazer perguntas sobre o que se sente ao cair sozinho no espaço, e quais os nomes das peças dos pára-quedas e aonde aprendia-se a saltar.

— Vai saltar hoje? — disse um deles. — Um tanto cedo, talvez?

— Não se o vento estiver forte.

— Puxa, não está ventando muito.

— Está se você saltar nesta coisa. — Ele trabalhava em silêncio.

Um avião veio voando do sul, circulou sobre a cidade, depois planou sobre o nosso campo. Era Paul Hansen no Luscombe, passando como uma flecha a 120 milhas por hora, mergulhando no azul, planando para outra exibição. Acenamos para ele.

O Luscombe voou pelo campo três vezes, medindo-o. Eu me imaginei na sua nacele, olhando para baixo o campo de feno, pilotando o avião esporte com excesso de carga. Semicerrei os olhos e, por fim, balancei a minha cabeça. Eu não queria fazê-lo; eu não queria aterrissar. O campo era bom para o biplano, mas o biplano tinha mais do que o dobro da área da asa do Luscombe. O campo era pequeno demais para o avião de Paul; ele podia tê-lo feito, mas muito mal, sem nenhuma margem sobre os cabos telefônicos. Se ele aterrissasse aqui, eu o faria saber como era imprudente.

Na quarta exibição, ele moveu o leme para trás e para frente fazendo sinal de "não", e voou para o aeroporto no fim da estrada.

Os problemas de trabalhar com um avião de uma asa só, pensei. Ele precisa de muito mais pista. E este é um bom campo, bem perto da cidade, que nos salvou quando estávamos quebrados e que ainda tem muitos passageiros para voar.

Eu puxei as cobertas do Parks e aprontei-o para decolar. Maldição. Um bom campo de feno...

Quando aterrissei no aeroporto, Paul estava prendendo seu avião. Ele ainda estava usando camisa branca e gravata.

— Olá! — eu disse. — Você tirou todas as fotos?

— Sim. Vim de Ohio até aqui sem parar, por isso é que não fiquei mais tempo sobre o campo. Pouca gasolina. E aquele campo é pequeno demais para mim. — Ele estava se desculpando, como se fosse culpa dele o campo não servir.

— Não tem problema. Atire suas coisas no banco dianteiro e subiremos, se é que você confia em mim. Nenhum controle na frente...

Demorou um pouco para que os anos 60 desaparecessem de Paul, e enquanto ajudava Stu a acabar de empacotar seu pára-quedas, ele nos contou sobre as fotos que tinha tirado. Era deprimente saber que o outro mundo ainda existia, lá fora, com as pessoas correndo, de terno, e discutindo sobre coisas abstratas que nada tinham a ver com motores ou bequilhas ou bons campos para se aterrissar.

Naquela tarde, mesmo sem um salto de pára-quedas, o biplano tinha quinze passageiros para voar, e depois de coberto, à noite, tínhamos certeza novamente de que um piloto errante desorganizado podia viver bem apesar de alguns dias magros.

Conversamos alegremente como de costume à mesa do restaurante, mas, durante todo o tempo, no fundo de minha mente, eu estava pensando

na incapacidade do Luscombe de operar em campos pequenos. Se tinha sido difícil encontrar este lugar onde o biplano pudesse aterrissar, ia ser muito mais difícil encontrar um campo de feno suficientemente extenso para ambos os aviões operarem bem.

Um piloto errante pode sobreviver, mas está ele tirando vantagens de uma situação contra ele mesmo, trabalhando com um avião que não foi construído para voar em campos pequenos? Seria o Luscombe a ruína de O Grande Circo Americano e seus sonhos? Eu não conseguia tirar as perguntas da minha cabeça.

Capítulo 12

A PRIMEIRA COISA QUE FIZ PELA MANHÃ foi verificar a sapata da bequilha. Era preciso algum arame extra para mantê-la no lugar e isto significava ter que levantar a cauda novamente sobre as latas de óleo. Paul ficou olhando, mal-humorado.

— Você pode me ajudar a levantar a cauda? — eu disse. — Stu, podemos levantá-la?

— Levante-a — disse Stu de suas latas de óleo debaixo da cauda. Aparentemente Paul não tinha ouvido, porque não se moveu para ajudar. — Ei, Paul! Por que você não pára de sugar este cigarro um minuto e nos dá uma mão aqui?

Paul olhou-me como se eu fosse alguma espécie de besouro repugnante e veio ajudar. — Está bem, está bem, eu os ajudarei! Acalme-se!

Nós levantamos a cauda e colocamos o patim sobre o macaco de latas de óleo. Mais tarde, caminhamos até à cidade para tomarmos café e Paul seguia atrás, sem dizer nada. o retrato da depressão. Qualquer que fosse o seu problema, eu pensei, não é da minha conta. Se ele quiser ficar deprimido, é sua opção. Foi o café da manhã mais silencioso e desconfortável que jamais tínhamos tido. Stu e eu trocamos comentários sobre o tempo, a bequilha e o macaco para carroça, como ele possivelmente não poderia funcionar, e todo o tempo Paul não disse uma palavra, não fez nenhum som.

Nós todos tínhamos lugares diferentes para ir depois do café, e, pela primeira vez desde que começamos a trabalhar no verão, não andamos juntos, mas fomos em três caminhos diferentes. Era um tipo de coisa interessante, mas misteriosa, porque a mesma onda de depressão atacou a todos nós.

Bem, raios, eu pensei, andando sozinho de volta ao avião, eu não me importo. Se os outros rapazes querem outra coisa e se sentirem infelizes, não posso impedi-los. O único sujeito que posso controlar sou eu, e estou aqui para fazer exposições, não para perder tempo sentindo-me infeliz.

Resolvi voar até o aeroporto e trocar o óleo do biplano, e então eu estava continuando. Se os outros rapazes quisessem vir junto, seria bom para mim.

Quando voltei ao campo de feno novamente, Paul estava sentado sozinho sobre o seu saco de dormir, escrevendo um bilhete. Ele não disse nada.

— OK, amigo — eu disse finalmente. — O que você faz não é da minha conta, exceto quando começa a me afetar. E está começando. O que o está irritando?

Paul parou de escrever e dobrou o papel. — Você — ele disse. — Sua atitude mudou. Você tem agido de modo diferente desde que eu voltei. Estou partindo hoje. Vou para casa.

Então era aquele o problema. — Você está livre para ir. Você não se importaria em me dizer em que minha atitude mudou? Você acha que eu não quero mais voar com você, é isto?

— Eu não sei, mas você não é mais o mesmo. Eu também posso ser um tipo de sujeito que você nunca encontrou antes. Você pode tratar as outras pessoas como estranhos, mas não pode me tratar desta maneira.

Eu passei em revista tudo o que tinha feito ou dito desde a volta de Paul. Eu tinha sido um pouco duro e metódico, mas agira daquele jeito uma centena de vezes desde que tinha conhecido Paul. Eu tinha sido, sim, duro e metódico com meu avião quando não tínhamos voado por alguns dias. Deve ter sido meu comentário sobre o cigarro esta manhã. Mesmo como eu o tinha dito, pareceu um pouco mais áspero do que eu queria dizer.

— OK — eu disse. — Peço desculpas. Sinto muito pela piada sobre o cigarro. Eu sempre me esqueço que você é sensível demais...

Droga de uma desculpa, pensei.

— Não, não é só isso. É a sua atitude em geral. Parece que você não pode esperar para se ver livre de mim. Portanto, não se preocupe. Estou dando o fora. Eu estava escrevendo um bilhete para você, mas você voltou antes que eu o terminasse.

Fiquei lá, parado. Eu estivera tão errado por tanto tempo? Este homem, a quem eu considerava entre os melhores amigos que tinha no mundo, iria me julgar sem ouvir minha defesa, iria me declarar culpado e depois partiria sem uma palavra?

— A única coisa que eu posso pensar... — comecei, lentamente, tentando falar o mais sinceramente que podia — ...é que desejei com todas as forças que tivesse sido capaz de aterrissar neste campo. Fiquei louco da vida com você quando não o fez, porque este é um bom campo. Mas eu mesmo não teria aterrissado o Luscombe aqui, e acho que você seria louco em tentá-lo. Você fez a coisa certa, mas eu apenas desejei que o Luscombe fosse um avião um pouco melhor para fazer exhibições, é tudo. — Comecei a enrolar meu saco de dormir. — Se você quer cair fora, bem. Mas se quer

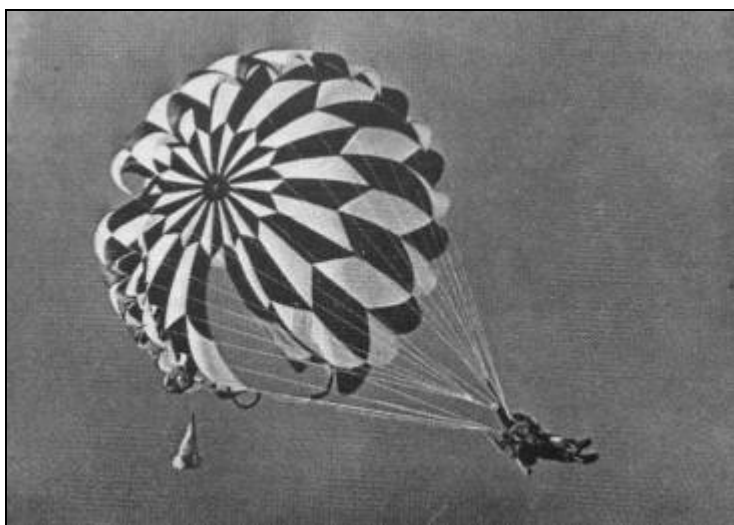
partir porque acha que eu quero me livrar de você, está errado, e isto você é que tem de superar.



Certo período, no verão, Paul Hansen era sempre o primeiro a acordar. Tirou esta foto. Então, voltou para continuar a dormir, sob a asa.

Acrobacias e combates simulados sobre os campos atraíam o povo para assistir aos ciganos do céu, e voar com eles, a três dólares o passeio.





Quem quer que goste de cair lá do céu do jeito de Stu, não só está completamente maluco, mas é também um elemento valioso para qualquer circo aéreo.

À tardinha, levávamos muitos passageiros, mas durante o dia...



Discutimos bastante sobre o problema, e, aos poucos, estávamos novamente falando como nós mesmos, transportando um abismo que tinha sido escondido sob o gelo.

— Agora você vai considerar — disse Paul — e tratar seus companheiros como seres humanos?

— Todo este tempo eu pensei que tínhamos esquecido sobre quem era o líder — eu disse — e você pensando que eu era o chefe. Eu renuncio, lhe digo, eu renuncio.

No ar, voando novamente como pilotos errantes em formação, sondamos primeiro no norte, sem resultado. A região perto das cidades era, por toda parte, muito acidentada e pequena demais para ambos os aviões. Olhei para baixo novamente, para a larga faixa gramada perto do Lago Lawn e pensei que poderíamos ser uma diversão interessante para os golfistas, e provavelmente ganhar muito dinheiro. Mas os golfistas eram cidadãos, preocupados com coisas irreais... margens de lucros, taxas de créditos e a vida das grandes cidades. Estávamos querendo voar com pessoas do mundo às quais nossos aviões pertenciam. Seguimos a estrada rumo ao oeste e ao sul, e atravessamos novamente o calor do verão de Illinois. Circulamos sobre oito ou dez cidadezinhas, deixamos a estrada e seguimos um rio, e finalmente rolamos nossas rodas na grama de uma pista perto do rio. Era uma pista comprida e boa. Havia bastante espaço para o Luscombe operar sob plena carga, e estávamos a uma milha da cidade. Um pouco longe, mas valia a pena tentar.

O campo era circundado por carvalhos e milho, incrustado no longo e vasto vale do rio. Havia uma casa de fazenda no fim da pista, e um pequeno hangar.

Dois minutos após aterrissarmos, um pequeno avião bimotor desceu e taxiou perto do hangar.

— Certo — disse o proprietário. — Vocês podem voar daqui, se quiserem. Será bom levar algumas pessoas até o aeroporto.

Estávamos trabalhando novamente. Nossas primeiras relações com Pecatonica, Illinois, foram amigáveis.

Em compridos galpões perto da casa, havia um grande número de porcos, rosnando e grunhindo como achamos que porcos devem fazer. Um homem e sua mulher saíram da casa e vieram saber quem éramos nós, seguidos timidamente por uma garotinha que espiava em volta, agarrada à saia da mãe. A garotinha estava muda de medo. Ela estava convencida de que éramos marcianos aterrissando em alguma espécie de pires, e olhou para nós com os olhos arregalados, fugindo gritando para dentro da casa à primeira palavra-monstro que dissemos. Stu caminhou pela pista para colocar nossos anúncios, e a garota ficou de olho nele, temendo que ele se voltasse repentinamente e a devorasse com uma bocanhada.

Soubemos que havia duzentos porcos no galpão, e nove gatos e um cavalo estavam vagando por ali, em alguma parte. O cavalo, no momento,

estava num terreno gramado e cercado, e veio trotando para falar conosco quando nos aproximamos de seu portão.

— Este é Skeeter — disse a mulher. — Criado desde que era um potro. Skeeter é um cavalo maravilhoso... não é, Skeeter? — Ela acariciou seu nariz aveludado.

Skeeter fez um comentário, um relincho baixo e cortês, e balançou a cabeça. Depois ele nos deixou, trotando mais uma vez em volta do perímetro de sua grama e voltou para levantar sociavelmente sua cabeça sobre o portão. Skeeter era muito sociável.

— Estou indo para a cidade... vocês querem uma carona? — perguntou o proprietário. Nós aceitamos, e pulamos para dentro da traseira de uma camioneta vermelha. Quando saímos da pista e entramos na estrada, foi Paul quem fez a pergunta.

— Como vocês acham que vai ser?

— Parece OK — disse Stu.

— Um pouco longe, talvez — eu disse — mas dará tudo certo.

A rua principal de Pecatonica tinha o meio-fio alto e lojas com vitrines de vidro e fachadas de madeira. O centro da cidade era um quarteirão comprido: lojas de ferragens, cafés, o Revendedor de Ração Wayne, posto de gasolina, loja de pechinchas. Descemos do caminhão no começo do quarteirão, agradecemos e fomos até o café para uma limonada.

Era pleno verão, com os termômetros de propaganda de plástico redondos marcando 95 graus. Pedimos limonadas duplas e ficamos olhando para o teto e as paredes. Era a mesma sala comprida e estreita que esperávamos ver, com cabines numa das paredes e o balcão e espelho e copos empilhados na outra, a cozinha ao fundo com uma janela, por onde passavam os pedidos. O teto tinha, pelo menos, 15 pés de altura, coberto com folhas de zinco verde. Tudo era um engenhoso museu elétrico, tirado de 1929, com pessoas animadas que podiam se mover, falar e piscar seus olhos.

Nossa garçonete era uma garota surpreendentemente bonita, que sorriu quando trouxe nossa limonada. Ela não parecia de modo algum elétrica.

— Você vai vir e voar conosco? — perguntou Paul.

— Oh! Vocês são os rapazes com os aviões! Eu os vi voando há pouco. Vocês são em dois?

— E um pára-quedista — acrescentei.

Estava além da compreensão. Tínhamos feito apenas meio círculo sobre a cidade, mas, sem dúvida, metade da população de Pecatonica sabia sobre os dois aviões esperando no aeroporto.

Empilhamos o dinheiro da nossa limonada sobre a mesa.

— Você virá voar conosco? — disse Paul.

— Não sei. Talvez.

— Ela não quer — disse Paul. — Por que será que garçonetes nunca voam conosco?

— As garçonetes são os melhores juizes de personalidade no mundo — disse-lhe. — Elas sabem que nunca devem voar com pessoas que usam chapéus verdes malucos.

Levando nossa limonada conosco, saímos em direção ao aeroporto. Era uma caminhada de 15 min e quando alcançamos a pista, estávamos com sede novamente. No galpão ao lado do dos porcos, havia vários tratores e alguns fardos de feno para Skeeter. As crianças estavam no pátio, e nem bem Stu tinha acabado de se deitar sobre o feno, elas correram e começaram a enterrá-lo com os gatinhos. A gata estava com eles, e enquanto Paul e eu batíamos um papo com Skeeter, Stu estava deitado de costas no feno, sendo pisoteado por uma criança liderando a fuga dos gatinhos. Ele estava se deleitando com aquilo, e eu estava surpreso. Stu estava agindo de modo diferente; este não era o tipo de coisa que eu esperava de nosso sério e taciturno pára-quedaista.

Paul e eu já tínhamos esquentado os aviões e fizemos um breve combate aéreo sobre os limites da cidade. Quando aterrissamos havia quatro carros esperando, e alguns passageiros. Começamos a trabalhar.

Finalmente, Stu fez sinal para mim com o polegar, dizendo que não havia mais passageiros esperando, e desligou o Whirlwind.

Paul tinha acabado de descer, e sua passageira, uma atraente jovem de dezenove ou vinte anos, num vestido de verão um tanto curto, veio na minha direção.

— Olá — ela disse. — Meu nome é Emily.

— Oi, Emily.

— Acabei de dar o meu primeiro passeio de avião e é simplesmente maravilhoso! Tudo é tão bonito! Mas Paul disse que se eu quisesse *realmente* me divertir, eu devia voar com você!

Paul pensava que eu ia ficar sem jeito sempre que me defrontava com uma mulher bonita, e Emily podia ser apenas uma parte de sua experiência para prová-lo. Eu lancei um olhar para o Luscombe, e lá estava Paul, polindo manchas inexistentes na capota do seu motor, interessadíssimo no seu trabalho.

Eu lhe mostraria. — Emily, o velho Paul estava com a razão. Se você quer saber o que é realmente voar, vá direto àquele rapaz de roupa amarela de pára-quedaista e compre um bilhete e nós voaremos.

Ela pareceu deprimida por um momento, e veio para bem perto de mim. — Estou sem dinheiro, Dick — ela disse suavemente.

— Não acredito nisso! Três dólares não são nada por um passeio num biplano! Atualmente, não existem muitos, você sabe.

— Tenho certeza de que adoraria voar com você — ela murmurou melosamente.

— Valeria a pena, também, madame. Um dia bonito para voar... Bem — como você sabe, se você estivesse lá em cima com Paul.

Ela não estava com pressa de ir embora e pagou a Stu seus três dólares e estava feliz somente em ficar lá e conversar e deixar o Sol refletir as cores brilhantes do seu curto vestido de verão.

Então surgiu um passageiro anterior, desejando outro "passeio louco". Dei um até logo cauteloso para a garota, pus em movimento o Wright e saí. Quando passei pelo Luscombe, balancei lentamente a cabeça para Paul, que estava agora polindo vigorosamente a hélice. Nunca mais vimos Emily.

Pela manhã, à beira da estrada, o caminho de volta do café da manhã estava coberto de flores roxas.

Ei, rapazes — eu disse. — Melilotos!

— Bonitos.

— Não, não são bonitos, são bons para se comer. Como quando vocês eram crianças, lembram-se? — Eu apanhei um casulo e provei as pétalas côncavas. Havia um décimo de uma gota de néctar em cada uma delas, um sabor doce e delicado da manhã. Paul e Stu experimentaram cada uma uma pétala, enquanto andávamos.

— Tem o sabor de uma flor — disse Stu.

— Não consigo entender vocês. — Apanhei outro punhado roxo e mastiguei ruidosamente as pétalas macias. — Esta coisa ótima crescendo por toda parte e a gente passando por ela.

Havia uma ponte de concreto entre a cidade e o aeroporto, atravessando uma das milhas mais retas no comprimento do rio Pecatonica. Ouvimos o som de motores de popa e dois hidroplanos de corrida vieram zunindo, à toda velocidade rio abaixo, disputando a liderança. O barulho ecoou sob a ponte e durou um instante. Os motoristas usavam capacetes e pesados salva-vidas, e estavam completamente absortos na sua corrida. No final da reta eles diminuíram, viraram e voltaram, levantando grandes arcos de espuma atrás deles. Era uma espécie de "Dragging Main" aquático, mas parecia ser, de algum modo, um esporte muito mais inocente.

Atravessamos a ponte e passamos por um gramado onde um garoto estava batendo um tapete com um aro de arame torcido.

— Qual é o plano? — disse Paul quando passamos por Skeeter, que relinchou, e fomos para os aviões. — Você quer tentar alguma coisa durante o dia novamente? Talvez consiga alguém.

— Qualquer coisa que você disser.

— Não tenho tempo — disse Paul. — Eu devia voltar logo. Dê-me três dias, mais ou menos, para eu voltar para casa daqui.

— Bem, vamos tentar; suba e voe um pouco — eu disse. — Pode ser que apareçam algumas pessoas para voar. De qualquer modo, acalme-se.

Decolamos e subimos a 3000 pés em formação sobre a cidade de veraneio. Os hidroplanos não tinham parado; suas esteiras brancas e gêmeas ainda corriam emparelhadas ao longo do rio escuro. O garoto ainda estava batendo o tapete meia milha abaixo de nós e eu balancei a cabeça. Tínhamos passado por ele há 20 min. Ele devia ser um jovem muito devotado, batendo um tapete por 20 min. Meu limite máximo costumava ser de 3 min. O mundo, em 1929, é um lugar sério.

Paul fez uma grande curva e voltou na minha direção para a antiga e familiar batalha aérea. Eu alinhei o nariz do biplano reto no ar, esperando que o Luscombe planasse bem abaixo de mim e me desse a chance de investir contra a sua cauda. A primeira parte de nossos combates nunca eram representados; estávamos tentando apresentar o melhor de nosso trabalho, ficando na posição de atirador, um atrás do outro. Foi somente no final que eu tive de deixar Paul vencer, porque eu tinha o bastão de fumaça e ainda era o único eleito para descer em chamas.

A terra girava à nossa volta em verde, o céu em azul, e por um instante eu não me importei se os passageiros estavam observando ou não. Não seria conveniente, nesta primeira parte do nosso jogo, deixar Paul ficar atrás do biplano. Eu tinha treinado este tipo de coisa na Força Aérea bem antes dele ter aprendido a voar; eu tinha praticado o combate aéreo em aviões de caça militares no front, enquanto Paul ainda estava tirando fotos de moda no seu elegante studio..

Todo mundo que eu conhecia começou a voar em aviões lentos, pequenos e velhos, e depois, iam evoluindo. Em poucos anos eles estavam pilotando aviões mais rápidos, maiores e mais modernos. Comigo aconteceu justamente o contrário.

Primeiro foram os aviões de treinamento militar e aviões de caça sem costura, e combate aéreo em velocidade supersônica, depois os de carga, depois os modernos aviões comerciais, depois um avião leve e velho e agora este biplano imobilizado desde anteontem. De radares aéreos à eletrônica moderna, de um simples painel de rádio à absolutamente nada — o biplano não estava apenas sem rádio, mas inteiramente sem eletricidade. Como nos dias quando um piloto era seu próprio dono, sem laços com gente da terra para ajudá-lo ou aborrecê-lo. 1929 é um ano bom, mas algumas vezes, olhando uma esteira de jato na estratosfera, eu tinha de admitir para mim mesmo que eu sentia falta da potência e velocidade e da alegria solitária do piloto de caça. Às vezes.

O Luscombe estava agora a meu lado, tentando desesperadamente reduzir a velocidade, para descer e ficar atrás da cauda do biplano. Eu acelerei à toda, levantei o nariz, olhei para Paul e ri. O pequeno avião esporte não podia agüentar por muito tempo; quase que imediatamente ele começou a trepidar e a perder altura. Pressionei o leme quando o Parks começou a perder altura um segundo depois e caiu na cauda do Luscombe. Minha reputação estava garantida. Não importava o que acontecia agora, eu

podia dizer ao Paul que eu lhe dera uma vantagem deliberadamente, depois de lhe ter atingido a cauda uma vez. Ele se aproximou novamente, rolando invertido, caindo, rodopiando no céu quando eu avançava para segui-lo.

Stu já estava trabalhando, convencendo os clientes de que era um ótimo dia para voar, e até o meio-dia tínhamos voado com cinco passageiros. Passamos a tarde à sombra das asas, tentando nos acalmar. Não era um emprego fácil.

Poucos minutos depois que eu tinha finalmente adormecido, Paul veio e me acordou. — O que você acha de comermos melancia? Não seria ótimo? Melancia gelada e gostosa?

— Parece formidável. Você vai trazer a melancia e eu ajudarei a comer.

— Ora, vamos. Vamos comprar uma melancia.

— Você está louco. É uma milha até a cidade!

— Stu! O que você acha de ir e nos trazer uma melancia? — disse Paul. — Depois nós podíamos trazê-la para cá e comê-la e não dar nem um pedaço ao Bach.

— Você vai e a traz — disse Stu. — Eu esperarei aqui por você.

— Ah! Isso não! Eu não posso ficar aqui simplesmente esperando sem fazer nada. Vou subir e fazer algumas piruetas.

— Ótimo — eu disse. Stu já tinha dormido.

Paul decolou minutos depois e fiquei observando algumas de suas evoluções. Depois virei e encontrei um lugar mais calmo sob a asa.

Não o ouvi taxiar e parar, mas ele nos acordou novamente. — Ei, temos de arranjar alguma melancia. Ninguém está vindo para voar.

— Vou lhe dizer o que deve fazer, Paul — eu disse. — Você vai e compra a melancia e eu o deixarei usar a minha faca para cortá-la. Que tal?

Alguns minutos depois um caminhão saiu do hangar em direção à cidade, e Paul estava nele. Ele tinha uma fixação em melancias. Bem, eu pensei quando voltei a dormir, se ele quer tanto uma melancia, deveria conseguir sua melancia.

Meia hora mais tarde ouvimos Skeeter relinchar alô e Paul estava de volta, com uma melancia debaixo do braço. Fazia 100° ao sol e ele tinha carregado a coisa durante todo o caminho de volta da cidade.

— Ei, vocês — ele gritou. — Melancia.

Era difícil de entender, eu pensava, mascando calmamente. Se eu fosse Paul, eu teria deixado os palermas preguiçosos morrerem de fome lá debaixo da asa. Quando muito, teria lhes atirado um pedaço de casca. Mas dividir a primeira parte de minha melancia com eles? Nunca!

— Acho que seria melhor eu dar o fora — disse Paul. — Não vamos ter muitos passageiros, pelo menos até tarde. É um longo caminho de volta até a Califórnia, e eu poderia tê-lo começado hoje. — Ele começou a separar

seus pertences da pilha de equipamento, e a colocá-los caprichosamente dentro de seu avião. Câmeras, caixas de filmes, cama de enrolar, mala, mapas. — Deixarei a melancia para vocês, rapazes — disse.

Um carro veio pela pista, e depois outro.

— Descobrimos um Método C de ação retardada — eu disse, assim que o terceiro carro estacionou do outro lado do gramado.

Ligamos o Parks e Stu foi falar com as pessoas. Os primeiros passageiros foram um homem e seu filho, e o homem usava uma viseira que ele tinha usado pela última vez no corpo de carros de combate na África. Eles trocaram algumas palavras levadas pelo vento e estávamos no ar, subindo na direção do rio até o frio ar de alta pressão.

— Ei, isto é realmente bonito — disse o homem, 11 min mais tarde, quando Stu ajudou-o a sair. — Realmente bonito. A gente pode ver bastante longe lá de cima, não?

Stu fechou a porta depois que os próximos passageiros entraram e parou ao lado da minha nacele. — Você tem dois de primeira viagem e um deles está um pouco apavorado.

— OK. — Fiquei pensando porque ele tinha dito aquilo. A maioria de nossos passageiros voavam pela primeira vez e a maior parte ficava um pouco apreensiva, embora, geralmente, não o demonstrassem. Estes deviam estar mais preocupados do que o normal em voar no velho e barulhento biplano. Mas quando estávamos na metade do primeiro círculo sobre a cidade, eles tinham se relaxado e estavam perguntando pelas curvas fechadas. É o desconhecido que preocupa nossos passageiros, eu pensei. Logo que eles viam como é voar, e que é até mesmo um pouco bonito, então torna-se conhecido e agradável, e não há motivo para medo. O medo é apenas uma maneira de pensar, um sentimento. Livre-se deste sentimento pelo conhecimento do que é real no mundo, e você não tem mais medo.

Os negócios estavam, de repente, dando errado. Havia oito carros estacionados no gramado, e Stu estava pronto para voar com mais dois passageiros quando rolei na pista para uma parada.

Paul veio até a minha nacele. — Parece uma tempestade vindo do oeste. Seria bom se eu pudesse estar em Dubuque ao anoitecer — ele disse. — Eu o estou forçando, não?

— Você nunca o estará forçando enquanto puder controlar seu avião, lembre-se — eu disse. — Se as coisas ficarem pretas, desça e aterrisse num campo e espere passar. Você poderia também ficar mais uma noite aqui, não acha?

— Não. É melhor eu ir embora, voltar para casa. Você tem quatro passageiros esperando, não vou esperar para me despedir. Irei embora já.

— OK, Paul. Foi divertido.

Stu fechou a porta depois que os novos passageiros entraram e fez sinal de que estavam prontos para ir.

— Sim. Foi divertido — disse Paul. Devíamos repetir novamente no próximo ano, hein? Talvez por mais tempo.

— OK. Tenha calma. Faça um bom vôo e desça se o tempo complicar as coisas.

— Sim. Ponha-me na sua lista de cartões postais.

Eu concordei com a cabeça e baixei a minha viseira, empurrei a manete para frente. Que despedida brusca, depois de viajarmos juntos por tanto tempo...

Decolamos sobre o milharal, e subimos no ar quente da tarde, virando em direção à cidade, sobre o rio. Vi o Luscombe no ar, na minha rota. Paul ficou em formação por 1 min mais ou menos, para o deleite dos passageiros, e cada um deles empunhando uma câmera e registrando o momento.

O que significava, para este homem, que tinha voado conosco e participara dos riscos e alegrias, trabalhos e experiências, do entrosamento e falta de compreensão para com o piloto errante, que estava agora partindo?

Paul acenou um adeus, deu uma arrancada brusca no Luscombe e acelerou em direção ao oeste, aonde o Sol estava tapado por uma gigantesca nuvem de tempestade.

Aquilo significava, bastante estranhamente, que ele não estava partindo, mas que estava lá. Que se houvesse outra oportunidade para outro teste de liberdade, um outro plano para provar que não teríamos de viver de alguma maneira, mas da maneira que desejássemos, poderia não ser uma época de solidão. Quantos outros como ele restavam no país? Eu não podia dizer se havia dez ou mil. Mas eu sabia que havia um.

— Eu o verei por aí, amigo — eu disse. Ninguém ouviu a não ser o vento.

Capítulo 13

A TEMPESTADE NOS ATINGIU às 5h da manhã e acordamos com gotas de chuva batendo na asa.

— Vamos ficar encharcados — observou Stu calmamente.

— Bem, senhor, sim. Nós podemos ou ficar debaixo desta asa ou correr para o galpão do trator.

Decidimos correr; agarramos nossos sacos de dormir e fomos para o galpão, golpeados durante todo o percurso por grossos pingos d'água. Instalei-me junto à porta no galpão, onde eu podia olhar ambas: a chuva e a biruta. A chuva não me preocupava, mas seria bom saber se haveria granizo ou não. Teria de ser granizo grande e pontiagudo e caindo reto, para que não danificasse o avião. Fiquei mais aliviado com o pensamento de que o

granizo ruim danificaria também o milho e os carvalhos, e que o milho e os carvalhos raramente eram danificados pelo granizo.

O biplano não parecia de modo algum afetado pela tempestade, e depois de um tempo estendi meu saco de dormir dentro da cuba de ferro de um transportador Case 300. As grossas saliências de ferro daquela cuba, cobertas por duas camadas de saco de dormir, fizeram uma cama confortável. A única falha era a proximidade um tanto barulhenta dos porcos, com seus oinc-oinc e tinindo as tampas de metal da ração a cada tantos segundos. Se eu fosse um fabricante de depósitos de ração para porcos, pensei, colaria grandes tiras de borracha naquelas tampas para amortecerem o som. Cada 20 segundos... *clang!* Não sabia como Skeeter conseguia agüentar aquilo.

A chuva parou em 1h e Stu saiu para olhar os animais comerem. Voltou em poucos minutos e começou a juntar seu equipamento no galpão. — Agora eu sei como surgiu a expressão "pushy pig" — ele disse.

Tomamos nosso desjejum no outro café, e procuramos no nosso mapa rodoviário Texaco pelo leste dos Estados Unidos.

— Estou ficando cansado de toda esta região norte — eu disse. — Vamos para o sul de Illinois, ou Iowa ou Missouri. Illinois não. Estou cansado de Illinois.

— O que você quiser — disse Stu. — Podíamos tentar um salto aqui, ver o que acontece. Ontem foi um bom dia. Ainda não tivemos a oportunidade de experimentar aquela farinha.

Mais tarde, Stu ficou parado com aquele corpanzil sobre a asa, segurando-se à longarina e olhando para baixo. Seu alvo era o centro do campo, mas o vento estava soprando forte lá em cima e levou o derivômetro uma meia milha a leste da pista. Eu pensei que ele poderia cancelar o salto, mas ele ficou parado sobre a asa e fez sinais para correções que o levariam a saltar no alvo. O primeiro salto não foi aonde ele queria, e, para piorar as coisas, a sombra de umas nuvens escondeu a pista de pouso. Planamos para tentar novamente.

Com Stu sobre a asa, o fluxo do ar sobre a cauda do biplano era quebrado com violência... o estabilizador dava pinotes e pulava bastante, e a alavanca de controle estremecia com a força do vento. Era sempre um momento tenso, com ele lá, mas isto era mesmo pior, planando lentamente para tentar uma outra exibição com ventos fortes em cima, e com o estabilizador tremendo sob a tensão daquela corrente de ar perturbadora.

A nuvem arrastava-se lentamente para fora do campo e a exibição parecia melhor para Stu. Ele fez sinal de dois graus à direita, mais dois graus à direita, e então rasgou o saco de farinha de trigo "King's Ransom". Ela deixou um rastro num grande túnel branco, que se fundiu com a nossa própria esteira, a 4000 pés. Então ele saltou, ainda no rastro da farinha.

Desliguei a manete, fiz uma curva inclinada para mantê-lo à vista e segui-o na queda. Isto nunca seria rotina; eu já estava desejando que ele se apressasse e puxasse a corda de abertura do pára-quedas.

Stu era um míssil, disparado ao inverso. Ele tinha estado calmo e esperando sobre a asa, tinha se lançado para baixo, e agora estava ultrapassando suas próprias barreiras do sol e altas pressões Q.

Por fim, ele parou de dar suas voltas e deltas e puxou a corda, e a cúpula se abriu de repente no céu. Era um pedaço de bolo. Ele seguia ao sabor do vento, centralizado sobre seu alvo gramado, e desceu no centro, caindo e levantando-se imediatamente, para deixar cair a cúpula.

Quando aterrissei ele já estava pronto para pular a bordo para o pequeno passeio.

— Bonito salto, Stu!

— Ainda é o melhor. Saiu do jeito que eu queria.

Havia uma multidão esperando e eu me preparei para uma longa série de vôos. Mas não saiu como eu esperava. Apenas cinco pessoas quiseram voar, embora um homem tivesse estendido a Stu uma nota de dez dólares e dito: — Pode me dar um passeio de dez dólares? — Voamos 20 min sobre a região e ele ainda não se cansava de olhar para baixo.

Um fazendeiro foi o último a voar naquela manhã, e voamos sobre sua casa e terras, verdes e brilhantes após a chuva. Ele pensava mais sobre sua terra do que olhava para ela; eu podia ver o pensamento em seu rosto. Então esta é minha terra, aonde tenho passado minha vida. Claro, existem outros cinqüenta lugares iguais a ela, por aí, mas esta é a minha terra e cada acre dela é fértil.

Fizemos uma pausa para o almoço quando não havia mais passageiros para voar e pegamos carona para a cidade com um jovem que tinha voado e ficado para observar.

— Eu invejo vocês — ele disse quando entramos na estrada. — Aposto que vocês vêem uma porção de garotas, quando estão voando por aí.

— Sim, nós vemos uma porção de garotas — eu disse.

— Puxa. Eu gostaria de me juntar a vocês. Mas estou preso a um emprego.

— Bem, deixe o emprego — eu disse, testando-o. — Venha e junte-se a nós!

— Eu não poderia fazer isto. Não poderia largar meu emprego... — Ele não tinha passado no teste. Nem mesmo as garotas podiam induzi-lo a largar um emprego que o sufocava.

Quando voltamos do almoço, vi que o biplano estava um pouco sujo de graxa. Apanhei um pano e comecei a esfregar a capota prateada.

— Por que você não limpa os pára-brisas, Stu? Há tanta graxa neles que as pobres pessoas mal podem ver alguma coisa.

— Tem razão.

Conversávamos enquanto trabalhávamos e decidimos ficar em Pecatonica o resto do dia, e partir bem cedo na manhã seguinte.

Dei uns passos para trás e olhei para o avião e fiquei satisfeito. Estava muito mais bonito. Stu limpava o topo da capota, o que não era necessário. Mas havia alguma coisa com aquele pano que ele estava usando...

— Stu? Este pano É MINHA CAMISETA! É A MINHA CAMISETA QUE VOCÊ ESTÁ USANDO!

Ele abriu a boca aterrorizado, e ficou paralisado.

— Ela estava com todos os outros panos — falou, engasgando-se. — E parecia tão... esfarrapada. — Ele desdobrou-a, desconsoladamente. Não era mais uma roupa, mas uma massa de graxa pegajosa. — Deus sabe como eu o lamento — disse.

— Sim, droga. Continue e use-a como pano. Era apenas a minha camiseta.

Ele hesitou por um momento, olhou para a camiseta e voltou a limpar a graxa com ela. — Eu achei que algo estava estranho — ele disse. — Era um pano terrivelmente limpo.

O Método C atraiu alguns passageiros aquela tarde, e o primeiro era o homem e sua mulher que moravam perto da pista de pouso. — Temos observado vocês, e parecem bastante seguros; assim, decidimos nos arriscar.

Eles gostaram do risco. Circulamos sobre a casa deles na pista antes de aterrissarmos, e quando o fizemos, veio um carro e um homem desceu e bateu na porta.

A mulher sorriu e apontou para ele, para que seu marido pudesse ver. Seu visitante esperava pacientemente à porta para ser atendido, não pensando em procurar seus amigos no céu, uns cem pés acima de sua cabeça.

Aterrissamos e a mulher correu rindo, para impedir que ele fosse embora, achando que a casa estivesse vazia.

Depois os negócios esmoreceram, embora ainda houvesse algumas pessoas paradas olhando para o biplano. Um cavalheiro magro adiantou-se e olhou a nacele depois que desliguei o motor. — Você já ouviu falar de Bert Snyder? — ele disse.

— Não posso dizer que sim... quem é Bert Snyder?

— Era o Circo Bert Snyder, em 1923. Costumava vir a esta cidade para a feira municipal. Ele tinha muitos aviões, muitos deles. E eu era o garoto mais invejado da cidade. Eu subia na frente de um dos aviões e atirava panfletos de propaganda por todos os lugares. Ele tinha um grande circo. Esta cidade ficava tão cheia de gente que vinha para vê-lo e para a feira, que a gente nem podia se mexer... velho Bert Snyder.

— Parece que era um grande sujeito.

— Claro que... era um grande sujeito. E sabe, estes garotos que voam com vocês, eles se lembrarão deste passeio pelo resto de suas vidas. Oh, eles

voarão em jatos por todo o mundo, mas eles dirão a suas crianças: — Eu me lembro quando, no verão de 66, voei num velho avião de nacele aberta...

Claro que ele estava certo; claro que estava. Afinal de contas, não estávamos aqui apenas por nós mesmos. Em quantos álbuns e livros de recortes O Grande Circo Americano já tinha encontrado a imortalidade? Em quantos pensamentos e memórias nossas imagens dormiam neste momento? De repente, senti o peso da história e eternidade sobre nós.

Naquele momento, chegou outro carro; nosso amigo motorista do carro de combate. Ele tinha trazido sua mulher para voar, e quando ela desceu do carro, começou a rir.

— É este... o *avião*... no qual você quer que eu voe?

Eu não via nada de engraçado com ele, mas ela estava rindo tanto, que fui forçado a sorrir. Talvez *parecesse* engraçado, para algumas pessoas.

A mulher não conseguia se controlar. Ela riu até surgirem lágrimas nos seus olhos; ela encostou-se contra o lado da fuselagem, enterrou o rosto nas mãos e ria. Não demorou muito, todo mundo estava rindo; ela nos transformou num grupo muito alegre.

— Admiro sua coragem — ela disse, engasgando-se com as palavras. Após um longo tempo, acalmou-se e até disse que estava pronta para voar.

Voamos sobre a cidade, demos voltas e voltamos para aterrissar, e ela ainda estava sorrindo quando desceu do avião. Eu esperava apenas que o motivo do sorriso tivesse mudado.

O Sol mergulhou no áureo horizonte e havia uma névoa embaçando o vale, deixando transparecer o Sol e espalhando-o sobre a região. Tínhamos uma multidão de vinte pessoas à nossa volta, mas ou todos tinham voado, ou não queriam voar.

Eles não tinham idéia do que estavam perdendo; este seria um pôr-do-sol grandioso visto do céu.

— Vamos pessoal — eu disse. — Pores-de-sol à venda esta tarde! O Grande Circo Aéreo Americano garante, no mínimo, dois pores-de-sol esta tarde, mas só se vocês se apressarem! Vejam o Sol se pôr aqui, depois subam para vê-lo se pôr novamente! Um espetáculo que vocês nunca mais verão, enquanto viverem! O pôr-do-sol mais bonito de todo o verão! Parece que a tarde se derrete no cobre — como o coração de Bethoven! Quem está pronto para subir comigo aos céus?

Uma senhora, que estava sentada num carro perto dali, pensou que eu estava falando só para ela. Suas palavras vieram nítidas no ar ameno, mais alto do que ela pensava. — Só voarei se for obrigada.

Eu estava zangado, triste. As pobres pessoas não tinham imaginação; com suas precauções, estavam rejeitando o paraíso! Como convencê-los da beleza? Fiz um último apelo; depois, não encontrando resposta, liguei o motor e decolei sozinho, apenas para voar e ver a terra do céu.

Era mais bonito do que eu tinha prometido. A neblina chegava pelo menos a uns 1000 pés, e, a 2000 pés, a terra era um lago dourado, silencioso, com os cumes das montanhas como se fossem esmeraldas brilhando, elevando-se como ilhas na transparência do ar. A terra era toda um sonho dourado, onde somente a bondade e a beleza habitavam, e espalhava-se abaixo de nós como uma história de Marco Polo, com o céu acima de nossas cabeças como se fosse um veludo preto. Era um outro planeta, aquela Terra, nunca visto pelo homem, e o biplano e eu possuíamos o esplendor todo para nós.

Começamos nosso primeiro "tonneau" a uma milha no céu, e o biplano não parou de fazer o "tonneau", de planar, mergulhar e a cantar forte nos seus cabos até que o solo estivesse escuro e a névoa tivesse sumido e o amarelo-ouro tivesse desaparecido no céu.

Pousamos silenciosamente na grama e rolamos para estacionar, desligando o motor onde só se ouvia o seu tiquetaquear. Sentei-me sozinho por 1 min inteiro, não querendo falar com as pessoas ou ouvi-las ou vê-las. Eu sabia que nunca esqueceria aquele vôo, e queria um momento de calma para deixá-lo ficar bem impresso no meu pensamento, porque eu voltaria aqui muitas vezes, nos anos que se seguiriam.

Alguém disse baixo na multidão: — Ele tem a coragem de dez homens, para voar naquela velha pata-choca.

Tive vontade de chorar. Eles não entendiam... eu... não conseguia... fazê-los... entender.

Aos poucos os carros foram indo embora e o chão ficou realmente muito escuro. As montanhas no horizonte eram de um preto-fosco com a última luz do sol; elas estavam lá com suas árvores e moinhos e campos ondulados numa silhueta fina, com a linha do horizonte num planetário, assim como as estrelas são seres cintilantes sobre o domo. Pontudas, pretas e brilhantes.

O velho cronometrista foi o último que ficou, e quando entrou no carro para partir, ele disse: — Rapaz, quanto você diria que vale aquele avião, mais ou menos?

— Senhor, se Henry Ford viesse aqui e quisesse comprar este aparelho, eu lhe diria — Obrigado — mas o sr. não tem bastante dinheiro para comprar este avião.

— Eu acredito que você diria isto — disse o homem — eu realmente acredito que você diria isto.

Contamos nosso dinheiro durante o desjejum. Tínhamos voado com vinte e oito passageiros e obtivemos um lucro razoável.

— Sabe Stu, com os pequenos campos como este, e as pequenas pistas existentes na região, fazer exposições pode ser agora um negócio muito melhor do que antes.

— Faz a gente se sentir poderoso, não? — ele disse.

Sáimos de Pecatonica pela última vez, e passamos por um cão sentado e acorrentado à sua casa. Ele tinha latido para nós antes. — Quantas vezes o cachorro vai latir, Stu?

— Vai latir duas vezes.

— Eu digo que ele vai latir quatro vezes. Pelo menos quatro vezes. Passamos por ele e ele não emitiu nenhum som. Apenas ficou sentado lá e observava cada movimento nosso.

— Olhe, Stu, acho que o cachorro nos reconheceu! — Eu parei na estrada e olhei o cachorro nos olhos. — Ele agora é nosso amigo!

Com aquilo, o cachorro começou a latir e, até chegarmos à ponte, contamos doze latidos breves e fortes.

Stu achou uma revista em quadrinhos na estrada e apanhou-a. Era uma propaganda do "jeans Wrangler", e era toda sobre "Tex Marshall", astro de rodeio. Stu lia em voz alta enquanto andávamos, fazendo o papel do jovem Tex, começando sua carreira como um perseguidor de touros no circuito do rodeio. O tema da estória era "Estudem, Crianças", documentada pelo ardente desejo de Tex em conseguir seu diploma antes de se dedicar integralmente ao rodeio e ganhar uma pilha de dinheiro.

Ficamos imaginando como aquele diploma ajudou Tex derrubar e amarrar novilhos Hereford em 6 segundos, mas aquilo era, aparentemente, algo que todos os sujeitos aceitavam como verdadeiro. Você consegue aquele diploma e ganhará mais dinheiro em *qualquer* emprego.

Aconselhei novamente a Stu a sair da escola até que ele decidisse o que queria fazer no mundo; ele estava simplesmente adiando a escolha da maneira de viver até que descobrisse isto, que era seu destino nunca tornar-se um dentista, se ele era um aventureiro nato. Ele não se deixou convencer.

Nós nos despedimos de Skeeter, dizendo-lhe que ele era um ótimo cavalo e que nos lembrariamos dele, e carregamos o avião. O motor esquentou para a próxima aventura, fustigando a grama alta em impulsos de 15 segundos. Parecia um filme de 1910 de um biplano correndo na grama alta, trepidando e aos solavancos.

Por volta das 10h, estávamos num longo vôo com vento de través, arrastando nossa sombra como um salmão gigante lutando e se debatendo na ponta de uma linha de cem pés. A próxima visão do Meio-Oeste da América não nos acalmou até que as rodas tocaram e rolaram sobre a grama de Kahoka, Missouri.

Capítulo 14

HAVIA DOIS GAROTOS e um cachorro esperando.

— Algum problema, sr?

— Não, nenhum problema — eu disse.

— O sr. me viu acenando?

— Você não nos viu acenando também? Você não acha que voaríamos e não acenaríamos, acha? Afinal, o que você acha que nós somos?

Descarregamos nossa montanha de suprimentos e a transportamos através da grama verde e alta para dentro da sombra de um hangar em ruínas. Enquanto colocávamos os cartazes e estávamos prontos para começar a trabalhar, onze garotos e sete bicicletas espalharam-se entre o avião e a grama.

Foi um momento desagradável. Não queríamos afugentar os meninos, mas também não queríamos que andassem sobre o material das asas.

— Vocês podem se sentar no banco dianteiro, rapazes, fiquem somente sobre a parte preta da asa, lá, não andem sobre a amarela. Tenham cuidado lá. — Virei-me para um garoto que assistia a tudo seriamente. — Quantas pessoas vivem em Kahoka, amigo?

— Duas mil, cento e sessenta. — Ele sabia o número exato.

Houve uma detonação brusca perto da cauda do avião e um pouco de grama espalhou-se pelo ar. — Ei, rapazes, vamos manter as bombinhas longe do avião, OK?

Um grupo de garotos deu alguns risinhos e outra detonação se fez ouvir debaixo da ponta da asa. Naquele momento, mais do que outra coisa, me senti um professor de ginásio com um problema de disciplina.

— O PRÓXIMO GAROTO QUE SOLTAR UMA BOMBINHA PERTO DESTA AVIÃO, VOU PEGÁ-LO E ATIRÁ-LO DO OUTRO LADO DAQUELA ESTRADA! SE VOCÊS QUEREM BRINCAR COM ESTA COISA, LEVEM-NA PARA LONGE DAQUI!

A violência funcionou imediatamente. Não houve mais detonações num raio de cem jardas do biplano.

Os garotos vagueavam à nossa volta como piloto em volta de tubarões. Quando nos afastávamos do avião, todo mundo se afastava. Quando nos encostávamos na asa, todo mundo fazia o mesmo. Eles estavam ocupados desafiando uns aos outros a voarem... um enorme desafio.

— Eu voaria, se tivesse dinheiro. Eu simplesmente não tenho dinheiro.

— Se eu lhe emprestasse três dólares, Jimmy, você voaria?

— Não — disse Jimmy. — Eu não lhe devolveria.

Era estonteante o medo deles do avião. Todos os garotos falavam de acidente, o que você faria se as asas caíssem... se você pulasse e o pára-quedas não abrisse? Iria ser um grande desapontamento em Kahoka se não mergulhássemos no chão com pelo menos uma morte.

— Eu pensei que vocês todos fossem garotos corajosos — disse Stu.
— E aqui ninguém tem coragem de subir uma vez.

Eles se reuniram, acharam que podiam arrecadar três dólares e mandaram um representante. — Se lhe pagarmos três dólares, sr., faria uma exibição para nós?

— Você quer dizer que ninguém vai dar um passeio? — eu disse. — Vocês vão ficar apenas observando do chão?

— Sim. Nós lhe pagaremos três dólares.

Era a sociedade humana trabalhando. Se o desafio individual foi eliminado, podemos nos unir como espectadores.

Os garotos aglomeraram-se no fim da pista, sentados na grama ao lado da estrada. Taxiei para a outra extremidade da pista, de modo que decolaríamos sobre suas cabeças e em direção à cidade, fazendo uma boa propaganda.

Eles eram pequenos pontos quando as rodas do biplano deixaram a grama, mas ao invés de subirmos, ficamos parados deslizando na superfície da grama, acelerando e apontando direto na multidão de jovens.

Se o motor falhasse aqui, pensei, levantaríamos, viraríamos à direita e aterrissaríamos na plantação de feijão. Mas os garotos não sabiam disto. Tudo o que eles podiam ver era o biplano transformando-se numa coisa enorme, rugindo bem na direção deles, não virando, não subindo, vindo maior e fazendo mais barulho do que uma bombinha de cinco toneladas.

Eles tinham começado a se dispersar e se atirar ao chão para se protegerem, quando levantamos bruscamente e fizemos uma curva rápida para a direita, para manter a plantação de feijão na distância máxima de planagem.

Circulamos a cidade uma vez para fazer propaganda, e depois voltamos e, sobre a pista, caímos em círculos e "tonneaux", trevos e uma volta em parafuso. O show aéreo durou 10 min, incluindo a subida, e eu esperava ouvir algum desapontamento geral de como três dólares podiam sumir tão rápidos.

— Foi lindo, sr.

— Sim. Puxa, aquela parte no começo, quando vocês passaram zzzZZZZOOOOO! Bem na nossa direção! Aquilo foi assustador!

Num minuto, os primeiros automóveis chegaram, e estávamos felizes em vê-los. Stu entrou em ação, dizendo das alegrias de voar num dia quente como este, vendendo a idéia de ver Kahoka do céu frio, frio.

Quando Stu o estava amarrando, o primeiro passageiro disse: — Eu quero algo emocionante. — Um homem encaminhou-se até a nacele quando começávamos a sair e disse em voz baixa: — Este rapaz é o engraçadinho da cidade. Leve-o para cima e vire-o de cabeça para baixo algumas vezes, OK?

Em todas as cidades em que trabalhamos, durante todo o verão, a única característica dominante era a torre de água. De fato, a torre de água tornou-se para nós o símbolo *Cidade*, como o tinha se tornado para as pessoas que viviam à sua sombra. Mas agora, lá em cima no sol, com o vento pela primeira vez àquela torre lá embaixo e o nome de sua cidade pintado em letras negras.

Eu observei meus passageiros cuidadosamente em Kahoka, e cada um deles olhava longa e pensativamente para o topo da torre de água, e depois para a estrada que levava ao horizonte. Era parte do vôo, quando eu via isto, fazer um pequeno círculo vitorioso sobre a reluzente torre construída sobre quatro colunas e o nome Kahoka, em letras de oito pés. Ser superior àquela torre era um evento inesquecível.

Até o pôr-do-sol, tínhamos voado com dezenove passageiros.

— É o que eu sempre digo, Stu — eu disse enquanto caminhávamos no escuro em direção à cidade. — Nós conseguimos chegar até aqui e não podemos perder.

Terminamos de comer nossos hamburgers no Orbit Inn e fomos até a praça da cidade caminhando no escuro. As lojas estavam fechadas, e o silêncio arrastava-se com a névoa baixa nos ramos dos olmos.

Havia um coreto no parque, de telhado inclinado, e que dava para filas de tranqüilos bancos de madeira, tudo calmo e silencioso na noite quente de verão. O Seyb Emporium ficava do outro lado, e a loja de armarinho, o hotel, com seus ventiladores de madeira girando no alto do saguão. Se eu desse um dólar por cada mudança nesta praça desde 1919, teria ficado rico desde os dias de lucros. Andamos pelas calçadas silenciosas de volta ao nosso campo, ouvindo os sons fracos da música de rádio que saía da luz amarela das casas.

Entretanto a paz de Kahoka não se estendia aos mosquitos. Era o Erie por toda parte novamente, e pior. Por fim, arquitetei o Método D de Evitar Mosquito, o qual exige que se fique "deitado completamente vestido num saco de dormir, com um cortinado de seda sobre a cabeça, e deixar somente um buraco para respirar. Isto funcionou razoavelmente bem, embora não me poupasse o zumbido hipersônico de um milhão de minúsculas asas.

Acordamos ao primeiro cantar do galo, mais ou menos na hora em que os mosquitos se recolheram para o dia.

Levantei e despejei dois quartos de óleo no motor e examinei-o bem; poderíamos ter um dia movimentado, apertado. Eu tinha acabado de fechar a capota quando um carro parou perto do campo, levantando uma nuvem fina de poeira da estrada.

— Vocês ainda estão voando, esta manhã?

— Sim, senhora. Tudo pronto para ligar os motores para a senhora.

— Eu faltei ontem e estava com medo de que tivessem partido... — Ela era uma professora, não havia dúvidas disso. Ela tinha aquela espécie

de confiança e controle sobre o mundo que se adquire somente depois de ensinar durante quarenta anos a história americana para dez mil alunos da escola secundária.

O vento de 90 milhas por hora sobre a cidade, de manhã, destruiu o seu penteado azul-prateado, mas ela não ligou. Ela olhava para baixo, para Kahoka, e para as fazendas no horizonte, exatamente como as crianças faziam, sem nenhuma consciência de si mesma.

Dez minutos depois ela deu a Stu três notas de um dólar, nos agradeceu e se foi, deixando um rastro de poeira de verão.

Lá está a América, pensei. Lá é realmente a fronteira da América, refletida em filhas, distantes cem anos de seus pioneiros.

— O que você acha disto? — perguntou Stu. — Acho que teremos um bom dia, quando eles começarem a aparecer tão cedo para voar.

— Qual é a estimativa? — Comecei o caminho em direção à cidade e ao café da manhã. — Quantos passageiros hoje?

— Eu diria... vinte e cinco. Levaremos vinte e cinco passageiros para voar hoje — disse Stu, seguindo.

— Não estamos sendo otimistas esta manhã. Oh, será um bom dia, com toda certeza, mas não tão bom. Voaremos com dezoito pessoas.

Nos encontramos no restaurante com um dos nossos passageiros do dia anterior, um tal de Paul, que possuía uma pista na estrada fora da cidade.

— Tomarei uma xícara de café com vocês, apenas 1 min aqui — disse.

Eu estava pensando, naquele momento, que não existe nada tão horrível no mundo do que rosca vidrada e dura para o desjejum.

— Eu sempre quis voar — disse Paul. — Eu sempre quis, mas nunca consegui. Primeiro, minha família foi contra eu voar; depois, minha mulher também foi contra. Mas ontem à noite eu consegui permissão para ir em frente com a idéia.

A rosca estava modificando meu pensamento. Como seria o mundo se todos nós tivéssemos de ter permissão de mulheres e família antes de fazermos qualquer coisa ou se todos nós tivéssemos que nos submeter a um comitê de julgamento? Seria um mundo diferente, ou já estamos vivendo desta maneira agora? Recusei-me a acreditar que estávamos, e coloquei a rosca no cinzeiro.

— Vocês deviam levar o velho Kenny para voar. Puxa, ele simplesmente enlouqueceria naquela coisa! Eu vou trazê-lo. Vou trazê-lo esta noite! Vou ver vocês conseguirem muita gente... foi uma coisa ótima, vocês virem aqui. Aquele pequeno e velho aeroporto está lá e ninguém se importa. Costumava ter um clube aéreo com alguns aviões, mas todos eles perderam o interesse e agora só restou um avião. Vocês poderiam fazê-lo voar novamente.

Paul saiu pouco depois, e nós também, andando no calor do sol de julho no Missouri. Um trator agrícola veio andando velozmente junto à praça, suas enormes rodas traseiras cantando na calçada.

Por volta das 10h30min, os negócios estavam indo muito bem. Um jovem voou quatro vezes, queimando rolos de filmes coloridos na sua câmera Polaroid. Ele estava partindo para alistar-se no exercito em duas semanas, e gastou seu dinheiro como se ele tivesse que se livrar dele todo antes que as duas semanas passassem. Lembrei-me das vidas alegres e divertidas dos jovens pilotos Kamikazes alguns anos atrás... este pobre rapaz ia ficar de coração partido se conseguisse, de alguma forma, sobreviver à sua primeira semana no exército.

O próximo a voar foi um homem enorme, e ele estava segurando um saco plástico cheio de doces. — Ei, Dick — disse, lendo meu nome na borda da nacele. — Quanto me cobrará para voar sobre minha fazenda, para que eu possa jogar isto para minhas crianças? Fica cerca de nove milhas ao norte na estrada Estadual 81.

— Puxa. São 18 milhas ida e volta... custar-lhe-á... quinze dólares. Um preço terrivelmente exorbitante, mas você vê, sempre que saímos da área local...

— Não há nada de errado com o preço. Está ótimo. As crianças ficarão loucas, vendo seu velho papai voltando num avião...

Em 5 min deixamos Kahoka para trás e estávamos voando ruidosamente sobre as silenciosas e onduladas colinas e tranqüila fazenda ao sul do Rio Des Moines. Ele apontava o caminho, e, finalmente, apontou para baixo para uma casa de fazenda branca, meia milha distante da estrada.

Voamos mais baixo e circulamos a casa, e o barulho do Whirlwind fez com que sua mulher e as crianças corressem para fora para ver. Ele acenou bastante para elas e elas acenaram também, com as duas mãos. — VOE BEM EM CIMA DELES! — gritou, levantando o saco de doces para que eu entendesse.

O biplano desceu 50 pés sobre o milharal, e passou como um raio sobre a pequena multidão no chão. Seu braço se agitou e o saco de doces foi arremessado para baixo. As crianças avançaram sobre ele feito mangustos, rápidos como um raio, e levantaram-se de um salto para acenarem novamente para seu papai. Circulamos duas vezes e ele fez sinal para retornarmos.

Eu nunca tinha voado com um cliente mais satisfeito. Ele tinha o sorriso do próprio Papai Noel, num trenó vermelho e amarelo no ar, no meio do verão. Ele tinha vindo e ido como tinha prometido, as boas criancinhas todas felizes, e agora a estória podia terminar.

Mas havia bastante trabalho esperando pelo trenó quando retornamos.

Um cético idoso concordou finalmente em voar, mas me advertiu: — Lembre-se, nenhuma daquelas piruetas agora. Mantenha-o bem estável.

Foi um vôo bem estável, até quando estávamos planando para aterrissarmos. Meu passageiro, apanhado de surpresa, começou a fazer sinais com os braços e a gritar selvagemmente.

Eu balancei a cabeça e sorri, concentrado na aterrissagem, e não o ouvi até que tínhamos parado novamente junto à estrada.

— O que houve? — eu disse. — Alguma coisa saiu errado lá em cima? O que estava tentando me dizer?

— *HOO-EE!* — disse, com o sorriso admirado de quem tinha lesado a morte. — Do jeito que estávamos descendo, lá, fazendo voltas e inclinados... *hoo-ee!* Eu vi que íamos aterrissar bem no lago, então eu gritei — LEVANTE-O, RAPAZ, LEVANTE-O! E você levantou-o bem na hora.

O dia estava quentíssimo, e enquanto o motor estava girando, havia um bando de garotos que ficavam parados no vento frio atrás da cauda do biplano. Todos eles eram jovens trutas no rio aéreo, agitando-se em volta alegremente sempre que eu empurrava a manete para frente para sair. Entre os passageiros, eu levantava minha viseira e relaxava, eu mesmo, na brisa sobre a nacele.

Uma vez, quando aterrissei, Stu estava conversando com dois repórteres. Eles estavam interessados no avião e em nós; fizeram perguntas, tiraram fotos. — Muito obrigado — disseram quando se foram. — Vocês estarão no noticiário local das 10h20min.

Voamos intermitentemente com passageiros durante toda a tarde, mas este era nosso segundo dia em Kahoka, e estava na hora de pensarmos em partir.

— Estou hesitando em ficar aqui e ganhar dinheiro — disse Stu — ou partir e ganhar mais.

— Então fiquemos esta noite e partamos amanhã bem cedo.

— Detesto deixar um bom lugar. Mas sempre podemos voltar, não?

Ficamos deitados na sombra quente da asa, tentando nos livrar do calor no frescor do sono. Ouvimos um som longe, no céu.

— Avião — disse Stu. — Ei, veja. Aquilo não lhe parece familiar? Eu olhei. Sobre nossas cabeças havia um Cub amarelo circulando,

olhando para baixo. Fez uma curva, caiu velozmente, levantou num "loop" e num "tonneau". Era o mesmo Cub que tinha voado com O Grande Circo Americano de cinco aviões, em Prairie du Chien.

— É Dick Willets! — eu disse. — É... como é que ele soube... sem dúvida, é ele!

Poucos minutos depois o Cub estava na grama, rolando para o nosso lado. Uma boa visão. Dick era um piloto alto, calmo e muito hábil, uma lembrança de como era solitário fazer exhibições com um único avião.

— Oi! Pensei que poderia encontrar vocês aqui embaixo desta maneira, em alguma parte.

— Como você sabia aonde estávamos? Você telefonou para Bette ou algo assim? Como conseguiu nos encontrar?

— Não sei. Apenas pensei que vocês poderiam estar por aqui — disse Dick, sentando-se à vontade na nacele do Cub, soltando baforadas lentamente, do seu cachimbo. — Este era, realmente, o último lugar que eu ia tentar.

— Hm. É fantástico.

— Sim. Como está indo a vida de piloto errante?

Dick ficou e voou durante a tarde conosco, e levou cinco passageiros. Tive uma oportunidade de ficar no chão e ouvir as pessoas depois que tinham voado, e descobri que há uma grande força motriz fazendo acreditar que o piloto, com o qual alguém voa, é o melhor piloto do mundo.

— Você sentiu quando ele aterrissou? — disse um homem. — Eu não senti. Eu podia ouvir, mas não pude sentir, foi tão suave.

— Você sabe, eu tenho muita confiança nele...

— O que você acha do seu piloto, Ida Lee? — perguntou à sua mulher um fazendeiro, vestido com um macacão, depois que ela tinha voado com Dick.

— Tudo foi tão bonito e divertido — ela disse. — Eu diria que ele é *bom*.

Um pouco antes das 5h da tarde, vi que meu combustível estava baixo demais para durar até o pôr-do-sol, voando continuamente e, ao mesmo tempo descobrimos que o homem que tinha a chave da bomba de gasolina estava fora da cidade.

— Voarei até Keokuk, Richard — eu disse — e você mantenha o pessoal feliz, voando.

— Vá com calma — ele disse.

Em 20 min, eu estava olhando para baixo, desanimado, para o aeroporto de Keokuk. Era uma pista toda de concreto, com construções novas por toda parte. Aterrissar na superfície dura reduziria a bequilha a nada, e eu não tinha bastante combustível para encontrar outro aeroporto. Mas havia uma pequena parte de grama no lado oeste do campo, e aterrissamos lá.

Tínhamos que atravessar uma pista nova para chegar até as bombas, e, por toda a faixa lateral da pista, havia uma vala funda cheia de lama, com uma guarnição de concreto de cinco polegadas para pular. Taxiamos para frente e para trás ao longo da faixa lateral da pista, escolhemos a parte menos lamacenta para atravessar e investimos contra ela.

Não funcionou. A lama reduziu a marcha do biplano a um passeio, e quando alcançamos a guarnição de concreto, a força total do motor não foi suficiente para atravessar.

Desliguei o Wright, tendo pensamentos nada agradáveis sobre o processo da aeronáutica e a destruição indiscriminada da pista de grama, fazendo a promessa de nunca mais aterrissar em Keokuk ou qualquer aeroporto moderno, e saí à procura de um rebocador.

Um trator que cortava a grama, foi a resposta.

— Oi! — eu disse para o motorista. — Tive um pequeno problema aqui, tentando atravessar sua pista nova. Acha que aquela sua máquina podia me rebocar?

— Oh, claro. Ele pode rebocar aviões dez vezes o tamanho daquele.

Ele deixou imediatamente de cortar a grama e voltamos juntos ao avião. Quando chegamos lá, havia um homem da linha de vôo da escola de pilotagem do outro lado do campo, olhando a nacele.

— Parece que você ficou atolado — ele disse.

— Sim, senhor — eu disse. — Mas nós o tiraremos daí num minuto e eu lhe pedirei que me arranje um pouco de combustível. — Apanhei um rolo de corda forte do trator e amarrei-a no engate de ferro e no trem de aterrissagem do biplano. — Isto deve funcionar. Nós protegeremos as pontas das asas aqui, e você vê se aquele trator pode fazer o serviço.

— Sim, ele fará o serviço. Não se preocupe.

O trator fez a coisa parecer fácil. Em poucos segundos, o biplano estava livre, sobre o concreto, pronto para arrancar e taxiar para a gasolina.

— Obrigado. O senhor realmente me salvou.

— Não há de quê. Ele pode puxar aviões dez vezes àquele tamanho.

O homem da linha de vôo estava olhando nervosamente para a enorme hélice de aço, esperando que eu não lhe pedisse para girar aquilo à mão para dar partida no motor. É uma coisa assustadora para quem nunca impulsionou à mão um Wright, mas não tínhamos escolha; a manícula estava em Kahoka.

— Por que você não pula aqui para a nacele — eu disse — e eu girei a hélice. — Fui para trás quando ele subiu a bordo e mostrei-lhe a manete, a chave da ignição e freios. — Apenas puxe para trás a manete um pouco depois do arranque — eu disse. — Ele deve ligar imediatamente.

Movi a hélice algumas vezes e disse: — OK, dê-me contato e freios, e daremos a partida.

Abaixei a enorme lâmina e o motor pegou imediatamente. O bom, velho e leal Wright.

Eu estava andando displicentemente em direção à nacele, quando vi que o homem no banco do piloto estava paralisado de terror, e que o motor estava fazendo muito mais barulho do que o normal. A manete estava a toda velocidade e, com todo o vento e o barulho repentino, meu ajudante tinha esquecido o que fazer. Ele estava sentado lá, olhando fixo para a frente, quando o biplano, sozinho, começou a se mover.

— A MANETE! — gritei. — DESLIGUE A MANETE! — passaram-se rápidas visões do Parks elevando-se no ar com um homem nos controles, que não tinha a mínima idéia de como voar. Corri em direção à nacele, mas o avião já estava rolando velozmente sobre o concreto, o motor rugindo loucamente. Era um sonho, como correr de um trem de ferro. Atirei-me desesperadamente para a nacele, agarrei a borda de couro com uma mão, mas não consegui me mover além disso. O imenso jato de ar da hélice impediu-me de me locomover; tudo o que pude fazer foi correr ao lado do biplano.

A visão de uma total destruição do meu avião deu-me forças para agarrar-me contra a ventania, em cima da asa. Estávamos andando a 20 milhas por hora, acelerando rapidamente. Grudei-me à borda da nacele com todas as minhas forças. O homem estava branco que nem cera, os olhos vidrados, a boca aberta.

O biplano estava andando rápido demais, e virando, agora. Íamos dar um cavalo de pau. Num impulso desesperado alcancei a borda da nacele, agarrei a manete e puxei-a para trás com força. Era tarde demais, e tudo o que pude fazer foi me segurar, enquanto girávamos. Os pneus chiaram, puxando para o lado, uma asa levantou e a outra caiu pesadamente, raspando no concreto. Segurei-me ali, esperando que o leme ou a engrenagem se quebrassem.

Depois de cinco segundos, tensas como aço desfibrado, as asas nivelaram e costeamos para parar; ficou todo despedaçado.

— Isto — eu disse, ofegando — foi um cavalo de pau.

O homem desceu como um robô da nacele e não disse uma palavra. Ele colocou seus pés no chão e começou a andar maquinalmente em direção ao escritório. Foi a última vez que o vi.

O motor ainda estava funcionando. Sentei-me e conversei com o biplano por um instante. Esta tinha sido a sua maneira de me dizer para não deixá-lo com pessoas desconhecidas, e prometi que nunca mais deixaria isto acontecer.

Era quase pôr-do-sol quando aterrissamos em Kahoka, e Dick estava pronto para partir.

— Tenho de ir — ele disse. — Eu disse à minha mulher que estaria em casa às 7h, e já são 7h agora. Farei algumas violentas acrobacias sobre o campo e seguirei caminho. Avise-me quando vocês voltarem aqui.

— Obrigado, Richard. Nós o faremos funcionar.

Girei a hélice do Cub para ele e ele se foi. Fez uma série de lindas acrobacias lá em cima, como tinha prometido, mais algumas coisas estranhas por conta dele — voando lateralmente no ar, viragens planas, subidas íngremes e "pushovers".

A multidão estava sobre nós antes que Dick tivesse desaparecido no oeste, e voamos a última hora ininterruptamente, até o anoitecer. Quando cobrimos o avião e fomos para Orbit Inn, sentimo-nos como se tivéssemos

trabalhado para viver. Tínhamos voado com vinte e seis passageiros até o fim do dia, e Dick tinha voado com mais cinco. Ele ganhou seu dinheirinho da gasolina e óleo, e Stu e eu dividimos 98 dólares.

— Quase conseguimos, Stu. Quase finalmente fizemos 100 dólares hoje. — Sentiamo-nos ricos e pedimos "milkshakes" duplos.

Stu estava preocupado, pensamos que perderíamos o noticiário local das 10h20min, então entramos no saguão do hotel e descobrimos um aparelho de televisão antigo, sem espectadores.

Era um saguão interessante. Os ventiladores espalhavam o suave ar vertical sobre nós, em memória dos tempos que não se foram inteiramente. Havia uma campainha sobre o balcão, daquelas que tilintam quando se toca levemente no botão do topo. Junto à parede estava um monstruoso rádio console Firestone Air Chief, com quatro pés de altura e três de largura, com papéis quadrados colados nos botões: WGN, WTAD, WCAZ. Se eu apertasse um daqueles botões, eu imaginava, encontraria Fred Allen passeando pela Allen's Alley; ou Jack Armstrong, o Garoto de Toda a América; ou Edgar Bergen e Charlie McCarthy? Eu estava com medo de tentar.

O noticiário das 10h20min veio e acabou sem qualquer menção àqueles encantadores pilotos errantes nos arredores de Kahoka, e Stu estava decepcionado. — Minha única chance de aparecer na televisão! Única chance! E acabei no andar da sala de redação!

Naquela noite Stu tentou usar talagarça como mosquiteiro, prendendo com uma fita uma ponta dela à ponta da asa. Do que eu pude ver no escuro, parecia bom, mas não funcionou. Os mosquitos aprenderam imediatamente que o truque era aterrissar, andar debaixo da ponta do mosquiteiro, depois voar imediatamente quando estavam dentro. Foi outra noite difícil.

Quando nos instalamos sonolentemente na mesa para o desjejum, eu disse: — Bem, Stu, é hora de partir?

— Acho que sim — disse, bocejando. — Desculpe-me. Malditos mosquitos.

Fomos abençoados com uma charmosa garçonete, que tinha, por alguma razão, perdido seu teste na Warner Brothers. — O que vão querer no desjejum hoje? — ela perguntou docemente.

— Panquecas de cereja, por favor — eu disse — um monte delas, com mel.

Ela escreveu o pedido e parou. — Não temos panquecas de cereja. Isto está no menu?

— Não. Muito bom, assim mesmo.

Ela sorriu. — Nós lhe daremos as panquecas de cereja se você arranjar as cerejas — disse.

Eu estava do lado de fora num segundo, dentro do supermercado, duas portas depois, e gastamos 29 centavos numa lata de cerejas. A garçõete ainda estava junto à mesa quando retornei e coloquei a lata triunfantemente sobre a mesa. — É só apanhá-las e despejá-las na batedeira.

— A lata inteira?

— Sim, senhora. Na batedeira. Panquecas grandes.

— Bem... perguntarei ao cozinheiro...

Pouco depois dela ter se afastado, notei que tínhamos companhia. — Stu, há uma formiga na nossa mesa.

— Pergunte-lhe aonde vamos hoje. — Ele desdobrou o mapa rodoviário.

— Aqui vai você, amiguinha — eu disse, e coloquei a formiga sobre o mapa. — Isto é conhecido como o Método de Navegação Formiga, Sr. MacPherson. É só segui-la com uma caneta, agora. Aonde ela for, nós iremos.

A formiga estava assustada e viajava para o leste através do Missouri em grande velocidade. Ela parou, afastou-se nervosamente para o sul, virou para o oeste, parou, virou para o noroeste. A linha sob a pena de Stu passou por algumas cidades promissoras, enquanto ele seguia, mas depois a formiga caminhou exatamente para o leste, em direção ao açucareiro. Ela passou sobre uma dobra do mapa e, naquele único passo, cobriu 300 milhas, através do sul de Illinois. Depois, ela pulou fora do mapa e correu para o açúcar.

Consumimos nossas magníficas panquecas de cereja e olhamos para a linha. Até a dobra, a formiga tinha traçado um plano muito bom. Avançar para o leste e para o sul, fazer um grande círculo para terminar em Hannibal, Missouri. Chegaríamos a uma parte do sul de Illinois, e a estação da feira municipal estava diante de nós enquanto ainda era verão.

Poderia haver alguns bons lugares para trabalhar, nas feiras.

Tomada a decisão, o jarro de água cheio, despedimo-nos de nossa garçõete, dando-lhe gorjeta por ser bonita, e fomos para o avião.

Em meia-hora tínhamos decolado novamente, avançando contra o vento. A formiga não nos tinha dito sobre contraventos. Quanto mais longe voávamos, mais irritado eu ficava com aquela formiga estúpida. Não havia nada lá embaixo. Algumas cidadezinhas sem nenhum lugar para aterrissar, um posto avançado isolado do Exército, um milhão de acres de terras cultivadas. Se houvesse açúcar para o leste, certamente não a encontraríamos.

Havia uma feira em andamento em Griggsville, Illinois, mas nenhum lugar para aterrissar, exceto num trigal próximo. O ouro daquele trigo não era ilusão. Do jeito que estavam os preços do trigo, custar-nos-ia 75 dólares para aterrissar numa faixa do cereal alto.

Continuamos voando, e os dias passavam e nossa riqueza minguava.

Havia uma feira em Rushville, com cavalos e aranhas trotando ve-lozmente num quarto de milha, e multidões de passageiros em potencial. Mas não havia lugar para aterrissar. Circulamos tristemente lá em cima, e finalmente fomos embora, na rota da formiga.

Por fim, nos arrastamos até Hannibal, e conversamos com Vic Kirby, um velho piloto errante, que dirigia o aeroporto de lá. Ficamos um pouco com ele, compramos alguma gasolina com desconto porque todos os aviões antigos têm desconto em Hannibal, e depois, por sugestão dele, voamos rumo norte para Palmyra, Missouri.

Não havia comparação com Palmyra, Wisconsin, a qual estava a séculos de distância agora, no passado longínquo. Esta pista era pequena e estreita, ladeada por equipamento agrícola e milho alto. Paramos o suficiente para voar com um passageiro e depois decolamos novamente, sem rumo em direção ao sul, volteando para frente e para trás sobre o Mississipi, depois para o leste outra vez para Illinois.

Aterrissamos num campo gramado em Hull, calculei que tínhamos estabelecido um recorde para travessias de biplanos sobre o Mississipi num único dia.

Fizemos três rápidas viagens na cidade de quinhentos habitantes, e descobrimos que o campo de feno no qual tínhamos aterrissado, somente tinha sido aprovado pelo Estado de Illinois no dia anterior como uma área de aterrissagem. O aeroclube estava indo bem, construindo voluntariamente um escritório de bloco de concreto.

— Vocês são o primeiro a aterrissar aqui desde que este campo se tornou um aeroporto! — Ouvimos isto vezes sem conta, e nos disseram que era uma honra. Mas era irônico. Nós não queríamos saber de aeroportos, estávamos apenas procurando lugares gramados para aterrissar, e aqui nosso campo de feno tinha sido declarado um aeroporto debaixo de nossas rodas.

Voando durante todo aquele dia, gastando dois tanques cheios de gasolina, ganhamos um total de 12 dólares.

— Eu não sei, Stu. Exceto Pecatonica, Illinois não parece ser nossa fatia de bolo, hein? A próxima coisa você sabe, o velho... como-é-o-seu-nome? vai aparecer aqui perguntando sobre nosso registro de Illinois.

Stu resmungou algo, vestiu seu imprestável mosquiteiro e deitou-se no seu saco de dormir. — Você nasceu neste Estado, não nasceu? — ele disse e dormiu imediatamente. Nunca entendi o significado daquela observação.

Capítulo 15

ACORDEI às 6h30min da manhã, com o "click" do obturador de uma câmera Polaroid. Um homem estava tirando retratos da gente dormindo debaixo da asa.

— Bom dia — eu disse. — Gostaria de voar esta manhã? — Era mais reflexo do que o desejo dos três dólares.

— Talvez daqui a pouco. Estou tirando alguns retratos agora. Vocês não importam, não?

— Não. — Baixei minha cabeça no meu travesseiro e voltei a dormir.

Acordamos novamente às 9h, e havia uma multidão parada a uma discreta distância, olhando para o avião.

Um rapaz olhava para mim estranhamente, e estudava o nome pintado na borda da nacele.

— Diga — ele disse finalmente. — Você não seria o Dick Bach que escreve para as revistas especializadas em aviação, seria?

Suspirei. Adeus, Hull, Illinois. — Sim escrevo um pequeno artigo, de vez em quando.

— Como você gosta disto. Por que você não sobe na nacele, lá, e eu tirarei seu retrato.

Eu fiquei feliz em saber que ele gostava dos meus artigos; não era mais o piloto errante anônimo.

— Vamos arrumar as malas, Stu.

Illinois em pleno verão era um forno cênico verde-nebuloso, e voávamos zunindo no ar quente como uma abelha inquieta.

Vagamos rumo ao norte sobre o Rio Illinois durante dias, não encontrando nenhum lucro.

E então, uma tarde, uma cidade apareceu no horizonte. Monmouth, Illinois. População: 10000. Aeroporto no norte.

Stu olhou para trás para mim quando circulávamos sobre a cidade e eu encolhi os ombros. De qualquer maneira, era um campo gramado, o muito que podíamos dizer sobre ele. A questão era se uma cidade deste tamanho estaria interessada em pilotos errantes.

Nós descobriríamos, pensei. Lidaríamos com ela como se fosse uma cidade pequena. Aterrissamos, taxiamos até a bomba de gasolina e desligamos o motor.

Havia uma fila de nove aviões, e um grande hangar feito de tijolos com uma antiga locomotiva a vapor dentro.

O homem que saiu para abrir a bomba era um veterano que tinha trabalhado durante trinta anos no Aeroporto de Monmouth. — Eu o vi quando havia seis, oito instrutores aqui — disse. — Trinta pessoas aqui de

uma vez, uma linha inteira de aviões. Tinha outra pista também, lá aonde é o milharal agora. Este é o aeroporto mais antigo em uso em Illinois, desde 1921.

Quando ele nos deixou no restaurante, uma meia milha do aeroporto, tínhamos aprendido alguma coisa sobre a aviação em Monmouth. Uma glória que era passado; antes, o lugar de parada de grandes nomes da aviação, agora, um tranqüilo ponto de reunião de uns poucos pilotos de fim de semana.

No ar congelado do restaurante, o nome "Beth" encabeçava a nossa lista de Celebidades de Monmouth. Ela estava interessada no avião, mas trouxe-nos pouca esperança com nossos hamburgers.

— O verão é a época errada para vocês. Todas as crianças do colégio foram para casa. — Fez-se um longo silêncio, e ela sorriu tristemente para nós e nos deixou sozinhos.

— Então — disse Stu, cansado. Nenhuma criança. Para onde vamos daqui?

Citei alguns lugares, nenhum dos quais era muito mais promissor do que Monmouth. —... e como um último recurso, podíamos tentar Muscatine.

— Parece Mosquito. — Isto eliminou Muscatine.

— Bem, raios. Vamos trabalhar em Monmouth e ver o que acontece. Sabe, dar-lhe uma chance. Eu poderia saltar, talvez, e ver se conseguimos atrair as pessoas.

O salto estava em prioridade. Até termos o avião descarregado e pronto para trabalhar, era 5h, a melhor hora para atrair multidões.

Stu saltou de 3500 pés, na névoa que não deixava ver o horizonte, movendo-se com a velocidade de um meteoro em direção à pista gramada. Sua cúpula abriu-se de repente no meio de um grande "poof" branco, o que restava da Farinha de Trigo King's Ransom embrulhada no nylon dobrado, e agora ele flutuava para baixo como uma pequena nuvem de cúmulos cansada.

Enquanto mergulhávamos para circulá-lo, vi alguns carros se juntando, mas bem menos do que eu esperava de uma cidade daquele tamanho. Fizemos algumas acrobacias moderadas sobre o milharal e aterrissamos. Stu tinha registrado outro ótimo salto, e taxiei para encontrá-lo trabalhando junto aos carros, dizendo repetidamente como era frio o ar a 3500 pés.

As pessoas não queriam voar. — Aquela coisa foi vistoriada pelo Estado? — Ouvi um homem perguntar, olhando para o biplano.

Estávamos bem longe da aviação de cidade pequena, pensei. Parece como se o pessoal da cidade vivesse atualmente em velocidades modernas e esperassem garantias modernas para sua segurança. Levamos dois passageiros ao pôr-do-sol.

Os pilotos locais foram muito gentis e prometeram maior número de pessoas no dia seguinte. — Tivemos uma exibição de pára-queda aqui no mês passado, e havia carros até a estrada principal — disseram. — Espere só até que a notícia se espalhe.

Enquanto andávamos até o restaurante para jantar, estava tendo dúvidas novamente sobre Monmouth.

— Stu, o que você acha de irmos embora, amanhã? Este lugar parece bom para você?

— Dois passeios. Isto é normal no primeiro dia, você sabe.

— Sim, mas o lugar parece não ligar, sabe? Nas pequenas cidades nós somos importantes e as pessoas, pelo menos, vêm olhar. Aqui somos apenas mais um avião. Ninguém se importa. — Chamamos por Beth, que nos deu um sorriso alegre e disse que estava feliz em nos ver novamente.

— Poderíamos também dar uma chance ao lugar — disse Stu. — Lembre-se, nós procuramos por bastante tempo. Alguns outros lugares também pareciam ruins a princípio.

— OK. Ficaremos. — Mais um dia, pelo menos, confirmaria meus temores sobre fazer exposições em cidade grande. Não era uma sensação confortável; estávamos fora de nosso elemento, fora de nosso tempo.

Stu e eu dormimos no escritório do aeroporto aquela noite. Não havia mosquitos.

Aquilo me atormentou durante todo o dia seguinte. Nós levamos passageiros, e até as 7h tínhamos voado dezoito passeios, mas o espírito do piloto errante tinha desaparecido. Éramos apenas um par de rapazes loucos vendendo passeios aéreos.

Às 7h, um homem dirigiu-se a nós enquanto estávamos sentados sob a asa.

— Oi, rapazes, queria saber se vocês podiam fazer algo um pouco especial para mim.

— Fale de uma maneira especial — eu disse em gíria arcaica da Força Aérea. Stu e eu tínhamos estado conversando sobre a vida na Força Aérea.

— Vou dar uma festa em minha casa... queria saber se podia contratar vocês para um pequeno show aéreo. Estamos perto da cidade, bem do outro lado.

— Duvido que vocês vejam muito — eu disse. — Minha altitude mínima é de mil e quinhentos pés acima do chão, e eu começaria a três mil. Seria um pontinho para vocês, é tudo.

— Isto não faz nenhuma diferença. Poderiam nos dar um show de... 25 dólares?

— Claro, se você o quiser. Mas não vou descer menos do que mil e quinhentos pés.

— Ótimo. — Ele tirou duas notas de dez e uma de cinco da carteira.
— Poderiam subir às 7h30min?

— Nenhum problema. Ainda assim, fique com seu dinheiro. Se achar que valeu a pena, pode passar por aqui e nos dar o dinheiro amanhã. Se não gostou, não se incomode.

Às 7h30min, estávamos sobre o milharal do outro lado da cidade e começando nosso primeiro "loop". Às 7h40min, o show tinha acabado, e circulamos para baixo sobre o parque, para olhar o jogo de beisebol.

Quando aterrissamos, Stu tinha dois passageiros prontos para ir.

— Dê-nos um passeio violento! — disseram.

Eles tiveram um Passeio Violento Padrão; curvas fechadas, derrapagens laterais, com o vento golpeando-os, mergulhos e rasantes. Eles estavam tão alegres e excitados no ar, como se o biplano fosse o maior navio costeiro do mundo, e eu fiquei surpreso com aquilo. Durante os minutos em que estivemos voando, eu estava pensando em ir embora de Monmouth e imaginando para onde poderíamos ir. Para mim, o passeio não era violento nem o Parks uma montanha-russa. Era divertido, talvez, de um certo modo, e interessante, mas não excitante.

Uma revelação, aquela, e uma advertência de prejuízo. O verão estava começando a ficar abafado, eu estava até mesmo aceitando a vida estranha e arriscada de um piloto errante como um outro emprego qualquer.

Levantei o avião num meio "tonneau", o que os fez se agarrarem à borda de couro da nacele numa grande alegria, e falei alto para mim mesmo. — Ei, ouça, Richard! É o vento! Ouça-o nos cabos, sintá-o em seu rosto, golpeando esta viseira! Acorde! Isto está acontecendo aqui e agora; é hora de você estar vivo! Mude para melhor! Veja! Prove! Acorde!

Repentinamente, pude ouvir outra vez... o deslocamento de ar e o abalo do Whirlwind, como se viessem de um Niágara inaudível, até o rugido de um velho motor turbulento novamente, um metrônomo em alta velocidade explodindo dinamicamente com cada golpe de sua lâmina.

Aquele som perfeito e magnífico... quanto tempo tinha se passado desde que parei de ouvi-lo? Semanas. Aquele Sol, brilhante como aço incandescente, refletia no azul do céu... quanto tempo tinha se passado desde que eu recostara minha cabeça e conservara o gosto daquele sol na minha boca? Abri meus olhos e olhei direto para cima, para ele, e bebi seu calor. Tirei uma luva e agarrei um punhado de vento, nunca respirado por ninguém em dez bilhões de anos, e eu o agarrei e o aspirei profundamente.

O pessoal à sua frente, Richard, abra seus olhos! Quem são eles? Olhe para eles! Veja! Eles se transformaram imediatamente de passageiros em pessoas vivas, um jovem, uma jovem, brilhantes, felizes e bonitos, do jeito que somos bonitos quando, por um momento, ficamos completamente inconscientes de nós mesmos, quando estamos olhando para alguma coisa que nos absorve inteiramente.

Inclinamos de novo, abruptamente, e eles olharam juntos para baixo para quinze pés de asas de limão brilhantes e novecentos pés de ar transparente e cinco pés de mar de milho e um décimo de polegada de barro preto, misturado com minerais. Asas, ar, milho, barro, minerais e pássaros e lagos e estradas e cercas e vacas e árvores e grama e flores — cada pedacinho deles movia-se num grande emaranhado de cores, e as cores entravam através dos olhos arregalados destes meus companheiros, e fundo em seus corações, para vir à tona num sorriso ou riso e o olhar bonito e corajoso daqueles que ainda não tinham preferido morrer.

Nunca deixe de ser uma criança, Richard. Nunca pare de provar e sentir e ver e ficar excitado com as grandes coisas como o ar e motores e os sons da luz do Sol dentro de você. Use sua pequena máscara, se precisar, para proteger a criança do mundo, mas se deixar a criança desaparecer, amigo, você cresceu e está morto.

As rodas velhas e altas bateram com estrondo na terra macia como um travesseiro gigante petrificado, e o vôo, o primeiro para meus passageiros e o centésimo para mim, tinha terminado. Eles tomaram consciência de si mesmos novamente e agradeceram dizendo que foi maravilhoso e pagaram a Stu 6 dólares e entraram em seus automóveis e se foram. Eu agradei, foi ótimo voar com vocês, e eu tinha certeza absoluta de que nos lembraríamos de nosso vôo juntos por muito tempo.

Àquela noite, Stu e eu espalhamos as almofadas do sofá em ilhas macias no chão do escritório, lançando uma raiva suave e agradável sobre o homem que nunca voltou para nos pagar nossos 25 dólares do show aéreo, e nos acalmamos com soda de morango no ambiente sem mosquitos. A única luz no escritório vinha do Sol, refletida da lua, que brilhava o suficiente para mostrar as cores do biplano lá fora.

— Stuart Sandy MacPherson — eu disse. — Quem, com os diabos, é você?

A máscara de calma solene do garoto era cada vez mais claramente uma simples fraude, porque pessoas muito solenes não saltam das asas de aviões a uma milha no ar, ou viajam metade do país para se tornarem um piloto errante. Até mesmo Stu entendeu que a pergunta estava certa e não se esquivou a ela.

— Algumas vezes não tenho certeza de quem eu sou — disse. — Eu jogava na equipe de tênis da universidade, se isto lhe ajudar em alguma coisa. Pratiquei um pouco de alpinismo...

Pestanejei. — Você quer dizer alpinismo mesmo? Com as cordas e estacas e ganchos e paredes de pedra e tudo aquilo? Ou você quer dizer apenas montes que a gente pode subir andando?

— O mecanismo completo. Foi divertido. Até que fui atingido na cabeça por uma pedra. Fiquei sem sentidos por um tempo. A minha sorte foi estar amarrado ao rapaz à minha frente.

— Você ficou se balançando lá no espaço, na ponta de uma corda?

— Sim.

— Puxa!

— Sim. Bem, então abandonei o alpinismo e dediquei-me à aviação. Tirei minha licença particular, pilotando Piper Cubs.

— Stu! Por que você não disse que tinha sua licença? Por Deus! Você devia nos contar coisas como estas!

Achei na escuridão, que ele encolheu os ombros.

— Pratiquei bastante motociclismo. É divertido tentar ser bom com uma máquina...

— Fantástico, garoto! — O bom de não falar muito é que quando você fala, pode estarrecer as pessoas que estão ouvindo. — Agora, olhe — eu disse. — Tenho ouvido muitas coisas idiotas, de algumas pessoas que realmente se traíram, mas você quase ganhou o prêmio. Você tem todas estas grandes coisas na mão, como uma pessoa muito viva e, no entanto, lá está você em Salt Lake na Escola para Dentistas. Por favor, diga-me... *por que?*

Ele colocou sua garrafa de soda gasosa com ruído no chão. — Devo isto à minha família — disse. — Eles pagaram minhas despesas...

— Você deve isto à sua família para eles ficarem felizes. Não é? Eles não tinham o direito de forçá-lo a fazer algo em que você não se sentia feliz.

— Talvez. — Ele pensou por um momento. — Talvez este seja o problema... é fácil demais ficar no sistema, do jeito que as coisas vão. Se eu me desligasse, teria sido convocado para o exército, e então aonde eu estaria?

— Ah, Stu? — eu disse. Eu queria falar sobre sua escola, mas as últimas palavras me assustaram. — O que é patriotismo, você sabe? O que você acha que significa?

Fez-se o mais longo silêncio, então, que eu tinha ouvido em todo o verão. O garoto estava tentando; ele estava remoendo a pergunta na sua mente. E não estava conseguindo nada. Deitei-me lá esperando-o pensar, imaginando se o mesmo vazio estava nas mentes de todos os universitários de todo o país. Se estava, os Estados Unidos da América estariam se defrontando com mais alguns tempos difíceis.

— Eu não sei — ele finalmente disse. — Eu não sei... o que... é... patriotismo.

— Não é à toa que você está com medo do exército, então, rapaz — falei asperamente. — Este patriotismo está contido em três palavras: Gratidão pelo país. Você sai, escala montanhas, dirige suas motocicletas; eu posso voar por onde quiser, escrever o que quero, e posso saltar em todo o governo sempre que estiver sendo estúpido. Quantos sujeitos você pensa que foram mortos para que você e eu pudéssemos levar nossas vidas do jeito que queremos? Cem mil? Um milhão?

Stu sentou-se sobre os travesseiros, suas mãos enlaçadas atrás da cabeça, olhando através do quarto escuro.

— Então nós usufruímos um ano ou dois ou cinco desta fantástica liberdade — eu disse — e dizemos: Ei, país, obrigado!

Naquele momento, eu não estava falando para Stu MacPherson, mas para todos os meus pobres jovens compatriotas que não conseguiam entender, queixando-se do exército no meio da sagrada, rara e bonita liberdade.

Quisera encaixotá-los todos e despachá-los para alguma nação escrava, e fazê-los ficarem lá até que estivessem prontos para lutar e conseguirem voltar para casa. Mas se os encaixotassem, estaria destruindo a liberdade que desejava que vissem. Tinha que os deixar se queixarem e rezar para que vissem o quadro antes que fragmentassem o país em bolhas de gelatina de autopiedade.

Stu estava calado. Eu não queria que ele falasse. Eu rezava, fervorosamente, que no silêncio, ele estivesse ouvindo.

Capítulo 16

POR VOLTA DAS 10h DA MANHÃ, Illinois estava um forno. A grama queimava sob nossos pés. Havia uma leve brisa quente, que emitia o som baixo de uma flauta oriental nos cabos do avião quando nos sentamos à sombra sob a asa.

— OK, Stu-baby, aqui está um mapa. Apanharei minha faca e a atirarei no mapa. Aonde a faca cair, nós iremos.

Atirei a faca e, para minha surpresa, a lâmina atravessou sólida e firme o mapa. Um bom presságio. Examinamos ansiosamente o rasgão.

— Grande — eu disse. — Temos de aterrissar no rio Mississipi. Muito obrigado, faca.

Tentamos várias vezes e o único resultado que obtivemos foi um mapa cheio de furos. Havia uma razão para não voar a qualquer lugar que a faca sugeriu.

Um carro parou e um homem e dois meninos vieram até nós.

— Quando eles descem do carro, já estão garantidos — disse Stu. — Nós queremos levar alguém para voar hoje, ou vamos embora?

— Poderíamos levá-los para voar.

Stu começou a trabalhar. — Oi, pessoal.

— Você é do avião?

— Sim, senhor!

— Nós queremos voar.

— Estamos felizes em tê-los à bordo. Por que não sobem aqui... — Ele parou no meio da frase. — Ei, olhe, Dick. Um biplano.



Stu e eu em Palmyra, Wisconsin. Exceto pelos automóveis, o Meio-Oeste norte-americano não mudou muito desde os tempos dos primeiros circos aéreos.

A primeira tentativa de Paul para pilotar o biplano não foi exatamente o que se pôde chamar de um sucesso retumbante.





Algumas voltas. Para dar aos passageiros as sensações do vôo.

Tempestades noturnas podem quebrar janelas, mas um piloto errante e seu avião descobrem sempre algum jeito de sobreviver.



Ele vinha pequeno e silencioso, sussurrando do oeste, planando em direção a nós, no céu.

— Stu, é um Travelair! É Spencer Nelson! Ele conseguiu!

Foi como uma bomba explodindo entre nós. Pulei para dentro da nacele e atirei a manivela do arranque para Stu.

— Vocês não se importam de esperar um minuto, não é, pessoal? — eu disse para o homem e seus filhos. — Este outro avião está vindo até aqui da Califórnia. Subirei e lhe darei as boas-vindas, e depois voaremos.

Eles não tiveram uma chance de protestar. O motor, roncando por causa do arranque por inércia, ganhou vida e estávamos taxiando imediatamente, acelerando, levantando do chão, virando em direção ao recém-chegado. Ele estava planando para a aterrissagem quando o alcançamos, e fechamos em formação ao seu lado.

O piloto acenou.

— EI, SPENCE! — gritei, sabendo que ele não podia ouvir uma palavra por causa do vento.

Seu avião era bonito. Era novinho em folha, acabado por este comandante que não se cansava de voar. O aparelho brilhava e reluzia à luz do Sol. Não havia um único remendo, nem um fio de óleo ou mancha de graxa em todo ele, e eu fiquei embevecido diante de sua perfeição. O enorme leme compensado a ar virou completamente e curvamos para uma ultrapassagem baixa ao longo da pista de pouso gramada.

Travelair Aircraft Co., eram as letras profissionais e uniformes na cauda, *Wichita, Kansas*. O avião era um golfinho ansioso e impaciente no céu, um aparelho muito maior do que o Parks, e muito mais elegante. Sentiamo-nos como um rebocadorzinho manchado de alcatrão e remendado guiando os *Estados Unidos* para o porto. Fiquei imaginando se Spence sabia no que ele estava se metendo, se seu brilhante avião azul ia parecer tão bonito voltando para casa como o parecia neste minuto.

Fizemos sinal para entrarmos mais uma vez no esquema e aterrissarmos, aquela imponência de um biplano indo à frente, taxiando para os passageiros, desligando o motor num silêncio grandioso.

Eu nunca tinha visto o piloto, e conhecia-o através de cartas e telefonemas quando ele lutou para conseguir que seu avião ficasse pronto para o verão. Quando ele retirou seu capacete e desceu da alta nacele, vi que Spence Nelson era um homem pequeno e ágil, com o olhar de falcão de um piloto veterano: seu rosto anguloso, intensos olhos azuis.

— Senhor Nelson! — eu disse.

— Senhor Bach, suponho?

— Spence, seu maluco. Você conseguiu! De onde você veio esta manhã?

— De Kearny, Nebraska. Cinco horas de vôo. Telefonei para sua casa, e Bette disse que você tinha telefonado daqui. — Ele se espreguiçou, feliz por

estar fora da nacele. — Aquele velho pára-quedas fica duro para se ficar sentado nele depois de um certo tempo, não é?

— Bem, daqui por diante você está na terra do circo aéreo feliz, Spence. Mas você vem até aqui para ficar parado aí e conversar, ou quer trabalhar um pouco? Temos passageiros esperando.

— Vamos — disse.

Ele tirou um monte de equipamento da nacele dianteira e empilhou no chão, e Stu levou dois dos passageiros para o enorme avião. Levei o outro para o Parks, que parecia cada vez mais velho enquanto estava ao lado do Travelair.

— Eu o seguirei — gritou Spence quando Stu girava a manivela para dar partida no motor, que roncou, soltando uma fumaça azul.

Decolamos e entramos no Esquema do Circo Aéreo de Monmouth, uma longa volta ao redor da cidade, um círculo sobre um pequeno lago a oeste com raios de Sol refletidos n'água, e viragens em vôo planado para aterrissar... exatamente dez minutos. O Travelair era muito mais rápido do que o Parks, e deu uma cabrada junto a ele na primeira volta após a decolagem. Spence foi mais longe, fazendo as segundas voltas (da fechadura) e excursões laterais por toda a região.

Ele aterrissou 5 min depois do Parks.

— Ei, o que você está tentando fazer? — perguntei. — O pessoal não está pagando para voar enquanto você quebra o recorde de resistência do biplano, você sabe. Eles estão pagando para sentir o vento soprando nos cabos e ver como parece a terra vista lá de cima. Eu detestaria ter de competir com você.

— Demorou tanto assim? Eu cuidarei disto. Você sabe, eu estou estreando aqui.

Fomos até o restaurante e ouvimos sua estória sobre tentativas e decepções com funcionários e papeladas enquanto tinha dado os retoques finais no Travelair e correu todo o país à nossa procura.

— Restaram-me somente cinco dias de férias, com toda aquela demora no princípio. Terei que ir para casa daqui a dois dias.

— Spence! Você fez uma viagem miserável desta até aqui para se exhibir no circo aéreo *por dois dias*? Esta é uma má notícia! Acho que você é um cara maluco!

Ele encolheu os ombros. — Eu nunca tinha me exibido num circo aéreo antes.

— Bem, de qualquer forma, temos de sair daqui para oferecer-lhe algo um pouco mais típico, e você poder ganhar algum dinheiro para ir para casa.

— O que me diz de Kahoka? — disse Stu. — Lembre-se que eles disseram que haveria corridas ou algo assim. Um monte de gente. Perto da cidade.

— Contudo, há uma pista de pouso. Nós queremos um bom campo de feno.

Pensamos sobre o caso por um momento e, por fim, Stu venceu.

Com apenas dois dias que restavam para o nosso piloto, não podíamos nos permitir vaguear sem objetivo.

Por volta das 3h, estávamos a bordo, em direção ao sul e ao leste, para o Missouri. Stu pilotava o Travelair no banco dianteiro e eu tinha a nacele cheia de bagagem e pára-quadras.

Tivemos um problema logo no início. O Travelair era rápido demais; Spence tinha que diminuir a velocidade para que eu pudesse acompanhá-lo. De vez em quando, ele se esquecia e pensava em alguma outra coisa e então voltava para encontrar o Parks, que àquela altura era um minúsculo ponto, arrastando-se a uma milha atrás. Mas quando cruzamos o Mississipi, estávamos todos juntos e nossas sombras moviam-se rapidamente sobre a água escura em boa formação. Era uma sensação agradável, a de não estar sozinho, de ter outro biplano lá fora fazendo a mesma rota no velho céu. Sentiamo-nos felizes, meu avião e eu, e demos um pequeno mergulho e uma viragem apenas por brincadeira.

Um piloto errante, descobri, tem que conhecer bem o país. Não era necessário olhar o mapa. Ir em direção ao Sol até que atingisse o Mississipi. Voar rio abaixo até que pudesse ver o Rio Des Moines vindo do oeste. Cortar ao norte de Keokuk e inclinar um pouco para o sul por 10 min e lá está Kahoka.

A pista de corrida está superlotada de gente. Fizemos um círculo para deixar o mundo saber que tínhamos chegado, e fizemos a curva para aterrissar.

— Ei, isto parece bom — disse Spence quando aterrissamos. — Ótima grama, a cidade fica bem aqui, isto parece realmente bom.

Os passageiros vieram imediatamente e foi um prazer deixar o Travelair levar os primeiros passageiros, ficar simplesmente sentado no chão e deixar Spence entregar o dinheiro.

Estávamos numa maré boa agora, com um Avião Número Um e um Avião Número Dois trabalhando para nós. Infelizmente, eu não podia desfrutar daquele prazer por muito tempo, porque havia passageiros prontos para voarem, andando em direção ao velho e sujo Avião Número Um. Pulei para o meu assento familiar e estávamos voando na tarde. Restavam poucas horas até o pôr-do-sol, mas trabalhamos até o fim, e levamos vinte e três passageiros para voar antes que o dia tivesse terminado.

Ouvi pedaços de conversas dos passageiros, entre as decolagens.

— Fiquei vinte e cinco anos tentando fazer com que minha mulher andasse de avião, e hoje, finalmente, ela subiu naquele avião azul.

— Isto é que é voar. Os aparelhos modernos são um meio de transporte, mas isto é que é voar.

— Estou contente que vocês tenham chegado — isto será muito bom para esta cidade.

Era como estar voltando para casa, em Kahoka. O Orbit Inn ainda estava lá e em bom estado, com seu toca fitas automático; e os jovens sentados nos pára-lamas de seus carros na noite quente.

— Isto dá prazer — disse Spence. — Não é apenas o dinheiro, mas conversar com as pessoas. A gente realmente está fazendo alguma coisa por elas.

Stu e eu vimos tudo novamente como se fosse a primeira vez, através dos olhos de outro piloto, enquanto ele falava. Foi bom ver Spence Nelson lá na noite de Kahoka, empolgado com as novas alegrias do circo aéreo.

Capítulo 17

— TENHO UM VAZAMENTO DE ÓLEO! — Spence estava preocupado e apontava para um pequeno fio de óleo limpo que saía da capota do motor.

— Você quer negociar vazamentos de óleo, Sr. Nelson? — perguntei. — Tenho alguns bons vazamentos que poderiam lhe interessar...

— É de se esperar que seu motor vaze — ele disse. — Mas um motor Continental tem que ser à prova de vazamentos com um tambor. — Ele estava preocupado, e soltou o fundo da capota do Travelair aos primeiros raios de sol da fria manhã.

— Oh, bem, pensei, se tivermos passageiros madrugadores, eu farei o vôo. Apanhei meu jogo de ferramentas e começamos a vistoriar seu enorme motor.

— Tudo é tão novo — ele disse. — Provavelmente apenas alguns pinos de lubrificação que estavam se acamando e agora estão frouxos.

O que era parte do problema. Algumas das conexões das mangueiras para óleo estavam tão frouxas que precisaríamos dar uma volta completa para que ficassem ajustadas novamente.

— Isto deve tê-lo colocado em ordem — ele disse após 1h de trabalho. — Vamos experimentá-lo.

— Girarei a manícula para você. — Coloquei a manícula do motor de arranque no lado da capota e achei que era um encaixe um pouco pequeno para a pesada manícula.

— Aquele encaixe da manícula não está muito bom — disse Nelson, da nacele. — Quando voltar, vou mandar aumentá-la.

Manobrei a manícula três vezes, e o eixo quebrou com um estalo em minha mão.

— O que aconteceu? — ele gritou.

— Spence, garoto, acho que você vai ter que mandar aumentar esta coisa antes de voltar.

— Ela não quebrou, quebrou?

— Sim, senhor.

— Bem, encontrarei um lugar na cidade e a mandarei soldar. Logo agora ela foi me deixar na mão, hein?

Ele apanhou o eixo e partiu para a cidade. Se este fosse seu único problema de manutenção em dois dias, ele estaria se saindo muito bem como um piloto errante.

Um homem veio num carro e olhou para os aviões. — Você pilota aqueles?

— Certamente — eu disse, andando até a janela do Chevrolet. — Você está querendo voar hoje?

— Eu não sei — disse pensativamente. — Sentada ao lado dele no carro estava uma jovem muito bonita, com cabelos pretos e longos, e olhos escuros muito grandes.

— A cidade é muito bonita pela manhã... o ar está bom, calmo e ameno — eu disse. — Lá em cima é mais frio também.

O homem estava interessado, hesitando pela aventura, mas a garota olhou para mim tão assustada como uma corça, e não pronunciou um som.

— Acha que eu devo subir? — o homem perguntou-lhe.

Não houve resposta, nem uma única palavra. Ela balançou ligeiramente a cabeça dizendo que não.

— Nunca tive um passageiro que não achasse o passeio maravilhoso — seu dinheiro de volta se não gostar. — Surpreendi-me com aquilo. Eu realmente não me importava se o homem quisesse voar ou não; haveria muitos passageiros mais tarde. A garantia de retorno do dinheiro foi uma boa tática, mas eu não tinha pensado nela até aquele segundo. Era um conflito entre o meu mundo e o mundo daquela garota, e o homem era o nosso campo de batalha.

— Acho que irei. Demora muito?

— Dez minutos. — Eu tinha vencido muito depressa.

— Voltarei — ele disse para a garota. — Ela olhou para ele com seus profundos olhos escuros, temerosa, mas ainda assim não disse uma palavra.

Voamos durante 10 min, e por estar curioso, mantive-me olhando para trás e para baixo, para o Chevrolet, enquanto voávamos. A porta do carro não se abriu, não havia nenhum rosto olhando para cima pela janela. Havia algo estranho com aquela mulher, e o luminoso dia de verão tornou-se sombrio e desagradável.

A aterrissagem foi normal, absolutamente normal, como toda aterrissagem que fizemos naqueles dias. Estávamos no chão e rolando ao

longo da grama, movendo-nos talvez a 40 milhas por hora. De repente, uma voz falou dentro de mim: — avance para a direita, gire para a direita. — Não havia razão para fazê-lo, mas eu o fiz, imaginando por que o teria feito.

Naquele instante, quando o biplano avançou para a direita, um avião passou feito um raio à nossa esquerda, aterrissando na direção oposta sobre a grama, movendo-se talvez a 50 milhas por hora.

Fiquei atordoado por um segundo, como se tivesse sido atravessado por uma lâmina de aço. Eu não tinha visto o outro avião, ele, evidentemente, também não me tinha visto. Se não tivéssemos avançado para a direita, os dias de exibição do biplano teriam chegado a um fim muito rápido e espetacular. O outro avião fez a curva, elevou-se no ar novamente e desapareceu. Agradei àquela voz, aquele pensamento de anjo, e visto que o incidente terminou, seria melhor eu não pensar muito sobre ele, ou por outra, não falar absolutamente nada sobre ele.

O homem deu três notas de 1 dólar a Stu e entrou no seu carro. A garota não se moveu, não falou.

— Muito obrigado — disse meu passageiro, feliz, e afastou-se com sua personagem muito estranha. — Nós não o vimos novamente.

Spence voltou com um eixo do motor de arranque de ferro maciço soldado, suficientemente forte para suspender seu avião inteiro.

— Isto deve funcionar — disse. — Vamos experimentá-lo novamente.

O motor pegou imediatamente e ele decolou para um teste. Quando retornou 10 min mais tarde, ainda havia salpicos de óleo saídos do respirador do cárter.

— Puxa — ele disse. — Eu gostaria de me livrar daquele óleo.

— Spence, é o *respirador!* Aquilo é *borrifo* de óleo. Não conheço muitos pilotos errantes que se preocupam com *borrifo* de óleo em seus aviões. Sabe, tudo com que nos preocupamos aqui é que as asas estejam em bom estado e firmes.

— OK. Mas, ainda assim, não gosto dele no meu Travelair novinho.

Spence pegou os dois próximos passageiros, um homem e seu filho. Quando estavam com os cintos afivelados, ele abaixou sua viseira, empurrou a manete para frente e iniciou sua decolagem pela grama. Virei-me para Stu. — É bom ter mais alguém para trabalhar, assim nós... — Parei no meio da frase, surpreso. O motor do Travelair parou na decolagem.

— Oh, não. — Este, pensei, num décimo de segundo, não é nosso dia.

O enorme avião planou novamente para a grama, rolando silenciosamente em direção à outra extremidade da pista; o motor tinha parado rapidamente, permitindo uma aterrissagem rápida e segura.

Num segundo ele ligou novamente, roncando suavemente mas Spence não quis tentar uma outra decolagem. Ele taxiou de volta em nossa direção.

— Eu queria saber o que os passageiros pensam disto — disse Stu, com um sorriso amarelo.

Abri a porta da nacele para eles quando o biplano chegou. — Um passeio um tanto curto, não foi? — eu disse, aparentando calma. Eu teria ficado aterrorizado, se estivesse no banco dianteiro quando tudo parou.

— Oh, foi bastante longo, mas não conseguimos subir muito — disse o homem, ajudando seu filho a descer para a grama. Foi uma coisa notável para dizer, e tive orgulho dele.

— Você quer dar um passeio no Avião Número Um?

— Não, obrigado. Dar-lhe-emos uma chance de consertar este... voltaremos esta noite e voaremos.

Aceitei aquilo como uma boa desculpa e risquei-os da lista de passageiros que nunca mais confiaria num biplano. Quando eles se foram, começamos a trabalhar.

— Evidentemente, a coisa não está recebendo nenhuma gasolina, para parar daquele jeito — eu disse.

— Sujeira na gasolina? — perguntou Spence.

— Parece que está boa. Vamos experimentar.

O motor tinha sido encostado no Arizona e havia uma colher de chá de areia no filtro de combustível.

— De qualquer forma, esta é uma parte do problema — disse Spence. — Vamos experimentá-lo novamente.

Nós o testamos novamente, mas o motor cuspiu e tossia com a manete totalmente aberta, depois cortava completamente.

— Como está seu combustível?

— Oh, tenho meio tanque. — Ele pensou em alguma coisa e ligou o motor outra vez. Funcionou perfeitamente. — Tanque da seção central — disse. — Ele trabalha muito bem se estiver funcionando com a gasolina do tanque alto.

Ele testou, e descobriu que não havia nada que ele pudesse fazer para que o motor parasse enquanto estivesse recebendo combustível do enorme tanque acima de nossas cabeças, enterrado no meio do dorso da asa.

— É isso aí — ele disse finalmente. — O nível do flutuador ou alguma coisa no carburador não está funcionando muito bem. Ele quer pressão extra quando estiver com a manete totalmente aberta.

O problema estava resolvido e celebramos com um salto de pára-quedas. Stu estava ansioso para registrar um "salto do Travelair" no seu

diário de bordo de mergulhador do céu, e estávamos no ar no meio da tarde, voando em formação e subindo até atingir altura para saltar.

Separei-me a 2500 pés e circulei para esperar que Stu descesse.

Podíamos esperar grandes negócios se o salto de pára-quedas saísse como planejáramos; a pista estava superlotada de gente. Mas não saiu exatamente como planejáramos. Stu errou o alvo. Segui-o na queda, sabendo que, do meu ângulo não podia dizer aonde ele estava indo aterrissar. Mas quanto mais ele descia, tornava-se mais evidente que ele não alcançaria a pista, e que poderia acabar nos cabos telefônicos sobre o mato, em direção ao sul.

Ele errou os cabos por poucos pés e desceu no mato, depois levantou-se novamente, acenando que ele estava OK. Spence e eu fizemos um vôo de propaganda em formação, nos separamos e aterrissamos. Havia uma multidão esperando para voar, e Stu, ofegante, acabava de chegar no campo, carregando seu pára-quedas.

— Puxa! Pensei que fosse bater naqueles cabos! Esperei demais antes de tomar alguma providência em relação ao vento. Foi um salto ruim! — Mas isto passou. Conseguimos evitar um acidente e continuamos a trabalhar.

Ele depositou o pára-quedas sobre seu saco de dormir e estava vendendo passeios imediatamente. Fiz sinal com a cabeça para Spence dizendo: aqui vamos nós, e entramos nos aviões. Novamente não paramos de voar até o pôr-do-sol. Para minha grande surpresa, os passageiros de Spence quando o motor falhou, o homem e seu filho, voltaram para voar novamente. Desta vez o Continental continuou funcionando para eles, e eles viram Kahoka do ar, uma cidade navegando serenamente no mar plano e verde do Missouri.

Voei com um idiota que mandei embora por estar bêbado; depois que estávamos no ar, ele ameaçou pular fora da nacele dianteira, e demonstrou ser um louco. Fiz algumas curvas fechadas para jogá-lo no assento, desejando o tempo todo que fosse legal deixar o estúpido atirar-se do avião.

— Se você me der outro passageiro como este, Stu — eu disse após a aterrissagem — eu dividirei seu cabelo com uma chave inglesa.

— Desculpe. Não sabia que ele estava tão ruim.

O Sol se pôs, mas Spence continuou a levar passageiros. Cada doido com sua mania, pensei. O Parks e eu paramos quando a visibilidade do solo tornou-se impraticável devido à escuridão.

Estava completamente escuro quando ele finalmente desligou seu motor. Trabalhando quatorze anos na Pacific Southwest Airlines, ele estava condicionado a arrastar todas as pessoas que achasse serem prováveis passageiros.

Caímos sobre os nossos sacos de dormir e acendemos a lanterna. — Quanto faturamos, Stu?

Stu empilhou o dinheiro. — Conseguimos bastante. Vinte, trinta, trinta e cinco, quarenta e cinco... — Parecia que tinha sido um bom dia. — ...cento e cinqüenta e três, cinqüenta e quatro, cinqüenta e cinco... cento e cinqüenta e seis dólares. Ou seja... cinqüenta e dois passageiros hoje.

— Quebramos o recorde! — eu disse. — Quebramos o recorde de nossa fêria de cem dólares!

— Eu lhes digo, rapazes — disse Spence. — Esta não é uma maneira ruim de se ganhar a vida! Puxa, eu queria não ter de voltar tão cedo.

— Temos que conseguir para você algum campo de feno em alguma parte, Spence. Algum campinho para uma verdadeira exibição do circo aéreo.

— Não me resta muito tempo — ele disse. — Terei que esperar até o próximo ano.

O tempo de Stu também estava se esgotando, e ele falou com Spence sobre uma carona para casa.

Voei com dois passageiros que restaram na manhã seguinte, e carregamos nossos aviões. Spence ainda tinha um dia.

Decolamos em direção ao oeste e voamos lentamente estrada abaixo, procurando uma cidade perto de um campo. Foi tão inútil como sempre. Os campos eram bonitos entre os lugarejos. O feno estava ceifado e enfardado, e a terra estendia-se bem delineada no vento.

Mas quando nos aproximávamos de uma cidade, os postos telefônicos cresciam rapidamente como bambu gigante e os campos tornavam-se pequenos e acidentados e com vento de travês. Voamos baixo para olhar alguns limítrofes, mas nenhum pareceu bom. Não estávamos morrendo de fome e não havia necessidade de trabalharmos num lugar difícil.

Finalmente, sobre Lancaster, Missouri, avistamos um campo. Não seria bom demais — lombadas e encostas íngremes para descer se não rolássemos imediatamente após a aterrissagem — mas era bastante extenso e perto da cidade.

Logo depois que apontei-o para Spence e Stu, vi que a maldita coisa era um aeroporto. Não havia hangares nem bomba de gasolina, mas as marcas das rodas estavam lá, denunciando.

Estávamos ficando cansados de vaguear, de modo que aterrissamos. Durante a planagem, tive dúvidas em levantar vôo dali com passageiros, mesmo se aquilo fosse um aeroporto.

Observei o Travelair aterrissar. Deslizou na pista suave como um rio; a visão de um velho profissional trabalhando, não importa o quanto Nelson afirmasse seu status como piloto errante.

Numa pequena tabuleta ao pé de um tronco de grama, dizia: — William E. Hall Memorial Airport.

— O que você acha, Spence? — perguntei quando ele desligou seu motor.

— Parece OK. Foi divertido chegar. Passei por cima da cidade e acelerei o motor. Pude ver as pessoas lá embaixo, e elas pararam, sabe, e estavam olhando para cima.

— Bem, estamos bastante perto da cidade, mas eu não vislumbro completamente o aeroporto. É um pouco enfiado para mim, e se você perder o motor na decolagem, você não tem nenhum lugar para ir sem encurvar o avião.

Um carro aproximou-se e um homem desceu carregando uma máquina de filmar. — Oi — disse — importariam se eu filmasse um pouco?

— Esteja à vontade. — O resto da nossa reunião foi registrado em cores, para o zunido de uma câmera de mola helicoidal.

— Eu não gosto dele — eu disse. — Não estamos longe do sul de Ottumwa, e isto, para mim, é base de partida. De qualquer maneira, precisamos de combustível. Por que não vamos até lá e conseguimos gasolina e óleo e vocês podem verificar como está o tempo no oeste. Depois tomem uma decisão.

— Vamos, então.

Estávamos no ar poucos minutos depois, em direção ao norte, e em meia hora aterrissamos em Ottumwa, Iowa.

O tempo para o oeste não estava encorajador, e Spence estava preocupado. — A coisa está preta para o nosso lado — ele disse. — Ventos fortes e céu baixo. Acho melhor adiarmos a exibição até o próximo ano, Dick. Se eu for apanhado pelo mau tempo, não farei minha linha de serviços regulares. Isto não seria muito bom. É melhor eu ir embora hoje e tentar ultrapassar esta coisa.

— Stu, você se decidiu? — perguntei. — Provavelmente, é a última chance de um passeio grátis para casa.

— Acho que seria melhor eu voltar com Spence — ele disse. — Foram momentos muito bons... eu os estaria prolongando se ficasse. A escola começa dentro em breve.

Eles carregaram o Travelair imediatamente; pára-quedas, óleo, malas com roupas e estojos para barba. Fiz o motor funcionar com a manícula e dei a Stu um dos cartazes *VOE \$3*. Uma lembrança, Sr. MacPherson.

— Você vai autografá-lo para mim?

— Se você quiser. — Estendi-o sobre a asa e escrevi: *VEJA SUA CIDADE DO AR!* Depois, assinei-o e dei-o a ele, que já estava sentado na nacele dianteira.

Apertei a mão de Spence. — Fiquei feliz por você ter conseguido. Você é bastante maluco para atravessar o país para se exhibir dois dias no circo aéreo.

— Foi divertido! Nós tornaremos a fazê-lo no próximo ano, hein?

Subi na asa e balancei a cabeça uma vez para o jovem pára-quedista, imaginando como dizer adeus. — Bons tempos, Stu — eu disse finalmente. — Lembre-se, faça o que você quer fazer.

— Adeus. — Nos seus olhos, o lampejo de um sinal de que ele estava aprendendo, e para eu não me preocupar.

O enorme biplano taxiou para a pista, avançou na direção do vento crescente e elevou-se no ar. Houve dois acenos rápidos das naceles e acenei de volta, pensando em mim mesmo através dos olhos deles, uma figura solitária lá embaixo no chão, ficando cada vez menor e, finalmente, perdida na distância. Fiquei parado lá, olhando o Travelair até não ouvir mais o som, depois até que ele desapareceu rumo ao oeste. E, então, nada mais restou no céu. Stu e Spence, também, tinham-se unido a Paul. Partiram, mas não partiram. Morreram, mas não morreram inteiramente.

Eu estava rodeado de modernos aviões na rampa de estacionamento mas, por alguma razão, enquanto andava entre eles, senti que eram eles que estavam fora do tempo deles, e não eu.

Capítulo 18

O CÉU DA TARDE ESTAVA CINZA-CLARO, uma chuva fraca batia no pára-brisa, e O Grande Circo Aéreo Americano estava reduzido a um homem, um biplano, sozinhos no ar.

Eu tinha um tanque de gasolina, e onze centavos no bolso. Se quisesse comer novamente, tinha que encontrar alguém lá embaixo com três dólares e um desejo ardente de voar na chuva.

As perspectivas não pareciam boas. Kirksville, Missouri, eliminou-se em filas e mais filas de fardos de alfafa nos campos de feno e rebanhos de vacas teimosas nos pastos. E em Kirksville a chuva caía forte, pretendendo transformar a cidade numa grande ilha marítima; o pára-brisa transformou-se num lençol de água, aparafusado no avião. Não era confortável voar.

Quando deixamos Kirksville, espalhando chuva, lembrei-me de uma cidade ao norte que valia a pena tentar. Mas novamente, era o momento errado de descer. Um bom campo a uma quadra da cidade, mas coberto de fardos de feno. Um outro estava cercado. Um terceiro ficava atrás de um emaranhado de fios de alta tensão.

Circulávamos e pensávamos, o biplano e eu, ignorando a pista gramada e hangares a uma milha ao sul. Seria uma boa cidade para se trabalhar, mas a uma milha de distância era longe demais. Ninguém anda uma milha na chuva para voar em nenhum avião. Por fim, com as fortes chuvas de Kirksville quase nos atingindo novamente, aterrissamos no campo cercado, esperando que houvesse um portão. Quando as rodas tocaram o chão, uma raposa pulou, procurando abrigo no depósito de milho vizinho.

Não havia nenhuma passagem na cerca, mas os dois meninos apareceram, desempenhando uma função atribuída a eles pelo destino, chuva ou sol.

— Ei, aonde fica o portão?

— Não há nenhum portão. Nós pulamos a cerca. Há um aeroporto bem no fim da estrada, senhor.

Estava chovendo mais forte. — Vocês sabem de algum jeito que alguém poderia entrar aqui, se eu tivesse que levá-lo para passear no avião?

— Não sabemos, não. Pular a cerca, eu acho.

Outro campo riscado da lista. O aeroporto, então. Lá eles poderiam saber de algum outro lugar. Mais 2h e estaria escuro demais para voar, com a chuva e nuvens escondendo o Sol. Escolhi o aeroporto, porque não sabia para onde mais podia ir.

Aquilo era mesmo uma luta. Ao longo de um dos lados da pista, havia uma cerca; do outro, um mar de milho. Era mais difícil aterrissar naquele aeroporto do que em qualquer campo de feno que trabalháramos, e pensei que, mesmo se este lugar estivesse pululando de passageiros, eu não voaria com nenhum deles. Era tudo que eu podia fazer para manter o biplano rolando em linha reta entre os sólidos obstáculos, guiando-me apenas pela grande nebulosidade em cada lado da nacele e esperando que o caminho à frente estivesse limpo.

Esperando na chuva na extremidade da pista, estavam cinco hangares de chapa metálica, uma biruta gotejante e uma camioneta tipo "Pick-up" com uma família atenta, dentro, observando. O homem, sem camisa, saiu do lugar do motorista assim que eu desci da nacele, deixando o motor girando.

— Quer um pouco de gasolina?

— Não, obrigado. Tenho o suficiente. Estou procurando um lugar para voar.

Abri meu mapa rodoviário e apontei para uma cidade 20 milhas para o sudoeste. — O que você sabe sobre Green City? Há algum lugar para aterrissar lá? Campo de feno ou pasto ou algo assim?

— É claro. Eles têm um aeroporto lá. Ao sul da cidade, perto do reservatório de água. O que você está fazendo? Pulverizando colheitas?

— Levando passageiros.

— Oh. Sim. Green City poderia ser bom. Embora, provavelmente, um monte de gente aqui gostaria de voar com você. Poderia ficar aqui se quisesse.

— É um pouco longe da cidade — eu disse. — A gente tem que ficar perto da cidade. Ninguém vem se ficarmos muito longe.

A chuva diminuiu por um momento, e para os lados do sudoeste o céu não parecia tão escuro como há uma hora antes. Para voar novamente, tinha que gastar gasolina que não podia ser reabastecida até que

ganhássemos algum dinheiro, e ainda que ficássemos no aeroporto, estaríamos ambos desempregados e famintos.

— Bem, é melhor eu ir. Poderia partir enquanto está claro.

Num minuto, estávamos errando entre milho e cerca, e depois erguimo-nos sobre eles, e planávamos em direção ao sul.

As montanhas nesta parte do Missouri ondulavam-se como vagalhões, encimados por uma fina camada de árvores, encobrendo estradas e vilarejos nas suas depressões. Não é a região mais fácil do país para os navegadores. Não havia nenhuma das preciosas linhas dos tracejados norte-sul da mancha cinza mais clara no céu, que era o pôr-do-sol.

Green City. Que nome, que imagens poéticas. Pensei em olmos altos balançando-se ao vento, e ruas de relvas brilhantes, cortadas rentes, e calçadas na sombra estival. Olhei com atenção através do pára-brisa, procurando tudo isso. Após um longo tempo, surgiu sob o nariz do biplano. Ali, o reservatório; lá, os olmos altos; ali, a torre de água toda prateada com as letras pretas GREEN CITY.

E lá, céus, o aeroporto. Uma pista comprida na crista de uma montanha, mais estreita do que aquela que eu tinha acabado de deixar. Por um momento, fiquei pensando se o biplano se encaixaria mesmo na sua largura. Nos lados, o chão caía abrupta e acidentalmente em terra revolvida. O fim era uma fila de barris no topo de um rochedo. Na metade da pista, havia uma construção de chapas metálicas, quase cobrindo a área de aterrissagem. Green City tinha o aeroporto mais difícil de se aterrissar que eu jamais tinha visto. Eu não teria escolhido aquele lugar para uma aterrissagem forçada, nem mesmo se o motor parasse.

Mas havia uma biruta e um hangar. Na via de acesso, havia uma coleção de cabos telefônicos e quando voei baixo sobre o campo, vi que a última metade da pista era inclinada, primeiro para a esquerda, depois para a direita. A estreita e serpenteante pista era margeada a cada cinqüenta pés por altos marcos brancos de madeira. O proprietário deve ter imaginado que, se você saísse fora do seu trajeto, ia bater com seu avião de qualquer maneira, e alguns postes de madeira enterrados em suas asas não fariam muita diferença. Vi que deveríamos ter cerca de oito pés de espaço livre em cada borda da asa e engoli em seco.

Enquanto estávamos fazendo um último passe sobre o campo, duas motocicletas vieram a toda velocidade pela estrada empoeirada e frearam bruscamente à beira da grama para olhar. Quando nossas rodas tocaram o chão, perdi a visibilidade da pista à frente, prendi a respiração e fiquei prestando atenção às manchas brancas dos marcos passarem pelas bordas das asas. Mantive o avião tão reto quanto pude e apertei fundo os pedais do freio. Depois de quinze agonizantes segundos, rolamos a uma velocidade normal e, com muita força e freio, o biplano fez a curva muito cuidadosamente na sua trilha e taxiou de volta à estrada e aos motociclistas.

Enquanto descia da nacele, fiquei pensando em quanta comida e gasolina podia comprar com onze centavos.

— Vocês gostariam de voar? — Green City do ar; um lugar realmente bonito. Eu lhes darei um passeio extra, visto que foram simpáticos vindo aqui para me receber. São só três dólares cada um. — Eu estava espantado, ouvindo minhas próprias palavras. Levar passageiros deste campo? Eu estou louco!

Mas eu tinha aterrissado aqui uma vez, e podia fazê-lo novamente. Para que foi construído este avião, a não ser para levar passageiros?

— Vamos, Billy! — disse um dos garotos. Eu nunca estive lá em cima num destes aparelhos abertos, e este é o tipo que papai aprendeu a pilotar. Você pode nos levar a ambos?

— Claro que posso — eu disse.

— Bem, espere. Eu não sei se temos dinheiro.

Eles estavam folheando suas carteiras de notas, apanhando esparsas notas verdes. — Cinco e cinquenta é tudo o que temos. Você nos leva a voar por isto?

— Bem, visto que vocês chegaram aqui tão rápido... OK. — Peguei as notas no total de cinco dólares e duas moedas de prata e, de repente, senti-me solvente outra vez. Comida! Esta noite eu comeria um bife!

Esvaziei a carga do assento dianteiro e coloquei os cintos em meus dois passageiros, apertando, inconscientemente, um pouco mais do que o usual.

Instalado na minha nacele, alinhei cuidadosamente na pista gramada inclinada, e empurrei a manete para frente. Apesar de todos os indícios de que eu ia me meter em apuros, estava feliz por estar no ar com meus passageiros. Aquele momento estava documentado naquele dinheiro no meu bolso, e depois de alguns minutos fazendo vôos rasantes, eu teria apenas que aterrissar e comer. Procurei novamente outros lugares para descer, mas não havia nenhum. As montanhas, minas de dinheiro, eram pequenas demais, longe demais da cidade. De qualquer forma, as motocicletas estavam no aeroporto; tínhamos que fazer mais uma aterrissagem no alto trapézio.

Em 10 min, estávamos circulando a pista novamente, e na pouca claridade, não parecia nada fácil aterrissar sobre ela. Os passageiros estavam curiosos para ver sobre o nariz enquanto aterrissávamos, e eles taparam a visão que eu tinha no momento em que cortei a manete.

Atingimos o solo e pulamos, e a sensação foi de que nos movemos para a direita. Pensei no aterro no lado direito da pista, e empurrei o leme esquerdo. Foi demais. O biplano deu uma guinada para a esquerda, e sua roda esquerda saiu da pista. Enquanto eu acionava o leme direito, a asa esquerda estava passando como um raio um pé acima de outeiros com capim e terra dura, movendo-se rapidamente na direção de um marco de madeira e daquela construção metálica. Acionei o leme todo para a direita e engrenei a manete, rolando a trinta milhas por hora. O avião pulou para trás sobre a pista, um instante antes que a construção passasse por ele, e viramos bruscamente para a direita, Voltei com o leme todo para a esquerda

e pisando fundo nos freios. Paramos bem à beira do aterro, e eu estava arrasado. Isto é o que os pilotos errantes fazem quando estão desesperados por dinheiro.

— Ei, isto foi maravilhoso! Vocês os viu saírem correndo quando passamos sobre a casa?

Meus passageiros não podiam estar menos felizes do que eu por estar no chão novamente, e peguei uma carona, agradecido, até à cidade, na traseira de uma motocicleta.

A praça da cidade era uma pequena Kahoka. Havia mesas para piqueniques no parque, um Sino da Liberdade sobre um pedestal, a base do batedor e o monte do lançador, e uma cabine telefônica com o vidro quebrado do lado da base do batedor. As fachadas quadradas das lojas olhavam para o parque de todos os quatro lados, e uma delas era o Lloyd's Café. O Lloyd estava sendo varrido e o lugar estava vazio.

— Eu poderia arranjar alguma coisa para você — ele disse — contanto que não se importe muito com a minha comida. Minha mulher está fazendo compras.

O "The Town House Grill" (Pare-&-Coma) estava fechado. Restava somente o "Martha's", do outro lado da esquina do "Lloyd's". O "Martha's" não só estava aberto como tinha dois clientes. Sentei-me a uma mesa e pedi meus hamburgers e milkshakes de chocolate, sentindo-me rico. Como o dinheiro muda de valor! Num dia rendoso, seis dólares não eram nada, uma pequena gotinha no oceano da prosperidade. Hoje, meus \$5.50 significam riqueza, porque era mais do que eu precisava. Mesmo depois de ter jantado e comido corn chips e doces, tinha quatro dólares líquidos.

Voltando para o biplano, sentia-me um intruso na cidade. As luzes acendiam-se nas casas e às vezes chegavam até a calçada. De vez em quando alguém ficava zangado num jardim escuro e olhava para cima para me ver passar. As cumeeiras dos tetos das casas tinham estranhos ornamentos, parecendo dragões, silhuetas de navios vikings, todos feitos de metal.

O reservatório ficava a uma pequena caminhada do biplano, e eu me desviei. O chão era macio e escondido no capim alto. As flores eram pequeninas e imaculadas palhetas espalhadas cuidadosamente em volta. Os banhos estremeciam-se ao longo da praia, mais como setas vindas do céu, do que plantas crescendo da água. Em frente, uma rã coaxou como uma castanhola, e uma vaca invisível disse "múúúú", alto, na distância. O reservatório era um minúsculo Walden, apenas com pequenas ondulações no seu espelho escuro.

Voltei para o biplano pisando ruidosamente no capim e desenrolei o saco de dormir. A lua surgia e desaparecia atrás das nuvens, enquanto a tarde se fundia na noite. Chupei um drops de limão e ainda ouvia o som do motor roncando em minhas orelhas. A solidão, concluí, é o piloto errante sozinho.

Às 9h da manhã de um dia que eu não sabia qual era, circulamos sobre Milan, Missouri, deixando um rastro de som e cor, e aterrissamos num campo de feno, a uma meia milha de distância. Antes que eu tivesse colocado o cartaz no mourão, o primeiro pessoal da cidade chegou. Duas camionetas tipo "Pick-Up" pararam ruidosamente sobre as valas e os motoristas desceram, olhando.

— Você tem um pequeno problema no motor, não? — Ele era um sujeito velho, de macacão.

— Ah, não — eu disse. — Vôo por aí, dando passeios de avião — O que sabe você? Ele é um avião velho, também.

— Gostaria de voar? É bonito e frio lá em cima.

— Oh, não. Eu não — ele disse. — Tenho medo.

— Tem medo! Este avião tem estado voando desde 1929! Você não acha que ele poderia fazer mais um vôo sem se quebrar em pedacinhos? Não acredito que você esteja com medo.

— Ele cairá, com toda certeza, se eu entrar lá.

Puxei meu saco de dormir da nacele dianteira e virei-me para o outro observador.

— Pronto para voar? Três dólares, e Milan do ar. É uma bonita cidade.

— Iria, se pudesse ficar com um pé no chão.

— Não pode ver muito daquela altura. — Era evidente que eu não ia ter muitos clientes. Minha única esperança era que o biplano fosse uma coisa bastante estranha numa cidade sem aeroporto, para atrair os curiosos. Alguma coisa tinha que acontecer logo. A vareta do combustível mostrou que estávamos com menos de 24 galões de combustível. Iríamos precisar de mais gasolina dentro em breve, mas primeiro precisaríamos de passageiros, para pagar por ela. Tínhamos vindo de pobre para rico e para pobre novamente.

Um Ford sedan último tipo, vermelho vivo, atravessou o portão, ronronando nos seus silenciadores. Ao invés da placa no seu pára-choque dianteiro, lia-se *PAPA-CHEVROLET*. Vendo as pequenas bandeiras cruzadas em cromo no pára-lama, pensei que poderia ter alguma espécie de motor enorme sob o capô.

O motorista era um jovem de cara honesta, um tipo de envenenador de motores instruído, e ele andou para olhar a nacele.

— Gostaria de voar hoje? — perguntei.

— Eu? Oh, não. Sou um covarde.

— Ei, o que há com toda essa covardia? Todo mundo em Milan tem medo de aviões? É melhor eu arrumar as trouxas e ir embora.

— Não... haverá um monte de gente para voar com você. Eles apenas ainda não sabem que você está aqui. Você quer passear pela cidade, comer alguma coisa?

— Não, obrigado. Entretanto, poderia passear até aquele lugar do outro lado. O que é, uma oficina Buick? Acha que eles têm uma máquina automática de Coca-Cola?

— Claro, eles têm uma lá — ele disse. — Vamos, eu lhe darei um passeio. Não estou fazendo nada, mesmo. A camioneta "Pick-Up" se foi e ninguém mais apareceu na estrada. Parecia não haver hora melhor para o desjejum.

O enorme motor estava lá no Ford, e os pneus chiavam durante todo o percurso estrada abaixo.

— Você está pilotando aquele avião que chegou a pouco? — perguntou o revendedor Buick quando entramos em sua loja.

— É claro que sou.

— Não está tendo nenhum problema, está?

— Não. Estou apenas voando por aí, dando passeios.

— Passeios? Quanto você cobra por um passeio?

— Três dólares. Um passeio sobre a cidade. Cerca de 10 min. Você tem uma máquina automática de Coca-Cola?

— Bem lá no canto. Ei, Elmer! Stan! Dêem um passeio de avião com este sujeito. Eu pagarei.

Deixei cair uma moeda de dez centavos na máquina, enquanto o proprietário insistia dizendo que estava falando sério, e que seus garotos iriam voar.

Elmer largou sua chave de caixa imediatamente. — Vamos. — Stan não queria se mexer. — Não, obrigado — disse. — Não estou a fim hoje.

— Você está com medo, Stan — disse meu motorista do Ford. — Você está com medo de voar com ele?

— Não vi *você* voando, Ray Scott.

— Eu lhe disse. Tenho medo. Talvez voe mais tarde.

— Bem, eu não tenho medo de nenhum avião velho — disse Elmer. Terminei minha Coca-Cola e nos amontoamos no Ford vermelho.

— Fui um pára-quedista especial na Coréia — disse Elmer enquanto seguíamos. — Costumava subir num Gooney Bird e saltar de três mil pés, com um pára-quedas de dez pés. Dez pés e oito polegadas. Não tenho medo de nenhum passeio de avião.

— Um pára-quedas de *dez pés*? — perguntei. Elmer teria atingido o chão à cerca de quarenta milhas por hora.

— Sim. Dez pés e oito polegadas. Você sabe que não tenho medo de nenhum passeio de avião.

O Ford parou junto à asa do biplano e meu passageiro subiu a bordo. Num minuto estávamos voando, motor e ar trovejando à nossa volta, e lá embaixo a terra empilhada em montanhas de esmeralda esmigalhada. Passamos sobre a cidade, tentando arrebanhar passageiros do campo de feno. As pessoas, no chão, paravam e olhavam para nós, e alguns garotos de bicicletas começaram a pedalar e tive esperanças.

Elmer não estava apreciando o vôo. Ele se retesava firme contra o lado da nacele, e não olhava para baixo. Puxa, o homem estava aterrorizado! Devia haver uma grande estória atrás deste sujeito, pensei. Planamos para aterrissar e ele desceu antes que o motor estivesse girando livremente para parar. — Vê? Nada sobre um passeio de avião pode me meter medo!

Puxa, pensei, e fiquei imaginando sobre aquela estória.

— Pronto para dar um passeio agora, Ray? — ele disse.

— Talvez esta tarde. Tenho medo.

— Ray, com os diabos — disse. — Por que todo mundo nesta cidade tem tanto medo de aviões?

— Eu não sei. Bem, tivemos dois acidentes aéreos bastante feios este ano aqui, bem perto daqui. Um sujeito perdeu-se perto de Green City e entrou numa nuvem e depois bateu numa montanha. Depois, um pouco para o norte um bimotor, novinho em folha, teve uma pane nos motores e caiu num terreno cheio de árvores e pedras. Morreu todo mundo. Acho que as pessoas ainda estão preocupadas. Mas eu trarei algumas depois do trabalho, hoje.

Então era isso. Com aviões caindo do céu como traças tontas, não era de se espantar que as pessoas estivessem aterrorizadas.

Quando eles se foram, os pneus chiando e deixando uma fumaça azul, era hora de tomar uma decisão. Eu tinha \$6.91 no meu bolso, e 22 galões de gasolina. Se esperasse lá sem nenhum passageiro, estaria perdendo tempo e ficando mais faminto. Não podia gastar dinheiro para almoçar. Ou não. Desejei que Paul estivesse lá, ou Stu ou Dick ou Spence, para ser o Líder do Dia, mas eu estava obcecado pelo Líder e, finalmente, decidi gastar meu dinheiro em gasolina, agora. Talvez houvesse uma boa cidade para o norte.

Centerville estava a 40 milhas de distância e havia um aeroporto lá. Carreguei a nacele dianteira, dei partida no motor com a manícula, correndo de volta a manivela de arranque antes que a enorme roda encalhasse, e decolei rumo ao norte. Não faziam 10 min que estávamos no ar, quando achei que \$6.91 não dariam para comprar muita gasolina para o avião. Treze, quatorze galões, talvez. Eu devia ter ficado para voar com mais passageiros. Mas não havia nada a ser feito com relação a isto, meio caminho entre Milan e Centerville. O melhor plano era simplesmente puxar a manete para trás e usar o menos possível de combustível.

Gasolina para carro, pensei. Os velhos motores foram construídos para combustível de baixa octana. Eu conhecia pilotos de aviões antigos que usavam apenas gasolina comum para carros em seus motores. Algum dia

experimentarei, quando não tiver passageiros para voar, e ver como funciona.

Centerville estendia-se serenamente sob a asa, e 5 min mais tarde, rolamos até a bomba de 80 octanas.

— O que deseja? — perguntou o empregado do posto. — Quer alguma gasolina?

— Quero um pouco de gasolina de 80 octanas.

Ele empurrou a alavanca que acionou a bomba, e levantou o bico da mangueira para onde eu estava nas longarinas e cabos sobre o tanque de gasolina. Conferi novamente meu dinheiro e disse: — Diga-me quando tiver... seis dólares e oitenta e um centavos. — Guardei uma moeda de dez centavos para uma emergência.

— Uma maneira engraçada de comprar gasolina — ele disse.

— Sim. — A mangueira derramou o combustível dentro do vazio preto do tanque de 50 galões, e eu estava agradecido por cada segundo que se passava. Eu tinha trabalhado duro por aqueles \$6.81, e o combustível que comprava era precioso. Cada gota dele. Quando a bomba parou, conservei a mangueira lá, para que as últimas gotinhas caíssem dentro da escuridão. Havia ainda uma constrangedora quantidade de vazio abaixo do orifício de encher.

— Chega a dezesseis galões.

Dei-lhe a mangueira e, com ela, o dinheiro. Bem, dezesseis galões são mais do que eu esperava... agora, se eu pudesse voltar a Milan com a manete fechada o mais possível, poderia ter um pouco mais de gasolina no tanque do que quando saí.

Voamos em direção ao sul com o motor girando 1575 rpm, quase 200 rpm mais lento do que a potência de cruzeiro baixa. Arrastávamo-nos pelo ar, mas o tempo que levou para voltar a Milan não foi tão importante quanto a quantidade de combustível que usamos. Em 30 min, tínhamos coberto 30 milhas, e planamos mais uma vez para aterrissar sobre o feno. Ninguém esperava.

Visto que eu não podia dispor de combustível para acrobacias, e visto que Stu e seu pára-quedas estava a 1500 milhas de distância, restava-me o Método C. Desenrolei o saco de dormir debaixo da asa direita e resolvi empregar o Método C por 1h. Se até então não houvesse passageiros, iria embora.

Examinei o restolho do feno a umas poucas polegadas. Era uma selva imensa, com todos os tipos de animais perambulando ali. Havia uma grande fenda no solo, bastante larga para impedir que uma formiga a cruzasse. Havia um caule de feno ainda crescendo, uma meia polegada de altura. Arranquei-o e comi-o como almoço. Era macio e saboroso, e procurei por outros. Mas era só aquele, o outro feno estava velho e duro.

Uma aranha subiu numa folha alta de capim e ameaçou pular dentro do meu saco de dormir e me atormentar. Facilmente resolvido, aquele

desafio. Arranquei a folha e joguei a aranha dois pés para o sul. Virei-me e olhei para cima na base da asa por um instante, e tamborilei meus dedos em sua firmeza.

Uma e trinta. Em meia hora estaria me mandando... as pessoas aqui eram assustadas demais. Aquela cidadezinha Lemons, a caminho de Centerville, poderia ter algumas chances.

Uma camioneta "Pick-Up" veio ruidosamente na minha direção. Como toda "Pick-Up" em todas as cidades, tinha o nome de seu proprietário pintado na porta. *William Cowgill, Milan, Mo.* Li de cabeça para baixo, sob a asa. Uma camioneta "Pick-Up" preta.

Levantei-me e enrolei meu saco de dormir; era hora de partir.

Uma mente curiosa e inteligente perscrutou-me sob o topete de cabelos brancos, através de vivos olhos azuis.

— Como vai? — perguntei. — Quer voar hoje? É bonito e frio lá em cima.

— Não, obrigado. Como estão indo as coisas? — Junto a ele estava sentado um menino de doze anos, mais ou menos.

— Não muito boas. Acho que aqui não há muitas pessoas que gostam de voar.

— Oh, não sei. Provavelmente você conseguirá algumas esta tarde.

— Aqui está longe demais — eu disse. — Tem-se que ficar perto da cidade; caso contrário, ninguém nos vê.

— Você poderia ter melhor sorte na minha fazenda — ele disse. — Não é muito longe.

— Com certeza não a vi do ar. Aonde é?

O homem abriu a porta da camioneta, tirou uma grande tábua do banco traseiro e desenhou um mapa. — Sabe aonde é a fábrica de queijos?

— Não

— Lu-Juan's?

— Não. Sei aonde é a escola, com o hipódromo.

— Bem, você sabe aonde fica o lago. O lago grande, ao sul da cidade?

— Sim. Sei onde fica.

— Estamos bem do outro lado da pista daquele lago, para o sul. Região com lombadas. Há algumas vacas no lugar agora, mas de qualquer forma nós as tiraremos e você pode aterrissar lá. De fato, tenho estado pensando em fazer dali um aeroporto. Milan precisa de um aeroporto.

— Acho que posso encontrar aquilo. Bem do outro lado do lago. Eu estava certo de que o pasto não iria servir, mas eu tinha que ir embora mesmo, e poderia dar uma olhada.

— Certo. Vou dirigir a camioneta e o Cully aqui apanha o jipe na curva. Nós seguiremos e encontraremos você.

— Ok. Darei uma olhada, de qualquer forma — eu disse — se não servir, irei embora.

— Está certo. Vamos, Cully. — O garoto estava parado junto à nacele, olhando os instrumentos.

Em 5 min estávamos circulando uma pista de pastagem com lombadas. Um rebanho de vacas estava agrupado no centro, aparentemente comendo o capim. Caímos para um passe baixo, e a terra parecia macia. O pasto ficava ao pé de uma grande colina, e erguia-se como uma tranqüila montanha-russa até o topo. Logo depois do topo, havia uma cerca de arame farpado e uma fila de postes e cabos telefônicos. Se rolássemos fora da lombada, estaríamos em apuros, mas, então, se fizéssemos isso, seria por nossa própria culpa. Usada cuidadosamente essa seria uma boa pista para se trabalhar. Podíamos decolar colina abaixo e aterrissar colina acima.

O melhor de tudo, é que havia uma barraca de hamburger a cem jardas estrada abaixo. Se eu levasse apenas um passageiro, poderia comer!

As vacas se dispersaram galopando depois do primeiro passe sobre seus chifres. Havia um pedaço de papel na pista, um jornal amassado bem junto do lugar onde a lombada virava à direita. Tão logo visse aquele jornal passar, tocaria um pouquinho o leme para a direita.

Era mais difícil do que parecia, e a nossa primeira aterrissagem não foi tão suave como eu queria que fosse. Mas os carros já estavam estacionando junto à cerca para olhar o biplano voar, e imediatamente apareceram passageiros.

— Quanto você cobra por um passeio?

— Três dólares. É bonito e frio lá em cima também. — Passageiros antes de ter sido colocado o cartaz, pensei. Um bom presságio.

— OK. Voarei com você.

Ha, ha, pensei, almoço. Esvaziei a nacele dianteira novamente, percebendo que tinha gasto o dia inteiro carregando e descarregando o assento dianteiro, e afivelei o cinto no meu passageiro. A vista do topo da lombada era bonita, rolando montanhas para o horizonte, as árvores e as casas da cidade que eles chamavam "My-l'n" descansando tranqüilas sobre uma suave elevação do solo. Decolamos montanha abaixo, o biplano avançou, estava no ar em segundos, e subiu rapidamente sobre os campos.

Circulamos a cidade, o passageiro olhando para baixo para a praça e para o tribunal de justiça municipal contratado lá, o piloto pensando que ele poderia ter acabado de encontrar um bom lugar para fazer exposições. Um círculo para a esquerda, um para a direita, uma volta sobre o lago particular e um cais, uma espiral descendente sobre o pasto, com uma fila de automóveis esperando, e nossa segunda aterrissagem no topo da lombada. Transcorreu suavemente. O lugar funcionaria. Descobrimos este campo, era descobrir um diamante escondido num secreto porta-jóias verde.

Era uma cidade diferente, aqui. As pessoas estavam muito mais interessadas no avião, e queriam voar.

— Você poderia ter ido para o leste, sobre o campo de golfe — disse Bill Cowgill quando chegou a camioneta — conseguir algumas pessoas lá, talvez. — Ele estava mais interessado em fazer do vôo um sucesso do que qualquer um com que tínhamos trabalhado. Provavelmente porque ele queria ver como a região funcionava como um aeroporto.

— Como você está de gasolina, Bill? — perguntei. — Há um posto de gasolina por aí, você tem um latão de gasolina de cinco galões, gasolina comum para carros?

— Tenho um pouco em casa, se quiser. Tenho bastante no tanque.

— Bem, eu poderia pagar-lhe dez galões talvez.

Mais dois homens desceram dos carros. — É você que está dando passeios? — perguntaram.

— Certo.

— Bem, vamos. — Nós fomos.

Circulamos a região, vi que os carros tinham estacionado exatamente ao lado do fim da minha pista. Se tocássemos o chão por muito tempo e rolássemos retos pela lombada, iríamos no meio de todos eles. Cortei a manete para trás e decidi que, se estivéssemos rolando rápidos demais, eu viraria para a esquerda, para baixo, do lado da lombada, e para cima, do lado do topo e depois, deliberadamente, um cavalo de pau à direita. Se tudo acabasse bem, não danificaria nem mesmo o avião. Ainda assim, eu não queria demorar muito na aterrissagem.

Como um resultado de toda essa maquinação, entramos numa aterrissagem difícil, elevamo-nos no ar novamente, e decolamos as asas ao longo da lombada para parar. Foi um lembrete de que não queríamos fazer uma aterrissagem curta demais, também.

Destes primeiros passageiros eu tinha agora \$9 no meu bolso, e deixei o avião para seus espectadores por um instante e atravessei a rua até a barraca de hamburger, Lu-Juan's. Ah, comida! Assim como a gasolina era preciosa para o biplano, também aqueles dois cachorros-quentes e dois milkshakes eram preciosos para o piloto. Eu estava feliz só em estar sentado calmamente e comer alguma coisa mais substancial do que feno.

O biplano tinha agora uma boa multidão de espectadores parada ao seu redor, e comecei a ficar preocupado com o seu material. Pedi um suco de laranja para ir, e depois voltei ao avião. Havia muitos passageiros esperando para voar.

De vez em quando, durante os momentos de calma na tarde, Bill falava novamente sobre o campo. — Se você fosse fazer um aeroporto desta pista, o que faria para repará-la? Por menos de quinhentos dólares, digamos.

— Não precisaria muito. Talvez aterrizar aquela parte debaixo à direita do fim, entretanto aquilo seria um terreno aterrado. Não precisaria fazer aquilo; tudo o que você teria de fazer seria assinalar o chão mais nivelado. Este é o maior problema, escolher justamente aonde tocar o chão e rolar.

— Você não diria para nivelar o lugar?

— Acho que não. Nada melhor do que decolar morro abaixo e aterrissar morro acima. É só pôr no chão um pouco de cal ou algo parecido, para marcar aonde aterrissar. Coloque uma bomba de gasolina mais tarde, se quiser. Com o lago lá e o lugar para comer, esta seria uma ótima pequena pista.

— De que largura você acha que ele deveria ter?

— Oh, talvez daqui... até... lá, seria uma largura suficiente. Seria bastante larga.

Ele apanhou um machado de dois gumes no chão da camioneta e cortou um marco e enterrou no chão de cada lado da área de aterrissagem.

— Marcarei apenas este daqui e talvez algum dia teremos alguma coisa acontecendo.

Como acontecia aos primeiros pilotos errantes, aconteceu a mim. Um machado marca o lugar aonde o primeiro avião aterrissa, e algum dia no futuro, haverá muitos aviões aterrissando. Não pensei até mais tarde, que se este campo se transformasse numa pista de pouso, haveria um pasto a menos no mundo para pilotos errantes decolarem.

— Voarei com você se me prometer voar bem suave...

Era meu motorista do Ford vermelho e pretendo covarde, Ray.

— Você quer subir naquela coisa perigosa — eu disse — aquele avião velho e perigoso?

— Só se prometer não virá-lo.

Tive que sorrir; apesar de suas palavras de temor, o homem absolutamente não tinha medo; ele pilotou o avião como um veterano, o círculo sobre o campo de golfe, os dois círculos da cidade, a espiral fechada sobre a pista, olhando para baixo, como se fosse tudo um sonho.

— Foi realmente divertido — disse, e voltou para o seu carro, feliz.

— Passeio grátis para o proprietário, Bill — eu disse para o Cowgill mais velho. — Vamos.

— Acho que Cully deseja mais do que eu dar um passeio.

Cully desejava, e tirou seu próprio capacete de couro para voar do jipe quando correu para o avião. — Papai comprou para mim no saldo de guerra — explicou, subindo sozinho para o banco dianteiro. — Ele estava gostando de seu passeio antes mesmo de termos deixado o chão.

Com as minhas dívidas pagas, e feito o último passeio, derramei dois latões de cinco galões de gasolina comum dentro do tanque. O bastante para voar sozinho e verificar o efeito da gasolina para carro no motor. Ele teve um desempenho tão bom quanto o combustível para avião, se não um pouco melhor.

Assim, por volta do pôr-do-sol, tinha voado com vinte passageiros e tinha \$49 no meu bolso depois de ter gasto em comida e combustível. Uma

sensação boa da noite no campo de feno, com uma moeda de dez centavos para o meu nome.

Eu sabia agora, sem sombra de dúvidas, que o passado existe, que há um lugar de escape, que um homem pode sobreviver sozinho com seu avião, desde que ele assim o deseje. Milan tinha sido boa para mim, e eu estava feliz. Mas amanhã seria hora de partir.

Capítulo 19

OS DIAS SE PASSARAM, até os eventos de agosto e setembro. Feiras municipais, com vacas especiais escovadas e carneiros penteados esperando pelo julgamento, comendo apenas sobre a mais limpa e polida palha.

Moedas chovendo sobre os cristais com o som dos repiques do vento na noite, acima da canção do camelô: "Nickel in the crystal glass, folks, and it's yours to take home. Toss a nickel and win a glass..."

Ruas calmas, cidades velhas; onde o Teatro Vogue tinha se transformado numa oficina mecânica, e finalmente fechou.

Pessoas com recordações dos velhos aviões voando, e as secas e as inundações, o bom e o ruim de décadas.

Jarros com um pé de altura de Oatmeal Cookies da Sra. Flick, três por cinco centavos.

Mulheres vestidas como pioneiras nos festejos da pequena cidade, e quadrilhas nas ruas.

A música amplificada e ecoando através da luz das estrelas, murmurando sobre as asas paradas de um biplano e através da rede de seda de um piloto errante que ouvia, observando a galáxia.

Um homem grande, corpulento e grisalho do tamanho de uma montanha, Claude Shepherd, cuidando de seu monstro de ferro, o Trator com a Caixa de Distribuição a Vapor, construído em 1909. Vinte toneladas de metal, barris de água, depósitos de carvão, um imenso touro engrenando as rodas motrizes com sete pés de altura. — Tenho de gostar de força a vapor desde os tempos em que eu era uma criancinha, nos joelhos de meu avô. A força mais suave do mundo, o vapor. Quando eu tinha cinco anos, podia ajustar as válvulas... nunca ficar sobre ele, nunca ficar sobre o adorado vapor.

Passageiros, passageiros, homens e mulheres e crianças levantando-se para ver o céu, para olhar para baixo nas torres de água de cidades por toda a parte do Meio-Oeste. Cada decolagem é diferente, cada aterrissagem é diferente, cada pessoa na nacele à frente é uma pessoa diferente, guiada para a tranqüila aventura. Nada aconteceu por acaso, nada por sorte.

Desde o nascer-do-Sol até o pôr-do-Sol e até o nascer-do-Sol. Ar turbulento, chuva e vento e tempestade e neblina e relâmpago e ar turbulento novamente.

O Sol refrescante e frio e amarelo como nunca vi. A grama está tão verde que chega a faiscar sob as rodas. O céu azul e puro como os céus sempre costumam ser, e as nuvens mais brancas que o ar do Natal.

E, acima de tudo, liberdade.

Capítulo 20

ENTÃO CHEGOU UM DIA, quando decolamos, o biplano e eu para o Iowa.

Voamos em direção ao norte, olhando para baixo. Uma cidade tinha um bom campo de feno, e circulamos e aterrissamos. Mas a margem não estava lá. Se o motor parasse na decolagem, havia apenas o chão duro à frente. Existem pessoas dizendo que as chances de uma pane no motor durante a decolagem são remotas, que não vale a pena elas se preocuparem, mas estas pessoas não pilotam aviões velhos.

Decolamos novamente e viramos mais longe para o norte, no ar frio de outono. As cidades aqui eram ilhas de árvores, isoladas por mares de plantações de milho prontas para a colheita. O milho crescia bem perto da cidade, e não havia muitos lugares possíveis de se trabalhar. Mas eu não estava preocupado. A questão da sobrevivência tinha sido há muito tempo respondida. Alguns bons lugares sempre surgiam ao pôr-do-Sol.

Tinha acabado de me livrar de mais outra cidadezinha quando o motor afogou, uma vez, e uma lufada de fumaça branca perdeu-se atrás do jato do vento. Sentei-me reto no assento, tenso como ferro.

A fumaça não estava indicando boa coisa. O Wright nunca agiu estranhamente, a menos que estivesse tentando me dizer que algo estava errado. O que ele estava tentando dizer? Fumaça... fumaça, pensei. O que podia produzir uma lufada de fumaça branca? O motor estava girando suavemente outra vez. Ou não? Ouvindo muito cuidadosamente, achei que ele estava girando pouquinho coisa mais rouco. E eu podia sentir o cheiro do escapamento mais do que normalmente podia. Mas todos os instrumentos estavam apontando nos seus devidos lugares: pressão do óleo, pressão da temperatura, tacômetro... justamente como deviam estar.

Empurrei a maneta para frente e subimos. Apenas no caso de algo estar errado, queria mais altitude para planar, se tudo caísse em pedaços e tivéssemos que aterrissar nas suaves montanhas abaixo.

Nivelamos em 2500 pés no ar gelado. O verão desaparecera.

Era aquilo um fogo debaixo da capota? Examinei o lado da nacele, do lado de fora, no vento, mas não havia sinal de fogo na frente.

Havia algo errado com o motor. Eis aí! Estava girando rouco, agora. Se o motor parasse, aquilo seria uma coisa, a causa para um funcionamento limitado. Mas este ronco e o cheiro do escapamento, e aquela lufada de fumaça... Tudo aquilo significava alguma coisa, mas era difícil dizer o quê...

Naquele instante, uma grande rajada de fumaça branca voou para trás, vinda do motor, um rio sólido arrastando-se numa densa esteira. Examinei o lado direito da nacele e não vi nada a não ser fumaça, como se tivéssemos sido atingidos embaixo, num combate real.

O óleo salpicava o pára-brisa e a viseira. Estávamos em apuros, avião.

Pensei novamente que estivéssemos pegando fogo, o que não seria bom num avião de pano e madeira, meia milha no ar. Desliguei o motor e a gasolina, mas ainda assim a fumaça espalhava-se lá fora, um longo traço fraco no céu. Meu Deus. Estamos pegando fogo.

Elevei o biplano sobre sua asa, bati o leme todo para a direita, e rolamos desenfreadamente na lateral em direção ao solo. Havia um campo aberto lá, com uma colina, e se fizéssemos tudo certinho...

A fumaça saiu mais fraca e finalmente parou, e o único som era o assobio tranqüilo do vento nos cabos e o barulho fraco da hélice movendo-se.

Havia um trator trabalhando do outro lado do campo em declive, ceifando o feno. Eu não podia dizer se ele nos tinha visto ou não e, naquele momento, não me importei.

Nivelamos, cruzamos a cerca, soltamos um pouco de velocidade, batemos na colina, no lado ascendente...

Tocamos o chão e forcei o manche para trás, enterrando a bequilha fundo no chão. Rolamos pelo pico da colina, movendo-nos com estrondo, diminuindo, e parando.

Sentei-me na nacele por um momento, agradecido por que o avião tinha estado sob controle todos os segundos. Talvez fosse alguma coisa de pouca importância. Uma válvula, talvez, ou um furo num pistão, bombeando óleo para dentro de um cilindro.

Desci da nacele e fui até o motor. Havia óleo escorregando de cada fresta do escapamento, e quando movi a hélice, o óleo gorgolejou lá dentro. Isto não era nada simples.

Desaparafusei o carburador e me lembrei de uma das aventuras de Pop Reid. — Óleo de foca no compressor — tinha dito anos atrás. — Ele queimou três galões de óleo em 2 min. Tive que desmontar o motor inteiro.

Em poucos minutos, a resposta era evidente. Um mancal no centro do motor tinha se quebrado, e o óleo derramou-se com o combustível em todos os cilindros. Daí é que saiu a fumaça e o óleo na minha viseira.

O Whirlwind, no fim do verão, estava terminado.

Aceitei a carona do fazendeiro e fui até Laurel, Iowa, no seu trator. Um telefonema para Dick Willetts, e ele estava a caminho com o Cub. Graças a Deus, novamente, pelos amigos.

Voltei ao biplano e o cobri para a noite que já vinha caindo. Não havia motor sobressalente. Podia vir aqui amanhã com um caminhão e levar

este motor para casa para montá-lo novamente, ou podia levar o avião inteiro para casa num reboque. De outro jeito, demoraria um pouco antes que voasse novamente.

O pequeno Cub amarelo era uma visão bonita no céu, e Dick aterrisou-o levemente no topo da colina como uma pena numa fábrica de travesseiros. Nós partiríamos e o Parks ficaria no seu campo. Subi no banco traseiro do Cub e decolamos sobre o feno e rumo ao lar. O avião parecia perdido e solitário à medida que diminuía na distância.

Durante todo o tempo de vôo, fiquei pensando sobre o significado da pane do motor, porque ele parou daquela maneira, e onde e quando parou. Não existe essa coisa de azar. Existe uma razão e uma lição atrás de todas as coisas. Contudo, a lição nem sempre pode ser simples de se ver, e quando aterrissamos em Ottumwa, eu não a tinha visto. Eu tinha apenas uma pergunta sobre a pane do motor: Por quê?

A única coisa a fazer era levar o avião para casa. O primeiro vendaval podia danificá-lo, e a primeira tempestade de granizo destruí-lo. Ele não estava num lugar seguro no mau tempo, com o inverno já se anunciando.

Pedi emprestado uma camioneta "Pick-Up" e um reboque comprido e plano a Merlyn Winn, o homem que vendia aviões Cessna no aeroporto de Ottumwa, e nós três viajamos as 80 milhas para o norte: um jovem colega chamado Mike Cloyd, Bette e eu. Seja como for, tínhamos de encontrar um jeito de desmontar o avião e colocá-lo naquele reboque, e fazê-lo nas 5h que restavam antes do anoitecer. Não perdemos tempo.

— Ele parece um pouco triste, não? — disse Mike, quando as asas estenderam-se amarelas e frágeis sobre o feno.

— Sim. — Concordei apenas porque não me sentia com vontade de falar. O aparelho não me parecia triste. Parecia-se como um punhado de peças mecânicas separadas sobre o chão. A coisa não tinha mais vida, não era mais ele, não tinha mais uma personalidade. Não havia uma chance dele voar agora, e a única vida que ele conhecia era quando estava voando ou capaz de pilotar. Agora estava reduzido à madeira e aço e tecido envernizado. Uma pilha de peças para carregar num reboque e levar para casa.

Finalmente, terminamos e era só me sentar na cabine e dirigir a camioneta estrada abaixo até que chegássemos em casa. Eu ainda não conseguia entender porque tudo isto estava acontecendo, que coisa importante eu teria perdido se o motor não tivesse sofrido uma pane.

Entramos na estrada Interestadual 80, toda moderna e com pista de alta velocidade. — Mike, vigie o reboque de vez em quando, sim? veja se não está caindo nada fora.

— Parece que está tudo bem — ele disse.

Aceleramos até 40 milhas por hora, felizes por estarmos na estrada rápida para casa. Seria bom terminar com esse negócio.

A 41 milhas por hora, muito ligeiramente, o reboque começou a se debater de um lado para outro. Olhei pelo retrovisor e pisei no freio. — Segurem-se — disse, e fiquei pensando por que teria dito aquilo.

O reboque demorou 10 min naquela função. De um leve movimento, ele desviou-se mais forte para a esquerda e para a direita, e depois investiu repentina e desenfreadamente de um lado para outro atrás de nós, uma baleia sacudindo um anzol de suas mandíbulas. Os pneus rangiam freqüentemente, e a camioneta foi jogada violentamente para a esquerda. Tínhamos perdido o controle.

Nós três éramos espectadores atentos, sentados juntos na cabine da camioneta, incapazes de dirigir ou parar. Deslizamos para um lado, depois para trás, e olhei para fora pela janela esquerda para ver o reboque chocado contra o lado da camioneta, colado lá, enquanto saímos da estrada. Pude esticar a mão e toquei na enorme fuselagem vermelha por um instante, mas então deslizamos para dentro de uma vala com capim entre as duas rodovias da Interestadual.

O corpo inerte do avião balançou-se sobre uma roda, equilibrando-se lá um segundo em câmara lenta e depois, lentamente, caiu com estrondo de cabeça para baixo dentro da vala. Sentei-me ociosamente e fiquei olhando a seção central e suas longarinas dobrando-se para baixo, lentamente, curvando-se, rompendo-se, espatifando-se sob a fuselagem de mil libras. Foi tudo muito tranqüilo. Como um saco de papel, pensei, da maneira como ele se dobra.

Paramos todos numa organizada fila: camioneta, reboque, fuselagem; como animais marinhos pescados e colocados lado a lado no capim.

— Todo mundo está bem? — Todo mundo estava bem.

— Não consigo abrir a porta neste lado, Mike, o reboque a está emperrando. Vamos sair do seu lado.

Eu estava aborrecido. A lição tinha me escapado inteiramente. Se não existe nada por acaso, o quê, em nome de Deus, isto tudo significava?

A fuselagem que somente tínhamos conseguido colocar no reboque através da força bruta, estava agora de cabeça para baixo, rodas no ar. Gasolina e óleo derramavam-se dos tanques. As asas inferiores estavam presas entre o reboque e o corpo do avião, todas furadas. Uma caixa do balancim do motor estava achatada, onde tinha batido no concreto. Poderíamos também pôr fogo em tudo, pensei, e irmos para casa sozinhos. Está morto, está morto, está morto.

— O engate arreventou — disse Mike. — Olhe, ele arrancou o pára-choque, arrancou o metal.

Então foi isso. O engate do nosso reboque ainda estava firmemente acoplado e amarrado, mas ele tinha sido integralmente arrancado do pesado aço do pára-choque. Seria preciso usar pelo menos cinco toneladas sobre o engate para cortá-lo, e a carga total no reboque era pouco mais de um décimo disso.

Quais eram as chances deste acontecimento na hora em que coloquei o biplano num reboque plano, na única vez que ele não tinha sido capaz de decolar sozinho de um campo, com uma camioneta e um reboque que tinham sido projetados para rebocarem aviões? Uma em um milhão.

Carros e caminhões paravam ao longo do acostamento para ajudar e olhar.

Um motorista de caminhão trouxe um pesado macaco e levantamos a "Pick-Up" para soltá-la do reboque, ilesa, e a encostamos no acostamento. Àquela hora já estava completamente escuro e trabalhávamos à luz dos faróis; tudo parecia um pesadelo dantesco.

Com dez homens e com uma corda grossa amarrada do caminhão à fuselagem, nós finalmente arrastamos o que restou do biplano de dorso para baixo, e fizemos força novamente para colocá-lo sobre o reboque. Fiquei pensando como iríamos rebocar sem um engate, ou mesmo tirar o reboque da vala rasa de capim.

Um grande caminhão de carga parou perto do avião e o motorista desceu. — Posso lhes ajudar? — perguntou.

— Duvido muito; acho que não há muita coisa que se possa fazer. Obrigado.

— O que aconteceu?

— O engate se partiu.

O homem foi olhar o metal partido. — Ei, olhe — disse. — Tenho um engate no meu caminhão e não preciso estar em Chicago senão daqui a dois dias. Talvez eu possa rebocá-lo para alguma parte. Tenho um certo interesse em aviões... piloto de linhas aéreas de Chicago. Meu nome é Don Kyte. Estou vindo da Califórnia para casa. Ficaria feliz em ajudá-los.

Àquela altura eu tive plena consciência do que estava acontecendo. Novamente... quais são as chances deste sujeito vir por esta estrada, neste mês, nesta semana, neste dia, nesta hora, neste minuto, quando não tenho nenhuma possibilidade de puxar aquele reboque, e ele vem não apenas num caminhão, não apenas num caminhão vazio, como também num caminhão vazio com um engate de reboque nele, e não só acontece dele gostar de aviões, como também é um piloto de linhas aéreas e tem dias livres? Quais são as chances de uma coincidência fortuita como esta?

Don Kyte deu marcha à ré com seu caminhão para dentro da vala, puxou o reboque em linha reta, depois engatou-o e puxou-o para a estrada.

A polícia chegou, e também uma ambulância, piscando as luzes vermelhas na escuridão. — Alguém ferido? — perguntou o policial.

— Não. Todo mundo está bem.

Ele correu de volta ao rádio de seu carro patrulha para relatar isto, e depois veio lentamente, para ver o avião rebocado. — Soubemos que houve um acidente de avião na Interestadual — disse.

— Sim, uma espécie de acidente. — Expliquei o que tinha acontecido. Algum carro foi atingido? — Ele começou a escrever num bloco.

— Não.

— Ele segurou seu lápis e pensou. — Nenhum carro atingido, ninguém ferido. Isto não é nem mesmo um acidente!

— Não, senhor, não é. Já estamos prontos para irmos embora agora.

Desengatamos o reboque junto ao hangar de Ottumwa à meia-noite, e Don passou a noite conosco. Descobrimos que tínhamos amigos comuns de uma costa a outra, e eram 2h30min quando finalmente transformamos o sofá numa cama para ele e o deixamos sozinho para dormir.

No dia seguinte, fui até o aeroporto e descarreguei as peças do avião, empilhando-as no fundo do hangar.

Merlyn Winn veio ao meu encontro, seus passos ecoando no lugar gigantesco.

— Dick, não sei o que dizer. Aquele engate foi soldado com ferro de má qualidade, e ele escolheu justamente esta hora para se partir. Caramba, lamento o que aconteceu.

— Não está tão ruim, Merlyn. A seção central e longarinas, a maior parte danificada. De qualquer forma, o motor tinha de ser vistoriado. Alguns reparos nas asas. Será um bom emprego no inverno.

— Boas recordações sobre os velhos aviões — ele disse. — Não se pode simplesmente pô-los de lado. Todavia, é uma pena que tenha de acontecer.

Uma pena que tenha de acontecer. Merlyn foi embora, e logo depois saí do hangar para a luz do Sol. Aquilo nunca teria acontecido, de modo algum, se tivéssemos ficado em casa, se o biplano e eu tivéssemos voado somente nas tardes de domingo, perto do aeroporto. Eu não teria, então, nenhum avião espatifado, nenhuma peça no hangar esperando para ser remontada. Não teria havido nenhum acidente em Prairie du Chien, ao apanhar um lenço no chão com a borda da asa. Nenhum acidente em Palmyra, quando Paul satisfez seu desafio. Nenhum acidente na Interestadual 80, quando um engate de reboque partiu-se estranhamente.

Stu não teria caído verticalmente pelo ar, ou nos confundido com seus pensamentos silenciosos, ou tido a maior diversão de sua vida. Nenhum rato atacando meu queijo. Nenhum passageiro voando pela primeira vez, nenhum "É o máximo!", nenhum "MARAVILHOSO!", nenhuma imortalidade nos álbuns de famílias do Meio-Oeste. Nenhuma pilha de dinheiro amassado, nenhuma prova de que hoje, um piloto errante pode sobreviver, se ele quiser.

Nenhum Claude Shepherd, junto ao seu monstruoso, gigantesco e estridente motor, falando das maravilhas do vapor. Nenhuma feira municipal, nenhum zumbido de mosquito à meia-noite, nenhum meliloto

para o desjejum, nenhum vôo em formação ao pôr-do-Sol ou tristeza ao ver um avião solitário desaparecendo no oeste. Nenhuma liberdade provada, nenhum daqueles estranhos casos que chamei de liderança, para sugerir que o homem não é uma criatura de sorte, fadado ao esquecimento.

Uma lástima? O que eu preferiria ter, uma ruína no hangar, ou uma peça polida de biplano que voou apenas nas tardes calmas de domingo?

Atravessei a rampa de concreto no sol e, por um momento, eu estava no biplano novamente e estávamos voando juntos ao lado do Luscombe e do Travelair, lá em cima no vento, sobre aqueles campos verdes e cidades de outra época. Eu ainda não sabia o por quê da ruína, mas algum dia o saberia.

O que importa, pensei, era que a cor e o tempo ainda esperavam por mim, como se eles sempre o tivessem, bem além do horizonte de uma terra especial, livre e encantada, chamada América.

Epílogo

NÃO DEMOROU um inverno para remontar o biplano, mas dois anos.

Dois anos de dólares economizados e trabalhando nos destroços — tirando a madeira e o pano estragados, as longarinas quebradas, o que sobrou do motor. Durante aquele tempo, terminei e cobri uma nova seção central para a asa dorsal, recoloquei uma dúzia de partes estilhaçadas no corpo e asas do avião, fiquei de sentinela com água, enquanto maçaricos recolocavam as ferragens torcidas com aço quente e novo, enquanto novas longarinas eram perfiladas de tubos aerodinâmicos.

Pouco a pouco, os meses foram se passando. Tanque de combustível consertado — meses e meses — pára-brisa recolocado — meses e meses — rebordo perfilado de metal enrugado numa curva suave, e pintado.

Durante aquele tempo, uma parte do meu ser estava encerrada lá entre as peças e parafusos pelo chão do hangar, não mais livre, perguntando repetidamente, "Por quê?". Eu estava feliz em pagar o preço pela descoberta do meu país, ainda assim parecia tão desnecessário, e aquela parte de mim no hangar era, na verdade, grande e triste.

Amigos. Que palavra simples e bonita.

Dick McWhorter, em Prosser, Washington: — Tenho ainda um motor Whirlwind no hangar. Ele não funciona desde 1946, e é melhor você vistoriá-lo, mas parece que está bom. Eu o guardarei para você...

John Howard, em Udall, Kansas: — Claro, ficaria muito feliz em olhar o motor para você. E mais, tenho alguns parafusos para asas...

Pop Reid, em San Jose, Califórnia: — Oh, não se preocupe, garoto. Nós temos um anel coletor para aquele motor, e todas as conexões — nunca foram usadas. Você também poderia tê-las, elas estão disponíveis aqui...

Tom Hoselton, em Albia, Iowa: — Tenho tanto trabalho que não sei por onde começar, mas este é especial. Soldarei as ferragens para você numa semana...

Muito lentamente, os anos se passavam, enquanto eu lutava para ganhar a vida com uma máquina de escrever de segunda mão, o biplano transforma-se no casulo quadrado de seu hangar.

Fuselagem terminada. Asas colocadas e montadas. Cauda no lugar, motor montado. Rebordo novo.

E então chegou o dia em que a velha hélice no novo motor moveu-se aos solavancos numa mancha prateada, e subitamente o biplano, dois anos morto, estava vivo outra vez, lançando violentos ecos pelas portas do hangar. Lá em cima, no barulho e no vento, os braços pretos do balancim estalavam para cima e para baixo, salpicando graxa nova para trás, vindo de suas caixas destampadas.

Tanto tempo morto, e eu estava vivo. Tanto tempo acorrentado, e eu estava livre.

Finalmente, a resposta ao por quê. A lição que tinha sido tão difícil de encontrar, tão difícil de se aprender, veio rápida, clara e simples. A razão para os problemas é vencê-los. Por que, pensei, esta é a verdadeira natureza do homem, ir além dos limites, para provar sua liberdade. Não é o desafio com que nos deparamos, que determina quem nós somos e o que estamos nos tornando, mas a maneira que respondemos ao desafio, se tocamos fogo nos destroços, ou trabalhamos até o fim, passo a passo, para a liberdade.

E, atrás disto, pensei, levantando o biplano mais uma vez no céu, existe não uma chance cega, mas um princípio que funciona para nos ajudar a compreender, um milhão de "coincidências" e amigos que vêm para nos mostrar o caminho quando os problemas parecem difíceis demais para serem resolvidos sozinhos.

A realidade para mim, a realidade para o meu país América.

Viramos suavemente sobre uma nuvem, e a ofuscante luz do Sol, uma milha no ar, rumando para as cidades de Nebraska.

Problemas para vencer. Liberdade para provar. E, enquanto acreditamos no nosso sonho, nada por acaso.

FIM